THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book .R37C6

Eff. por Liéfrein.
1
1700
4006

CONTOS

E

POESIAS AÇORIANAS

POR

Ernesto Rebello

HORTA
TYP. HORTENSE—RUA DE S. FRANCISCO N.º 4.
1873.

CONTOS E POESIAS AÇORIANAS

CONTOS

E

POESIAS AÇORIANAS

POR

ERNESTO REBELLO.

HORTA

TYP. HORTENSE.=RUA DE S. FRANCISCO, N.º 4.

1873.

PQ9261
R37C6

387270
'29

Ao Ill.mo Ex.mo Sr.

AMP Sept. 17/32

DR. JOSÉ COELHO DA GAMA E ABREU

DISTINCTO BRAZILEIRO

Offerece

O Auctor.

Não se recommendará, este livro, por aprimorados lavores d'estylo, nem as suas paginas aspiram a outra cousa mais do que offerecer alguns momentos de recreio, algumas lembranças da patria áquelles que em paiz estranho com tanta saudade a recordam.

Offerecidas a um cavalheiro que nos é bem caro, possa o seu nome distincto, gravado na primeira pagina d'este volume, escudar-nos no arrojo de similhante tentativa.

Empreza modesta, firmada por obscuro escriptor, ressentir-se-ha, por ventura, de graves defeitos, dos quaes, desde já, pedimos desculpa aos nossos leitores.

Agrestes, como as montanhas do paiz aonde nasceram, possam as pobres flores que compõe esta obra viver alguns dias na memoria, ao menos, dos açorianos.

Cumpre-nos, egualmente, dar n'esta occasião, um publico testemunho de gratidão á valiosissima coadjuvação que, expontaneamente, nos dispensou para a publicação d'este livro o nosso respeitavel e bom amigo o Ex.mo Snr. George S. Oliver, coadjuvação que nos aplanou, em grande parte, difficuldades com que teriamos a luctar n'uma empreza exclusivamente açoriana, attentos os poucos recursos de que a imprensa n'estas terras ainda dispõe.

Horta, 1.º de fevereiro de 1873.

COMO ACABAM VAIDADES

E' verdadeira miseria viver sobre a terra. Quanto mais o homem se applicar a viver segundo o espirito, tanto mais se lhe faz amargosa a vida presente; pois melhor conhece e vê com clareza os defeitos da corrupção humana.

Imitação de Christo.

I

Ao norte da freguezia da Praia do Almoxarife, no Fayal, no cume de uma agreste elevação, e depois de termos por alguns minutos caminhado por mal aberto atalho, deixando além a estrada de Pedro Miguel, encontram-se alguns negros penedos, que a Providencia ali lançou solitarios e tristes, como marcos funerarios de uma geração passada.

Ao cabo de um longo passeio repousa-se n'aquelle sitio agradavelmente; estes rochedos denominados pelo povo=a Lomba dos Frades=estão na parte mais elevada do terreno, e quasi sobranceiros á freguezia de Pedro Miguel, para a qual se desce d'ali por pittoresca escadaria, toda cercada de luxuriante verdura, e abrigada dos raios do sol pelos ramos das arvores que de um e outro lado se cruzam.

Além o alvejar das casas por entre formosas searas, a torre singela da egreja, o canto alegre dos camponezes; aqui o silencio, a solidão e a tristeza, visitada ás vezes, somente, pelo voar cançado da ave do mar que até este sitio subio.

Ao lado d'esses rochedos existem ainda hoje os restos de algumas derrocadas paredes de uma habitação, que ha muitos annos o tempo destruio, e da qual a existencia irá em breve, para sempre, sumir-se da memoria dos homens.

E comtudo d'aquelle logar se elevaram preces ardentes, ali houve uma mocidade que padeceo, um coração que sentio, e um corpo do qual aquella terra é ainda hoje depositaria. Se a incuria dos seus nem se quer lhe elevou á cabeceira o symbolo sagrado da redempção, a bondade infinita de Deus dá-lhe um sorriso em cada madrugada, quando os primeiros raios do sol nascente o vem visitar na sua derradeira poisada.

Levantemos, pois, de leve uma ponta d'esse véo do esquecimento que tão cedo nos envolve nas suas dobras, retrocedamos uns setenta annos no viver dos povos d'esta ilha, e lancemos um breve golpe de vista n'essa sociedade de então, bem differente na realidade da que hoje por ahi se agita.

Em nenhuma das ilhas d'este archipelago tem, em tão pouco tempo, como no Fayal, desapparecido grande numero de familias abastadas que antecedentemente mais figuravam ou pela sua riqueza, ou então por titulos nobiliarios.

Houve aqui de certo algum grande peccado commettido por essa nobreza de então, cujo castigo se estendeu de geração em geração, ferindo com o seu anathema terrivel certas classes outr'ora privilegiadas.

A sociedade de hoje quasi indifferente ao contemplar

esses destroços, caminha n'uma outra senda, e por ventura se lembrará dos seus antepassados sem que um sorriso de desprezo lhe assome aos labios.

É isto um erro.

O passado não merece só irrisão, por vezes tambem nos obriga a respeital-o;—houve sem duvida grandes faltas, instituições que era forçoso derrubar, ideias mesquinhas que a luz do progresso veio em parte afugentar, mas a par d'isso tambem houveram grandes e nobres sentimentos de abnegação e honradez.

Quando um dia a voz imparcial do futuro julgar a nossa epocha, achará ainda, infelizmente, nas fileiras d' aquelles que mais apregoam a liberdade de hoje, bastantes falsos apostolos.

N'uma e n'outra epocha verá o poder servir amiudadamente de arma para sacrificar os opprimidos e os fracos.

N'uma e n'outra epocha emfim a cruz do Christo por vezes hasteada como lábaro de discordia em vez de bonançoso farol e a verdade desfigurada sob os mil cambiantes da prepotencia ou do cynismo.

Vivâmos pois agora, por alguns momentos, d'esse antigo viver; existem ainda certos pontos de affinidade que o não farão de todo desconhecido para nós, que tantas vezes nos longos serões do inverno temos ouvido essas immensas historias de então.

Esta, porém, possuirá a unica virtude com que nos é possivel adornal-a, será breve ;—virtude que se muitos observassem, grande aproveitamento traria á boa fama dos expositores e contentamento do publico.

II

Era grande a concorrencia que n'uma escura noite do inverno de 1798 se dirigia para uma vasta habitação da então villa da Horta. Esta casa de construcção irregular, muito comprida, possuidora d'uma enorme escada, e da qual as rasgadas janellas deixavam ainda assim passar atravez dos microscopicos vidros da epocha torrentes de luz, denunciava uma festa. As liteiras, unico meio de locomoção das nossas elegantes avós, ali affluiam constantemente, emquanto dois grandes candelabros suspensos da fachada da porta principal illuminam uma multidão de curiosos, homens e mulheres do povo, rindo, fazendo alarido e contemplando na passagem os convidados.

No interior, o salão destinado para o baile está ainda deserto. O esplendor derramado dos immensos lustres faz brilhar os enfeites doirados do tecto, carregado de festões de madeira e que por um capricho do architecto forma uma especie de cupula, no centro da qual se vê um anafado anjo, pessimamente pintado, tocando n'um instrumento pastoril. As paredes são caiadas, tendo por adornos grandes e bellos quadros de molduras doiradas e largas, representando as Estações

emquanto das magnificas jarras da India dispostas com arte sobre torneadas e negras mezas, uma variedade de flores, apezar da quadra invernosa, embalsamam o ar.

A sala anterior é a destinada para os cavalheiros que já ali se achavam em grande numero, todos paramentados de calção e meia de seda, conversando alegremente com o dono da casa, emquanto alguns criados de libré accendem as velas de cera das mezas de jogo, ha muito conhecidas de trez clerigos, que similhantes ao deão d'um dos nossos primeiros poemas heroe-comicos:

A vida em ócio sancto consumiam.

Ás sete e meia da noite, hora então considerada muito decente para começar qualquer sarau, o toque de uma sineta annunciava que a festa ia romper. Todos os cavalheiros apressadamente se levantavam, dirigindo-se até ás umbreiras da porta do salão, que nenhum infringia, ao tempo que do lado opposto uma outra porta até ali cerrada se abria, dando entrada a longa fila de senhoras, formosas como são geralmente as açorianas, porém com o andar um pouco automatico de quem lhe custava a conservar em equilibrio o immenso edificio do penteado, egualado somente nas proporções pelo tufado do vestido, sujeito então ás leis inflexiveis da primeira idéa das crinolines, que se denominava prosaicamente—*as anquinhas*.

Em vez da esmerada e classica luva de pellica branca, as *mitaines* bordadas deixavam á contemplação dos admiradores as alvas mãosinhas das suas apaixonadas, que manejavam com graça infinda não ramalhetes de flores, mas sim custosos leques.

A dona da casa rompia o respeitavel prestito, distribuindo successivamente ás senhoras o logar que lhes destinava, operação esta bastante melindrosa para não, levantar susceptibilidades, o que só um amestrado trato da sociedade podia satisfazer. As senhoras permaneciam pois de pé, até que ultimada a ceremonia e tudo em respeitoso silencio, o dono da casa convidava o cavalheiro mais qualificado a entrar no salão.

Este feliz mortal, ainda que fosse idoso, cresciam-lhe os animos a um tal convite, e com a attitude imponente do homem que vai convicto das altas funcções que tem a desempenhar, atravessava em todo o seu comprimento a sala até chegar em frente da senhora que fazia as honras do baile, situada em rigor na extremidade opposta, fazia-lhe uma grande mesura, e d'ali começava egual saudação ora para a direita ora para a esquerda, atè chegar ao ponto de partida, saudação que lhe era pontualmente retribuida por demorada mesura de cada uma das convidadas.

E assim de seguida para cada cavalheiro.

Todo o baile começava pela cantoria do *hymno* do monarcha reinante, e somente havia alguma demora se acaso ainda não tinha chegado um juiz de fóra, um corregedor, o general, ou alguma notabilidade da governança, que na ilha estivesse.

Depois seguiam-se os minuetes, e mais tarde a contradança, que meia duzia de pares innovadores tinham levado adrede a estudar para aquella noite. Geralmente ao terminar cada dança evacuavam os cavalheiros ceremoniosamente o salão, e só noite avançada reinava a convivencia e liberdade tão apreciaveis de hoje.

Abundosos e repetidos serviços, não das enfezadas producções culinarias dos nossos dias, mas sim immensos taboleiros de massas, carnes assadas, pouco chà

para as senhoras, e amiudadas libações de magnificos vinhos para os cavalheiros, entremeavam o decurso da noite.

São duas horas da madrugada. Agora que os sons do cravo e das rabecas, a luz, a dança, o calor e as flores tem produzido o seu effeito, agora que os homens, attrahidos pelo olhar fascinador das elegantes fayalenses, já se atrevem a final a romper a linha de separação que os estremava do bello sexo, agora que os trez clerigos, de que acima fallei, cercados de muitos espectadores jogavam a vigessima partida, aviventados por um apetite importuno, que os faz de meia em meia hora tomar larga refeição, sem descançarem, comtudo, da peleja, escutemos a conversação que n' um dos angulos da sala, a meia voz, se trocava entre duas pessoas, e como artista apaixonado de um bello quadro, contemplemos este interessante grupo.

Teria vinte e cinco annos a senhora que conversava com Luiz de Quadros, mancebo elegante, um pouco mais novo que a sua interlocutora, de olhar serio, e do qual a fronte espaçosa e serena revelava, senão o genio, ao menos bastante intelligencia e resolução.

Voluptuosamente se recostava a sua companheira na cadeira de espaldar em que se achava; a luz dos candelabros realçava-lhe talvez a formosura d'esse rosto, no qual atravez de uma simplicidade apparente volteava por vezes um sorriso desdenhoso e frio, os labios um pouco grossos revelavam algumas mysteriosas inclinações, mal desvanecidas pelo tranquillo volver de uns rasgados olhos castanhos, irmãos na côr do lindo cabello abundoso e fino.

Era de estatura airosa e passava então por uma das mais garridas *dandys* d'esta ilha.

—Mas quem me assegura da fidelidade dos seus pro-

testos?—dizia ella meneando com estudado requebro o leque. Os senhores mudam tanto...o mesmo que agora me está dizendo, d'aqui a alguns minutos o dirá talvez a outra...

—E porque suppõe v. s.ª (a *excellencia* ainda não se uzava) um tão baixo procedimento da minha parte?...Quem melhor do que v. s.ª, minha senhora, sabe que tanto a amo?

—Admira, comtudo, sò hoje revelar-m'o.

—E seria acaso bem acceito se a tanto me tivesse atrevido?...Além de que, dizia-se que em breve o seu casamento com...

—Pois póde ainda acreditar em similhante absurdo?!.. Queriam, é verdade, dispor da minha mão; confesso que por um instante me allucinou essa idéa... que consentiria talvez...até que um dia julguei reconhecer um segredo, que era tambem os meus mais ardentes votos, desde então nem mais em tal projecto pensei.

—E esse segredo que descobrio, disse Luiz, é tão occulto que d'elle me não possa revelar alguma cousa?...

—Para que?... se o senhor o conhece tão bem como eu...

—E se eu me enganasse no que julgo?

—Não se engana, não. Olhe, mudei de resolução desde um baile, haverá trez mezes, no qual um cavalheiro me offereceu algumas flores...um ramalhete de violetas.

—O meu ramo!...E que disse ás pobres florinhas?

—Ellas que lhe respondam, disse a formosa fayalense, sorrindo; e abrigando-se com o leque a olhares indiscretos, tirou do interior do peito do vestido algumas violetas já seccas:—veem de estar juntas ao co-

ração e só dizem a verdade—continuou ainda, entregando-as a Luiz de Quadros.

—Como te amo, Maria!...segredou-lhe elle.

—Luiz!... respondeu esta, com voz desfallecida, envolvendo-o todo n'um olhar apaixonado, magnetico, fascinador, que fez por alguns momentos gosar o ditoso amante do ante-goso do paraizo.

Varias razões levam o auctor d'este romance a deixar agora ao juizo illustradissimo dos seus leitores a conclusão d'este dialogo; nós todos, mais ou menos, conhecemos esta pagina obrigada da nossa existencia; é d'aquellas coisas que se sentem e não se descrevem, e que para dizer a verdade descriptas pouco valem.

Meia hora depois levantava-se radiante Luiz de Quadros, em quanto a menina Maria da Silveira, segredando ao ouvido de uma senhora sua amiga que lhe ficava ao lado, dizia:—Não sabes, Luiza, d'aqui a seis mezes serei chrismada...

—Então porque, menina?

—Porque vou mudar de nome.

—Ah!...

—Vou chamar-me a senhora D. Maria Silveira de Quadros·

—Dou-te os meus sinceros parabens...

Maria agradeceu-lhe com um sorriso, dizendo de si para si—até que a final...era já tempo e este penso que está seguro.

O baile continuava animado, os trez clerigos comiam como seis homens, as mamãs já cançadas da contemplação demoravam-se ainda por condescendencia para com as meninas, combatendo denodadamente repetidos ataques de somno; todos em fim se divertiam, até que o raiar da alvorada os viesse arrancar das delicias de Capua.

13

Remontemos agora a algumas horas antes e vejamos o que se passava, n'essa mesma noite, n'uma outra habitação da Horta.

III

Á luz vacillante do classico candieiro triangular, em redor de uma mesa sobre a qual se vê um pequeno cesto contendo alguns bordados, e n'um quarto desnudado de enfeites, vae longa a conversação.

Dois homens ali se achavam, ambos já edosos, um d'elles padre, de aspecto severo, de olhar penetrante, e cujo nariz aquilino dá um aspecto estranho áquelle rosto emmarellecido pelos jejuns ou pela ambição.

O seu companheiro, ao contrario, é nutrido e avermelhado, traja um grande capote de baetão, e vê-se no desleixo d'aquelle todo e na rudeza das palavras, o homem falto de conhecimentos, habituado ás regalias da riqueza e à obediencia cega das suas vontades.

Contrasta este grupo uma rapariga de dezoito annos, branca e debil como um lirio apenas desabrochado; a luz que se irradia dos seus formosissimos olhos azues, é de limpidez estrema, a voz suave e branda, o ar timido e casto da virgem resguardada do perfido

ambiente dos festins, fresca e mimosa como a gota do orvalho poisada nas folhas da sensitiva. Chamava-se Angela e era irmã unica de Luiz de Quadros.

—É como digo a vossa paternidade, dizia o secular, isto é negocio arranjado, a pequena entrará quanto antes para o convento, lá vive-se excellentemente, e por esta forma poderá o rapaz, mais dia menos dia, topar ahi com algum bom casamento, ficando elle como fica muito remediado de bens...

—A graça do Senhor illumina vossa mercê, senhor Sebastião, respondeu-lhe o outro, uma familia tão nobre como esta, que vergonha não seria se viesse a decahir do seu fausto, pela repartição dos haveres?..O primogenito de vossa mercê ficará, pois, possuidor de toda a herança, e ainda que a menina Angela me parece não gostar muito d'este procedimento, eu como ministro de um Deus justo lhe notarei, que a obediencia ás sabias vontades paternas è a maior riqueza aos olhos do Senhor.

—Muito bem dito! muito bem dito, senhor padre Antonio.

—Perdoe-me vossa paternidade, disse com voz no começo tremula, a interessante menina, eu não sou má filha que desconheça o quanto devemos a nossos pais, nem é a mesquinha lembrança de alguns futuros haveres, que tanto me faz oppor ás ordens que me são dadas; mas, senhor padre Antonio, Deus não quer para suas esposas aquellas a quem só a obrigação lhes faz tomar o alvo veu; não me sinto com vocação para essa vida de convento, e Deus me perdoe se erro, julgo que tanto se pode glorificar ali o Senhor como no mundo profano.

—Libertina! gritou o senhor Sebastião, sorvendo enorme pitada de râpé, em quanto Angela córava ex-

tremamente e o padre attingia uma posição solemne e magistral.

—Perdão, minha filha, disse este, dando ás fallas um tom de doçura que contrastava com as rugas que se lhe desenhavam agora na testa, vejo infelizmente que as idéas erradas do seculo já tem contaminado o vosso coração de pomba, e d'ahi á impiedade vae pouco. A sociedade profana só procura a dissolução e o inferno, em quanto que o claustro só quer o paraiso e a quietação. Os longos annos de vida que já conto, dão-me auctoridade bastante para assim lhe fallar;—mesmo que ao coração lhe repugne a sua entrada para o convento, será isso mais um meritorio sacrificio perante Deus. O veu, minha filha, o veu; se quereis n'esta vida fazendo o orgulho e engrandecimento de vosso pai, ir gosar na outra...

—Não acabe, senhor padre Antonio, não se canse vossa paternidade para me convencer, seria fallar em vão....Que ha de fazer uma pobre mulher, quando sem mãe, sujeita a um pae severo...

—Não me provoques, Angela, não me provoques... dizia gesticulando irado Sebastião de Quadros, entre tanto que o padre de pé o tentava socegar.

—Quando sujeita a um pae severo, continuou ainda a rapariga, lhe dizem um dia: a vida para ti será a renuncia de todos os sonhos imaginados, foste de mais no amor dos teus, que só queriam vãs grandezas para perpetuar um nome, vieste pelo teu nascimento roubar uma parte do patrimonio de teu irmão, consentimós que crescesses, porque desde então te votámos para o claustro, é hoje chegado o dia, cumpre o teu dever.

—Atè onde chega a falta de respeito, padre Antonio, dizia Sebastião. Quem melhor do que um pai po-

derá ver o que convém a seus filhos?!..A minha familia não póde, não deve decahir da sua proverbial grandeza n'esta terra, pelo repartimento dos bens, e n'este ponto não acceito condições algumas.

—Os justos desejos de vossa mercê, tornou o padre, estão na verdadeira lettra do Evangelho=Dae a Cesar o que é de Cesar.=Ora, o senhor Sebastião de Quadros transmittindo a seu filho a casa tal qual a recebeu de seus paes, parece-me que cumpre á risca os deveres de um bom chefe de familia.

Um rubôr de indignação tinha ao de leve tingido agora as alvas faces de Angela, via-se que aquelle corpo tão franzino estava soffrendo um esforço immenso para sustentar esta lucta desigual; comtudo, achou ainda forças para dizer:

—Mas, senhor, se a questão se resume tão simplesmente á herança que um dia poderei vir a ter, desde já a renuncio, pouco ou nenhum apreço lhe dou, o que eu não quero, o que eu não posso ver sacrificada á ambição dos outros, é a minha liberdade, é o meu futuro, é, emfim, se a tanto me obrigam confessal-o, ir jurar de sò amar a Deus, quando o coração me diz—mentes, porque tu amas mais alguem!

Padre Antonio tossiu, remechendo-se na cadeira para tomar uma attitude qualquer, ao tempo que Sebastião de Quadros fulo de raiva apoderando-se do braço da filha a arrastava até junto do sacerdote.

—Maldita! gritava elle, has de aqui jurar a quem amas; vê, padre Antonio, eu bem lh'o dizia, querem-me ficar com os bens, mas enganam-se, enganam-se.

E arremessando para longe de si a filha, que foi cahir de joelhos, sahio arrebatadamente do quarto.

—Que vergonha, Mãe Sanctissima! exclamou Angela, cobrindo o rosto com as mãos.

—É o castigo da sua desobediencia, minha filha, respondeu-lhe o padre. Levante-se... No convento terá paz e socego, e depois não é a ordem em que vae entrar tão rigorosa como pensa... muitas meninas conheço eu, que para ali foram nas mesmas disposições de vossa senhoria e que hoje se acham completamente satisfeitas.

—Este homem é um infame, pensava mentalmente Angela, ó minha mãe, minha querida mãe, porque já não existes?!—e lagrimas ardentes, lagrimas de sangue innundaram-lhe o rosto.

Era o ultimo alento do naufrago que succumbe; de que serviria luctar mais?

Exhausta de forças e pallida como uma defunta, aproximou se do padre e a tremer lhe disse:

—Senhor padre Antonio, acabemos com isto, pode participar a meu pae que na hora em que elle quizer, entrarei sem a menor altercação para o convento.

—É a graça do Senhor que a illumina, o fructo de tão bôa estirpe não podia sahir mau...

—Permitta-me vossa paternidade que me retire.

—Vá, vá em paz, e tenha confiança em nós que tanto a estimamos, accrescentou frei Antonio lançando-lhe gravemente a benção.

—Até que a final, disse o padre, quando se achou só, ganhei os quinhentos mil reis do ajuste, e o melhor foi que ella por si mesma é que se rendeu á discripção. Sentido agora; não me caloteie cá o fidalgo... não é provavel, que estes morgados não são como nós, mas sim uns verdadeiros imbecis.

IV

Carta de Luiz de Quadrós a Paulo

«Meu amigo.

«Motivo terias de certo para estranhares o meu lon-«go silencio, se a indifferença ou o esquecimento fos-«sem a causa de ha tanto tempo não te escrever. Per-«dôe, porém, a amisade o que outro sentimento tan-«to ou mais respeitavel ainda, lhe veio roubar de as-«siduidade, porque, meu Paulo, o amor é luzeiro que «nos doira por vezes a vida com brilho tal, que ante «elle empallidecem as mais caras e antigas affeições.

«Este deslumbramento dura, porém, somente alguns «instantes, depois a paixão torna-se senão mais vehe-«mente ao menos mais rasoavel, e comprehendemos «que a par da mulher amada tem ainda o coração um «pequeno cantinho reservado para a amisade. Ainda «mais, conhecemos a necessidade de contar a alguem «a felicidade que nos transborda do peito, porque bem «sabes tu, que todo o prazer vale o dobro quando sa-«bemos que alguem nos observa e segue a estrada flo-«rida por onde caminhamos.

«Sirva este longo preambulo de te annunciar que «ha quinze dias estou casado. Minha mulher de quem

«já anteriormente te havia fallado, é um verdadeiro «anjo, e só agora me arrependo de ha mais tempo não «ter possuido uma perola de tão subido valor.

«Quando, por estas formosas noites da lua de mel «a contemplo dormindo sobre o meu peito, com essa «tranquillidade de sancta, e sorrindo com prazer, jul-«go, meu amigo, que sò agora começo a comprehen-«der a existencia, que só agora sei o que é viver, e «que até aqui nada era mais do que a planta enfesa-«da, fenecendo á mingua de luz.

«Tivemos uma esplendida festa no dia dos meus des-«posorios; meu pae estava radiante de alegria, tanto «mais que Angela, minha irmã, lhe completára os seus «mais ardente desejos, entrando ha alguns dias para «o convento.

«Custa-me a comprehender como a minha boa ir-«mã, tão nova ainda e na idade em que mais deseja-«mos o bulicio do mundo do que a sombra do claus-«tro, se resolveo tão de prompto ao noviciado. Em «todo o caso fez a sua vontade e bem assim a de meu «pae, cujas idéas religiosas satisfez. Achei somente «em Angela certa frieza e reserva no abraço que me «deu ao sahir da nossa casa; e com tudo sou inteira-«mente estranho a isto e a qualquer desgosto que por «ventura soffresse, porque de ha mezes a esta parte «um só pensamento tenho tido, alheio a tudo o mais «que em meu redor se passa, esse pensamento, essa «vida, essa luz que me guia, bem podes avaliar qual «seja.

«Recebe, meu Paulo, um longo abraço do

«teu do coração

Horta, 19 de
junho de 1798 LUIZ DE QUADROS.»

V

A noite ia já alta, as trevas envolvem todo o convento do qual apenas algumas raras janellas ainda illuminadas fulgem por momentos na vasta frontaria do edificio. No interior, nos extensos corredores apenas a luz vacillante e trémula de alguma semi-morta lampada, desenha formas caprichosas, quebrando-se nas paredes, ou pelas arcadas humidas e frias. Respira-se ali um ar que tem alguma cousa de sepulchral, e quem atravessasse aquella casa sentiria a mesma impressão do devoto, que, esquecido em prolongada oração, sae de noite do templo, sentindo repetidas e augmentadas pela grandeza do logar a bulha sonôra e cadenciada dos seus passos.

As janellas d'uma d'essas galerias deitam sobre o pequeno cemiterio, pobre e sem tumulos, apenas ornado de algumas flores a cercarem a pequena cruz de madeira cravada em cada sepultura; ignora-se o nome de quem ali repousa, como se aquella alma que de todo se votára ao Senhor temesse que um dia a voz ousada do homem lhe viesse insultar a memoria.

Não somos apologistas d'essa falsa religião que mui-

tas vezes, infelizmente, temos visto apregoada e aonde só descobrimos interesses e vaidades a satisfazer; não comprehendemos tambem como na epocha actual haja quem tente, servindo-se da sã doutrina do Evangelho, dar-lhe erradas e cavilosas interpretações, em vez da simplicidade e unção das palavras de Jesus, mas tambem não cahimos no excesso opposto de anathematisar pelos erros de alguns (e estes foram grandes) a existencia respeitavel e illibada de muitas creaturas que com os olhos fitos no ceu passaram innocentes por esta estrada da vida tão eivada d'espinhos.

Se nos são tão caras essas visões!..Se o alvo véo das religiosas tem tanta magia, quando nos lembramos que para ellas muitas vezes representava o sudario de todas as suas affeições, o sarcophago de todos os seus sonhos de ventura, quando obrigadas se entregavam á disciplina monastica, e que ainda assim sahiam immaculadas da lucta, certas de que um dia subiriam até aos pés de Deus, virgens como um anjo, e sanctas como uma martyr.

E não haveriam acaso d'estes exemplos?..Era somente a vocação que fazia grande numero das mais elegantes meninas de uma terra, trocar o esplendor das festas pela rigidez das preces, os gozos tão naturaes e tão caros da familia pela solidão do celibato?

Não, digamol-o com franqueza, porque o contrario seria uma offensa ao bom senso, era a vaidade, era a ambição que as mais das vezes obrigava paes desnaturados a arrojarem de si essas creaturas qne lhe estorvavam o caminho, julgavam-se quites com a sua consciencia, porque as tinham entregado a Deus, e nem pensavam que as lagrimas de desespero que as infelizes derramavam, lhe seriam no grande dia do julgamento lançadas na sua conta.

Com que direito extorquiam elles á mulher o unico caminho da sua verdadeira sanctificação? A familia.

Qual seria mais agradavel ao Senhor, a freira repetindo mentalmente as mesmas orações n'um maior ou menor numero de dias, impotente para o bem, morta já para a sociedade, ou a pobre mulher do povo trabalhando incessantemente, juntando em seu redor numerosa familia, educando seus filhos na virtude, fazendo a alegria, o orgulo e a felicidade dos seus?

Eis no primeiro exemplo, apezar do respeito que lhe consagramos, do que muitas vezes serviam os conventos, eis tambem a situação em que vamos encontrar a filha de Sebastião de Quadros.

A lua surgindo agora d'entre as nuvens que envolviam as serras da ilha fronteira, derramava a sua placida luz por sobre as ondas socegadas do mar, tingindo com doce claridade a villa da Horta. Havia um completo socego aqui e além, e somente o sentido gemer do oceano vinha de manso, como as notas d'um hymno, suspirar suave poesia.

O claustro está deserto, apenas no fundo do mesmo junto d'uma cruz de pedra erguida do pavimento, uma forma humana, prostrada em humilde adoração, parece entregue a ferverosa prece.

Um raio da formosa rainha da noite, rompendo a final a espessa folhagem de algumas arvores veio de subito illuminar aquelle quadro, formoso na realidade, porque Angela, a penitente, similhava alvo lirio vergado pela tormenta e buscando alivio junto do respeitavel emblema da fé.

Resava...—as notas do seu hymno cristallinas e puras elevavam-se então na sombria mudez d'aquelle sitio, dirieis o canto suave d'um anjo que rompendo o fragil envolucro que o prendia ao mundo, antevê já

perto a luz radiante de Deus. Resava...e a brisa perfumada e branda levava ao longe o seu cantar, entre a fragancia das flores, docemente reclinadas no regaço da noite.

Infeliz!..quem recolherá a tua

PRECE

«Eu bem sei, ó meu Pai!..que na terra
«Todos soffrem cruel desalento,
«Mas nas horas de longo tormento
«Não te affastes de mim, ó Senhor!..
«Eu sou fraca, não tenho carinhos
«D'uma mãe que me queira, bondosa,
«Folha solta por noite invernosa
«Vou perdida, sem luz, sem vigor.

«Porém creio na fé que m'ensinas,
«Nas promessas sagradas que deste,
«Pois q'em troca da cruz que tiveste
«Meiga palma por fim nos trarás.
«E se Tu pelo mundo passando
«Só lograste cruento martyrio,
«Por q'esperas, minha alma, em delirio,
«Outra sorte que nunca terás?

«Tu, meu Deus, que da pobre florinha
«Não esqueces a vida tão breve,
«Nem o ninho que brando conteve
«Lêdas trovas na luz da manhã,
«Vem, permitte que chegue viçosa
«A teus pés esta prece singella
«Como o brilho que evolve uma estrella,
«Nos espaços correndo louçã·

«Dae, Senhor, aos humildes conforto,
«Aos que soffrem dae lêda esperança,
«Seja a hora da morte bonança
«P'ra quem nunca descanço logrou...
«Alvos lirios, jardins tão virentes
«E vós dias de paz, de ventura,
«No meu peito uma voz m'assegura,
«Que surgis quando a vida findou.

«E por isso, de joelho, vos peço,
«Que desponte essa aurora d'encantos,
«Orvalhada com fervidos prantos
«Que florecem apòz, lá no ceu.
«Para todos, Senhor, eu vos rogo
«O perdão das offensas havidas,
«Pelas chagas na Cruz recebidas,
«Ai!...nos salve quem tanto soffreu.»

VI

Dois annos teem decorrido, Luiz de Quadros cançado de adejar n'esse limpido ambiente d'um sincero e profundo amor, começa a aperceber-se de que infelizmente a prosa da existencia tem certas exigencias a que é forçoso resignarmo-nos, e que é impossivel romper de vez com a sociedade para só vivermos com um ente que nos seja caro.

Foi sua espôsa quem primeiramente lhe fez esta observação, haviam certas conveniencias sociaes, certos laços de amisade, e emfim uma multidão de pequenos afazeres aos quaes era obrigatorio ceder algum tempo.

Começaram pois os dois noivos a reapparecer na sociedade bastante animada de então, Maria da Silveira com um luxo deslumbrante e entregando-se alegre ás diversões, emquanto que Luiz com ar um pouco indifferente, o qual, apesar do cuidado que tinha em o occultar, por vezes não conseguia.

Padre Antonio era um dos assiduos frequentadores da casa de Luiz de Quadros, infallivel na *partida* da quinta-feira, sempre com o sorriso nos labios para com

D. Maria, respeitado do velho Sebastião, e parecendo tributar sincera estima para com Luiz.

De Angela pouco se fallava n'aquella casa, limitavam-se as breves visitas ao parlatorio do convento uma ou duas vezes por anno, e todos julgavam a pobre menina inteiramente feliz.

Por estes tempos sahiam uma noite de casa de Luiz Quadros, seu pae e o padre Antonio, a noite estava escura, o velho morgado caminhava embrulhado em farto capote um pouco adeante do padre, que como sempre, em signal de deferencia, fazia este córte nas suas prorogativas ecclesiasticas.

—Poder-me-hão chamar visionario—dizia Sebastião —mas o facto é padre Antonio, que não vou gostando dos modos desenvoltos da minha nora, e depois não tem vossa mercê notado as assiduidades d'esse estrangeiro?...Serão, concordo, os costumes da sua terra, mas entre nòs os portuguezes ha mais seriedade e nunca com uma senhora casada se...

—Tem o fidalgo milhares de razões, julgo, porém, que consequencia alguma séria d'ahi se poderá originar, de mais a mais a ausencia tudo cura, e em breve achando-se concertado esse navio, que a tempestade conduzio ao nosso porto, seguirá o seu destino e com elle esse impertinente que a bôa indole dos fayalenses consentio em admittir nas suas salas.

—Deus o queira, padre Antonio, em todo o caso devemos vigiar com cuidado, porque o Luiz só vê pelos olhos da mulher, e ella facilmente lhe faria acreditar tudo o que quizesse.

—Vigiaremos, fidalgo, vigiaremos, disse o padre, despedindo se de Sebastião de Quadros, que tinha chegado á sua morada. Depois, proseguio sosinho ainda um pedaço da rua até que afinal retrocendo pé ante

pé pelo escuro caminho de novo se dirigio na direcção da casa de Luiz de Quadros, da qual apenas uma janella brilhava na escuridão.

Ás vezes atravez da alva cortina entre aberta via-se passar uma sombra, parecendo, em razão da hora avançada da noite e de ha muito se terem retirado as pessoas que frequentavam a partida, estar adrede á espera de alguem.

O frade aproximou-se de mansinho até em frente da janella, e depois alguns grãos de bagacina foram bater na vidraça. Era evidentemente um signal combinado, porque a luz logo se apagou e passados alguns momentos a janella se abrio de leve.

—Dorme tudo? perguntou o frade, disfarçando quanto poude a voz.

—Tudo, respondeu da janella uma falla de mulher.

—O negocio acha-se quasi prompto, disse debaixo o primeiro, a galera em trez ou quatro dias estará aparelhada, agora é preciso, porém, muito cuidado, porque o sogro de vossa senhoria já desconfia de alguma coisa, como ainda ha pouco me disse.

—Já o suspeitava tambem.

—Não vá elle dar senha a seu marido...

—Por esse lado podemos estar descançados, Luiz só vê o que eu quero que elle veja. Fallou hoje com o capitão Edouard?

—Apenas podemos trocar algumas palavras, n'estas circumstancias toda a cautella é pouca. Tem vossa senhoria todas as joias guardadas?

—Todas, ámanhã lh'as entregarei, na sua mão estão mais seguras para um cazo imprevisto.

—De certo.

—Então quando me avisa para o dia da partida?

—Sabbado, sem falta, a esta mesma hora e aqui.

—Vem ámanhã cá?

—Virei, a minha ausencia poderia ser notada.

—Já sabe o estipulado, metade das joias são suas.

—Annuo aos desejos de vossa senhoria, e sobre tudo silencio profundo.

—Até á morte, fique descançado.

A janella fechou-se, e o padre Antonio encostado ás paredes foi sorrateiramente caminhando por essas ruas desertas e escuras até á portaria do convento, acordando com as trez pancadas do estylo o velho irmão porteiro de ha muito mergulhado no mais profundo somno.

VII

Cartas de Luiz de Quadros a Paulo.

«Meu bom amigo.

«Abriguei no seio a vibora que um dia me feriria. Ha pouco feliz e discuidoso, sou hoje um desgraçado votado ao martyrio e ao sarcasmo da sociedade. Como é breve a transição n'este mundo de uma a outra sorte, e quão errados andamos, quando, fiando-nos cegamente nos juramentos d'uma mulher, sò despertâmos ao baquear no abysmo!

«Completou-se, porém, a infame traição; revestiram-me de rosas o caminho aonde devia achar a perdição, sorrio-me até o momento de me ferir mortalmente a alma.

«Que bella actriz em todos os seus sentimentos, e quão difficil destinguir por vezes o veneno da hypocrisia dos arrobos de um verdadeiro amor!

«Ha quinze dias desappareceu-me minha mulher; tencionava eu passarmos essa noite fóra, apromptavamo-nos para sahir, quando ella me disse que uma re-

pentina dôr de cabeça a estava incommodando muito. Propuz-lhe ficarmos em casa, respondeu-me ao principio que não, alguns momentos, porém, depois, chegando-se a mim, que estava assentado e passando-me os dedos pelo cabello, deu-me um demorado beijo, dizendo com meiguice:

«—Olha, hão-de reparar se não apareceres hoje em casa de * * *, já trez vezes aqui vieram sem que nós là fossemos.

«—Mas tu, doente, não pódes ficar só—respondi-lhe eu.

«—Posso, tu hirás, porque o remedio para isto é um somno socegado—tornou ella, sorrindo.

«—Pois bem, irei mais tarde, em sendo dez horas.

«Depois ceámos, como de costume; nem no minimo movimento de impaciencia, nem no menor volver d'olhos descobri o mais leve indicio de um cuidado qualquer.

«Adormeceu-me quasi nos braços, como faria uma creança, deitei a no leito, e passado algum tempo sahi. Perguntou-me a creada se a senhora precisava de algum serviço, respondi lhe que já se achava recolhida, que eu levava a chave, e que se podia ir deitar.

«Eram dez e meia da noite.

«Á uma da madrugada quando voltava, achei a porta do nosso quarto fechada interiormente, admirei-me d'isto, e bati repetidas vezes. Como não obtivesse resposta alguma chamei a gente da casa, mas pessoa alguma me soube explicar o motivo do que se estava passando, e a final, ancioso, arrombei a porta;—o quarto, como deves suppor estava deserto, algumas gavetas abertas e bem assim a janella que deita sobre a rua.

«Começámos então uma busca em forma por toda a parte, e só quasi dia um homem do mar me disse ter

visto horas antes embarcar n'um bote d'um dos navios fundeados então na bahia e que agora acaba de seguir viagem, uma senhora que alegremente se encostava ao braço do capitão Edouard.

«Olhei logo para o mar; as primeiras claridades da manhã tingiam ja o horisonte, e ao longe muito ao longe, se affastava de nós um navio.

«Julga então do meu desespero e vergonha, teria de certo succumbido, se a voz amiga do padre Antonio me não confortasse e soccorresse n'este afflicto trance.

«Felizmente não tenho filhos, e a mancha que semelhante mulher lançou na minha vida não irá recahir sobre mais ninguem.

«Eis o procedimento de Maria e do vil forasteiro a quem tinha franqueado a minha casa.

«Tenho soffrido muito.

«Como eu a amava, Paulo!»

2.ª

«Hoje o dia estava esplendido; como essas galas da natureza eram oppostas ao negrume que me vae n'alma! Sahi de manhã cedo, fui dar um longo passeio por esses campos, que Deus de certo fadou tão bellos para alguma cousa melhor do que para espectadores de dôres e afflicções. Subi o monte que nos fica ao norte d' esta villa e d'ali espraiei a vista sobre esse oceano, que apezar meu me atrahe sempre o pensamento.

«Não foi acaso por ali que *ella* desappareceu?..Ainda a amo e muito, meu Paulo, é talvez a maior das vergonhas o confessal-o, mas é real. Decididamente, a vida do homem é uma continuada miseria!

«Do ponto em que me achava via distante uma tosca habitação de alguns franciscanos, que se eleva so-

branceira ao mar, no cimo de uma pequena lomba, è um sitio ermo e tão quieto, que a vida ali ignorada e humilde talvez seja balsamo de suaves consolações. E eu que precisava tanto de mão amiga que me valesse, de uns labios que me dessem conforto...

«Estou, pode-se dizer, sosinho! meu pae lança sobre mim a culpa de tudo o que aconteceu, e julga que somente despresando o filho poderá lavar a nodoa que soffreu a sua familia.

«Um d'estes ultimos dias fui ao convento ver minha irmã Angela; pobre menina, como está mudada!..Disse-me que soffre horrivelmente do peito, que se julga tisica, e que no entetanto está resignada com a vonde de Deus.

«É uma sancta que o Senhor dentro em breve chamará para si, ao menos não padecerá mais, nem padeceo, por que ella não amou.

«Ando extremamente triste, e por vezes uma idéa sombria, o pensamento do unico remedio que me pode livrar d'este padecer, vem segredar-me á cabeceira nas minhas longas noites de vigilia.

«Não está nas minhas mãos o livrar-me de tudo?

«Mas o vulto sereno de Angela, da minha boa irmã, vem então como um anjo do ceu, como uma visão de paz, ensinar-me a resignação e a fé.

«Não te enganarás tu, minha irmã?

LUIZ DE QUADROS.»

VIII

Paulo a Luiz de Quadros

«Coragem, meu amigo;—pelas tuas ultimas duas cartas estou sciente das infelicidades que a sorte sobre ti descarregou; são grandes na realidade, mas não irremediaveis como julgas. Que te importa o amor d'essa mulher indigna de ti, que t'importa o estupido riso da sociedade, quando a tua consciencia está limpa, tendo sempre vivido com honra?..A punição de tua mulher será o despreso e o remorso que mais tarde, se não já, a ha de perseguir por toda a parte: arreda a pois do teu pensamento como ella te abandonou, e lembra-te que acima d'esta agra estrada da vida ha alguem que conta as nossas dôres e que recompensará a nossa humildade ante as provações que nos envia.

«O que vejo mais triste em toda a tua familia é a sorte de tua irmã; salva-a se ainda è tempo Luiz, porque foi ella uma victima da ambição de teu pae. Ha pouco tempo soube casualmente a sua historia, a que tu estando cego por essa mulher que desposaste, não des-

te a minima attenção. Amava Angela um mancebo que vendo a impossibilidade de a possuir, e julgando que a sua entrada para o convento lhe terminava todas as esperanças, embarcou para o Brazil aonde hoje permanece.

«Pobre menina, debil lyrio que morre talvez à mingoa da bonançosa aurora!

«Desconfia d'esse padre, que vejo, como o genio do mal, intromettido em todos os teus negocios domesticos; diz-me a consciencia, que é elle um falso amigo.

«Envio-te por este navio um volume da *Imitação de Christo*. O que esse livro sublime encerra de consolações e lenitivos para as tribulações da vida, que o digam os infelizes.

«Acceita um abraço do teu

PAULO.»

Chegou ja tarde esta carta com relação á sorte de Angela; n'uma manhã de primavera, sentindo-se mais fraca pedio os sacramentos, e depois de humildemente ter recebido a visita do Senhor, adormeceu no somno eterno, placida, sem agonia, e com meigo sorriso a voltear-lhe nos labios: escutava talvez ainda da terra as doces canções dos anjos.

Luiz de Quadros sobreviveu alguns annos a sua irmã, obteve a permissão de viver junto ao pequeno convento dos franciscanos na Lomba dos frades, esquecido de todos e sempre entregue a profundo scismar. Ultimamente passava por doido entre a gente do povo, e permanecia horas e horas sentado n'algum rochedo a contemplar o oceano.

Ali acharam-n'o um dia morto.

A amisade de Sebastião de Quadros e do padre Antonio durou ainda por muitos tempos, e a final ficou

a ordem monastica a que este pertencia possuidora dos haveres do abastado morgado.

Assim se extinguio uma das maiores casas e uma das mais nobres familias d'esta ilha.

A D. Maria da Silveira e ao padre Antonio, a esses tomará contas Deus, e acreditamos que serão tremendas.

EPILOGO

O REMORSO

Dez annos se passaram.

N'uma pequena cella conventual, junto de uma mesa sobre a qual se vêem alguns livros abertos, e sentado em larga cadeira de braços, um homem parece dormitar.

A luz tremula de um cirio illumina frouxamente aquelle corpo vestido de escuro e aquelle rosto esqualido e esverdeado, ao qual as cans que o circundam dão um aspecto de severa tristeza.

Via-se que pezar occulto, como serpente a devorar-lhe o coração, tinha feito d'aquelle corpo outr'ora vigoroso e altivo um simulacro da morte.

No fundo do quarto um grande Crucifixo, com a fronte voltada para o ceu, parece implorar o perdão do peccador que ali junto estava prostrado.

O relogio do convento soou lentamente meia noite...

As ultimas vibrações d'aquella hora pareceram, se não despertar, ao menos serem ouvidas pelo adormecido, por que um estremecimento lhe percorreu o corpo e escondendo com as mãos o rosto, parecia querer fugir a algum sonho terrivel.

A luz extinguira-se, as trevas reinavam agora em todo o aposento, e então esse homem sentio como o rangido de uma campa que se levanta, e uma sombra de homem silenciosa e severa ergueo-se lentamente do chão, collocando-se-lhe ao lado.

O olhar d'esse phantasma, fixo e terrivel, envolvia-o todo, parecendo fogo a requeimar-lhe o corpo; ergueu-se espavorido e tentou, dando alguns vacillantes passos, dirigir-se atè á porta.

Ali, porém, uma outra visão o esperava: era uma rapariga formosa e melancolica, trajava de branco, adornando-lhe a fronte pallida alguns ramos de cyprestes; o seu olhar de virgem, volvia-se com bondosa serenidade para o ceu.

Ao aspecto d'estas visões e reconhecendo n'ellas as suas duas victimas, Angela e Luiz de Quadros, padre Antonio, que era este o habitante da cella, recuou transido de respeitoso tremor, e baixou com medo a vista, porem a imaginação lhe representava o pavimento recamado de perolas, que fulgiam na escuridão da noite como verdadeiras chammas; eram o fructo de um roubo, e mão occulta parecia unil as, dispol-as, formar com ellas letras, compondo junctas um nome—*Inferno!*

Foi longo e muito longo este martyrio; a final volvidas algumas horas e n'um estado de verdadeiro desespero o padre effectivamente acordou, correu para a janella, e abrio-lhe as portas até ali cerradas.

O sonho de angustias acabára.

Raiava o dia e um raio do astro esplendido, veio de subito banhar de luz toda a cella, indo quebrar-se, como em homenagem, aos pés do Crucifixo.

O que se passaria então no coração d'aquelle homem?..Silencio, porque o momento da remissão chegou.

De joelhos, com a fronte inclinada, e com ardente pranto a sulcar-lhe o rosto, foi o padre humildemente prostar-se aos pés d'aquella imagem, e n'um grito que resumia em si uma eternidade de soffrimento e remorsos, exclamou:

—Perdão, meu Deus!..e que os haveres que a minha louca ambição granjeou, vão, Senhor, levar a consolação aos que soffrem, e o sustento aos pobres.

E cumprio.

Embarcando pouco depois para climas distantes, aonde ainda n'essa epocha iam muitos dos seus companheiros prégar a fé de Christo tentou resgatar pela esmola, por uma velhice exemplar, e pela mais sincera das contricções, os seus passados erros.

FIM.

MÃE

Heureux l'homme á qui Dieu donne
une sainte mére!

Lamartine.

Que nome tão doce,—que nota sublime,
Que meigos encantos na voz que diz «mãe!»
Nem Deus fez mais pura no ceu uma estrella,
Ó flôr sacrosanta que o mundo contem.

Olhai como é bella,—tão joven, mimosa,
Sustendo nos braços o filho infantil:
Esquecem-lhe os choros á pobre creança,
Agora adormece, sorrindo gentil.

Depois vem os annos, vem luctas, trabalhos,
Que fronte nos vela sem nunca dormir?
O golpe que o peito feriu do teu filho,
Ó mãe, vae mais fundo n'essa alma pungir.

E os homens nas lides, nos bailes, na guerra,
Affectos, grandezas, vão loucos buscar,
Em quanto na pedra da cruz protectora
Vós ides, de rojos, por elles orar.

A vida que tendes, é nossa p'ra sempre,
Em troca da vida, vós nada pedis;
Maldito d'aquelle que o fel d'um desgosto
Arroja á vossa alma que sempre o bemdiz.

Se tudo nos mente na terra enganosa,
Se Deus duras penas p'ra todos votou,
Ficasteis—ò anjos—lembrado do pranto
Que a Virgem Maria por Elle chorou.

Que paz nos conselhos,—que luz nos dictames!
Nem sombras fallazes—nem brilho fatal;
Acima do lôdo que o mundo circumda,
Sois limpida fonte do puro crystal.

As palmas de martyr, e c'rôa d'espinhos
A terra legou-vos em cambio d'amor;
Erguei-vos, ò santas, bem altas erguei-vos,
Que Deus vos reserva fulgente esplendor.

CANÇÃO DA PRIMAVERA

Acorda, desperta, não ouves frementes
As ondas sonôras nas praias do mar?
Ó filha dos anjos, vem dar-me ridentes
Teus labios ardentes
Na luz do luar.

Eu sigo cançado no vasto deserto,
Sem ver madrugada d'encantos surgir,
Ai! não m'abandones nas trevas incerto
Eu quero bem perto
Um novo provir.

A vida é tão breve, não deixes querida,
Sumir-se qual sombra sem trovas d'amor;
A rôlla que geme no peito ferida
Quer doce guarida,
Ó pallida flôr!

Se tudo definha, se tudo fenece
Na triste voragem de turbidos veos,
Vem tu ser estrella q' ao mundo apparece,
Ensina-me a prece
Que dizes a Deus.

Tão nova e tão triste! sorrisos d'esperança
Por que tu não logras no mundo fruir? !
Acazo deixás-te, qual meiga creança,
Alguma lembrança
Nos ceus, ao partir?

Vem lêda contar-me, n'um férvido laço,
Teus sonhos ligeiros,—ó pallida flôr;
Não temas da noite viver no regaço,
Vem dar-me um abraço
Em troca d'amor.

ADEUS

Je pars et sur ma levre ardente
Brule encore ton dernier baiser.

Alfr. de Musset.

Adeus donzella, não t'esqueças nunca,
Das breves horas d'esta noite bella,
Na primavera dos teus annos lêdos,
És branca pomba que meus sonhos vela.

Adeus formosa,—na distante serra
Eis surge o dia n'amplidão celeste,
Lembra-te ainda, minha flôr mimosa,
Das meigas juras que por mim fizeste.

Bem como a folha que a tormenta varre
Á tona d'agua sem destino certo,
Assim eu parto, caminheiro triste,
Sem doce abrigo no fatal deserto.

Tu não me fujas, que sem ti a vida
Hão-de ser dias d'um pezar profundo,
Deixa-me n'alma derramar-se a crença
Qual sol nascente q'illumina o mundo.

Talvez, quem sabe, no provir distante
Deus me concêda d'encontrar-te ainda,
Anjo bemdicto, cuja fronte nivea
Dá-me promessas de ventura infinda.

Adeus donzella, não t'esqueças nunca
Das breves horas d'esta noite bella,
E se da morte fôr baixar nas trevas,
Beije-me a campa teu fulgor d'estrella.

A UM CEDRO

Como ficaste aqui passando a vida
Na serra tão distante!
Na vasta solidão bem poucas vezes
Tu vês um caminhante.
A teus pés não vicejam lindas flôres,
Reina a morte em redor d'esses rochedos,
Por noites de luar ternos amôres
Não te contam sequer os seus segredos.

Embora, tu m'agradas.—N'essas fragoas
Eu buscarei guarida,
Quando a sombra da tarde vem baixando.
Á terra entristecida.
Tu volves para o ceu a fronte idosa,
Eu seguir tambem quero a tua sina,
Essa estrella fulgindo além formosa
Derrame sobre nós a luz divina.

Chega breve na vida inda mais breve
Amargo desalento,

Por isso quando um sôpro te desperta
Respondes n'um lamento.
Na terra tudo traja negros mantos
E a luz da redempção virá bem tarde,
Assim o tronco geme, a flôr tem prantos,
Por verem dos mortaes tanta orphandade.

A hera, companheira solitaria,
No teu seio enlaçada,
Talvez doces mysterios te revele
Sorrindo n'alvorada.
Pois Deus cuja bondade nunca exausta
Cinge os astros, a terra e o mar profundo,
Não deixa sem amôres a lide infausta,
Como sem luz não deixará o mundo.

Talvez quando a procella te sacode,
No resistir seguro,
Imagem sejas tu do varão justo
Aguardando o futuro.
Depois d'este penar, quadra sombria,
Outros climas virão, outra paragem,
Esperas no surgir do novo dia
O sol da primavera e a doce aragem.

Vive, pois, cedro altivo que t'elevas
De pé, no descampado,
Monarcha das montanhas que nos dizes
Um cantico sagrado.
Quando a funda descrença, a noite d'alma,
Levar sem rumo certo o meu destino,
Dá-me a crença perdida, a dôce palma,
Que Deus deixa na terra ao peregrino.

SCENA INTIMA

—«Ó minha mãe que saudade
Sinto n'esta alma crescer,
Adeus vida, amor, encantos
Ó minha mãe vou morrer...

—«Filha, filha, dôce mimo,
Pobre florinha louçã,
Não te fines no meu peito,
Aguarda a luz da manhã.

—«Que dôce cantar é este,
De tão suave harmonia,
Escuta—mãe—tu não ouves
Fallar na Virgem Maria?

—«A Virgem!..tu não me digas
Que ella sendo bôa mãe,
Pode deixar-me sem filha
Eu ja não creio—vê bem.

—«Mas junto á cruz do calvario
Tambem Maria penou,
Ó minha mãe se tu choras
A Virgem tambem chorou...

—«Chorou, sim;—mas eu pedi-lhe
Por esse calix de dôr,
A vida p'ra minha filha,
E não te sinto melhor!..

=«Resemos sempre...quem sabe
Se estará perto de nós?
Mãe de Deus, hoje valei-nos,
Tudo podeis, tudo,—vós!

.....

No dia seguinte, na luz d'alvorada
A filha sorria no collo da mãe,
Findaram pezares, findaram desgostos,
Venturas e festas a casa contem.

Foi sempre attendida, das noites no seio
A vóz dos afflictos perdidos, sem luz,
É ella—é a Virgem—que vem alentar-nos
Se tristes chorâmos vergados á cruz.

JOB

Eis-me pobre, Senhor!—sem um abrigo
Um só palmo do chão,
Onde a fronte repouse este mendigo
Da terra n'amplidão.
Meus palacios, jardins, os meus haveres,
Perdi-os n'um instante malfadado,
Foram ninho, levado na torrente,
Volteando no abysmo, despenhado.

Luctei, sim, contra o erro e na batalha
Lograva nova fé,
Dos raios no furor via a mortalha,
Mas resisti de pé.
Qual rochedo das vagas combatido,
Qual estatua de bronze ou de granito,
Impavido affrontava mil injurias
E a turba que gritava—ai! sê maldito.

De noite, no deserto, a voz das feras
Guiou os passos meus,
D'ali mesmo eu sonhava primaveras
Além, além nos ceus.
Á sêde, á negra fome e aos trabalhos
Eu sorria a pisar-me nos espinhos,
Infeliz, que buscava a patria querida
Atravez da fadiga dos caminhos.

Era pae, nos meus braços ri, descança
A mais candida flôr,
Baixára-me do ceu essa creança
Filha de tanto amor.
Das glorias, do passado de grandeza,
Só guardava na terra um tal thesouro,
Por thronos de rubis eu não trocára,
Uma volta do seu cabello louro.

Um dia como a roza desmaiada
N'um pudico sendal,
Assim ella morreu, jaz enterrada
Além, no fundo vall'.
Foi então, só então que vacillando
Prostrei-me já sem forças n'esta vida,
E de ti blasphemei—ó Deus dos justos,
Que me deixas após de tanta lida.

Esconde-me dos vivos, s'eu não creio
Em ti, ó Jehovah!
A morte eu desafio com anseio,
Pois tudo findará.
Mas findar...e aquelle anjo adormecido

Sem nunca resurgir d'esse lethargo,
Ai! não, Senhor!—sou pae, tenho gemido,
Livrai-me d'este calix tão amargo.

Creança, que a meu lado te sorrias
Nas ancias do soffrer,
Eleva-te para os ceus, vem novos dias
Após agro viver.
Abriga-me qual anjo caridoso,
Ensina-me outra vez a doce crença,
S'eu deliro nas trevas que me cercam,
Vem fallar-me de Deus, que é luz immensa!

CANÇÃO DO BARQUEIRO

Como vem surgindo a lua
Nua,
Lá d'essas serras d'além,
E a tua fronte singella,
Bella,
Ai! mil encantos contem.

Vês esta barca tão leve?
Deve
Ser doce ninho d'amor,
Vem, pois, vogar sobre as aguas
Magoas
Ali não s'encontram,—flor!

A solidão tem encantos
Tantos
Que t'os não posso contar...
E tem o mar mil segredos
Lêdos
N'argentea luz do luar.

Ao branco cysne n'um lago,
Mago,
A minha barca é egual,
Nem teme as ondas bramando
Quando
Refervem no temporal.

Na rudez da minha lida
Vida
Onde bem pouco gosei,
Não n'a trocára assim pobre,
Nobre,
Nem por um throno de rei.

Olha que a noite vai alta,
Salta
Pr' a minha barca gentil,
Eu te prometto venturas,
Puras
Por sobre as ondas d'anil.

Qual anjo serás partindo,
Lindo,
Da negra terra sem luz,
A buscar do mar na calma
Palma
Tão mimosa que seduz.

Enlaça-te bem no meu seio,
Leio
Que tremes d'esta soidão,
Brinca a vaga caprichosa...
Rosa
Não temas a viração.

Vê quão ligeiro corremos?!
Temos
A terra distante já;
E no seu arfar immenso,
Denso,
Denso veu o mar nos dá.

Inclina a fronte adorada,
Fada,
Sobre o meu peito fiel,
Como a flor que á noite pende,
Rende
Mais perfumes no vergel.

Os teus cabellos revoltos,
Soltos,
Estão do vento á mercê...
E o teu olhar divino
Hymno
Que nos diz esp'rança e fé.

Tu és o sol que risonho
Sonho,
Quando desponta a manhã;
Por vezes em Deus medito,
Fito
Na tua imagem louçã.

Segue, segue, ò minha barca,
Marca
O rumo que vaes abrir
Qual nuvem que s'embalança,
Mansa,
No firmamento a seguir.

AO INSIGNE MAESTRO PORTUGUEZ

FRANCISCO DE SÁ NORONHA

Salve! artista que ennobreces
A tua terra natal,
Poeta que nos off'reces
Canção, sublime, ideal,
Que doçura e que magia
N'essas ondas de harmonia
Que a tua alma despendeu,
São per'las, são diamantes,
Nuvem de flores brilhantes
Baixando puras do ceu.

Tudo nos dizes—artista!
No teu sonoro trovar,
Descobres à nossa vista
Encantos que não tem par,
Evocas mil sombras q'ridas

Ha tanto tempo perdidas,
E que vemos reviver...
A tempestade, a bonança,
Luz, desgostos, esperança,
Dias d'infindo prazer.

Se ris, rimos;—se tu choras
Egual tristeza nos vem,
Recordações d'outras horas,
Cuidados, beijos de mãe,
A nossa infancia ditosa,
A prece tão fervorosa,
Resada junto da cruz,
Tudo que è nobre e mais santo,
Tudo que nos move o pranto
E n'esta vida seduz.

Outras vezes tambem dizes
Mimosas fallas d'amor,
Vemos Lauras, Beatrizes,
Visões d'encanto e fulgôr,
Frontes niveas e ridentes
Mil sonhos, loucos, ardentes
Caricias, gozos sem fim...
A paixão que nos devora,
Ou no branquejar d'aurora
As azas d'um cherubim.

È um regaço de flôres,
Luz d'um astro que raiou,
Segredos d'alguns amores
Que o meigo luar guardou.
É a vida que phantasias
N'essas doces melodias

Que lanças á viração,
Linguagem que nos domina,
E cuja essencia divina
Faz pulsar o coração.

Acceita o preito singelo
Que te prestamos aqui,
Quando a patria com desvelo
Da tua gloria sorri.
Assim outr'ora sorria
Das glorias de cada dia
D'este povo portuguéz,
Nome augusto, venerando,
Que vaes hoje abrilhantando
Das ovações atravez.

Salve! artista que ennobreces
A tua terra natal,
Poeta que nos off'reces
Canção sublime, ideal;
E na tua alma inspirada
Fique p'ra sempre gravada.
Do Fayal a gratidão,
Qual pobre florinha agreste,
Que descuidoso colheste
Das montanhas na soidão.

O NOIVADO

—«Ande—mãe—venha, não tarde,
Venha vêr d'estas janellas,
Os noivos que vão passando,
Que ricas bodas aquellas!

—«É uma flor innocente,
Ou talvez alguma fada,
Essa virgem tão formosa,
Toda de branco trajada.

—«Olhe a grinalda de flores
Q'ella traz na fronte linda,
O seu sorrir é tão meigo,
Parece bem nova ainda.

—«Ande—mãe—venha, não tarde,
Venha ver d'estas janellas,
Os noivos que vão passando,
Que ricas bodas aquellas.

—«Já entraram na egreja
Que nos fica aqui defronte,
Até o sol vem beijal-a,
Lá do remoto horisonte.

—«Acenderam-se alvos cirios
Em redor d'esse cortêjo,
A noiva agora ajoelhou-se,
Parece um anjo que vejo...

—«Mas que pallidez tão triste,
Ai! n'essa fronte divina,
No cruzeiro, eil-a deitada
A minha flôr peregrina!

—«Os padres resam com pausa
Soturnas resas da morte...
A procissão vem sahindo,
Lamenta-lhe o povo a sorte.

—«Ande—mãe—venha, não tarde,
Venha ver, com amargura,
A noiva que vae passando,
Para a fria sepultura.

A COSTUREIRA

Pobre pequena, tão cedo
Já sentada a trabalhar!..
Mal o dia surge lêdo,
Vindo as trevas desterrar.
Como o lirio da campina,
Tu, branca flor peregrina,
És singella assim tambem,
E n'essa tua humildade,
Não pensas sequer maldade,
Nem atraiçôas ninguem.

Nos teus lêdos quinze annos,
Não tens sorrisos d'amor,
Nem loucos bailes insanos,
Onde se perde o frescôr;

Quando já noite descanças
Não t'affligem mil lembranças
No teu leito virginal,
E sonhas sonhos ligeiros
Tão alegres, prasenteiros,
Como da fonte o cristal.

Vês tua mãe que definha
Ha tanto tempo a soffrer,
Que sem ti á pobresinha
Quem lhe poderá valer?
É o teu trabalho santo
Que lh'enchuga o negro pranto
N'esses trances d'afflicção,
Como em noite tenebrosa
Surge uma estrella formosa
D'entre as nuvens, n'amplidão.

Filhas humildes do povo,
A vossa sina faz dó,
Quando no florir mais novo
Sois arrojadas no pò;
E a vaidosa que passa
Vem offender na desgraça
A que chorava ao cahir...
Ella que no seu desejo
Não córou despindo o pêjo,
Nem soube nunca sentir.

Vergonha, pois, sobre o ente,
Que á perdição vos conduz,
Que vos rouba o veu florente
Onde a virtude reluz,
Se d'um festim no delirio,

Vos lança n'alma o martyrio,
Algumas horas após,
E a meiga pomba ferida,
De rocha em rocha perdida,
Vae cahir no mar, veloz.

Trabalha, sim, costureira,
O trabalho é lei de Deus,
E d'essa agulha ligeira
Venha a riqueza dos teus.
Conserva na fronte pura
Esse sorrir de candura,
Que ninguem ainda manchou;
E um dia, talvez bem perto,
Um marido terás certo,
Se a trabalhar t'encontrou.

NOVEMBRO

—«Tu bem vês, já s'estende nas serras
Triste manto de findos prazeres,
Ha não sei que sentidos dizeres
No cahir d'essas folhas no chão,
E depois sopra o norte iracundo,
Lá das tardes na luz vacillante,
E passando nas vagas distante,
Eil-o ruje,—desperto leão.

Tanta flor perfumada que morre
Sem um raio de luz bemfazejo,
Que das nuvens o negro cortejo
Invernosas torrentes só tem;

E na rude cabana do pobre
O filhinho prevendo a tormenta
Deita a fronte d'affagos sedenta
Mais unida no collo da mãe.

Este lucto que veste a campina,
Que segredos nos diz tão saudosos,
D'esses dias d'amor tão formosos,
D'essas noites de meigo luar.
E em quanto lá fòra braveja
A rajada no monte fronteiro
Vem das campas um som derradeiro,
Vem as horas de fundo scismar.

Tudo lembra da triste jornada
D'esta vida tão cheia de maguas,
Pobre barca perdida nas fragoas
Sem saber que destino terá;
Evocando d'outr'ora a memoria,
A nossa alma, qual pomba ferida,
Em vão busca do berço a guarida,
Que desfeita p'ra sempre vae já.

Como as notas gementes d'um hymno
Que prepassa na brisa da tarde
Ao proscripto na longa orphandade
Vem dizer-lhe saudades dos seus,
Tambem creio que um anjo bondoso
Aos que soffrem cruento destino,
Traz esperanças d'um dia divino
Resguardado de turbidos veos.

Porém choras!—na fronte innocente
Bem te ficam tão pallidas côres;

Mas não temas teu berço de flores
Ninguem póde roubart'o, gentil.
Que t'importam da vida as tormentas?
A virtude que passa na sombra,
O deserto converte em alfombra,
Primavera d'encantos aos mil.

Vem formosa, sentar-te á janella,
No recorte da nuvem distante
Olha, fulge, por vezes brilhante
Uma estrella de mistica luz,
E em quanto tu fitas sentida,
Esse emblema de casta ventura,
Uma benção talvez m'assegura
Deus que junto de mim te conduz.

AS CREANÇAS

Senite parvulus ad me venire.

Evang.

Do Jordão nas tristes margens
Além caminha Jesus,
Tinge-lhe o sol suas vestes
D'ingente, mistica luz.
Era a multidão immensa,
Dos filhos da nova crença,
Que Jesus seguindo vão.
E a sua palavra santa
Como um hymno se levanta,
Dos ceus na vasta amplidão.

Mancebos, velhos, mulheres
Os seus pés querem beijar,
De longe vem pressurosos
Ali remedio encontrar.
São qual seara inclinada
Na brisa da madrugada
Tôda d'amor a fremir;
Bem sabem elles do justo,
Quanto pode um gesto augusto,
Para os salvar e remir.

Jesus parou.—A seu lado
Fieis discipulos vio,
S'tavam todos desde Pedro
Até João, p'ra quem sorrio.
A turba em redor, sedenta,
Do meigo olhar que aviventa
Quer o fogo receber,
O chão beijar dos seus passos,
Onde lê em grandes traços
O final d'agro soffrer.

E mais, e mais se ajuntavam,
Erguem as mães bem no ar
Os braços, com os filhinhos,
P'ra que Elle os possa avistar.
Algumas rompem a custo,
Todas tremulas de susto,
As ondas da multidão,
E os filhos lhe apresentando,
Mestre!—dizem chorando—
Tende d'elles compaixão.

As creanças um discipulo
Então affastal-as quer,
São ellas acaso dignas
Do Christo verem sequer?
Aquelle que rege o mundo,
E do cahos o mais profundo
Faz surgir obras gentis,
Como pode, sem enfado,
Prestar o menor cuidado
A uns rogos infantis?

Mas Jesus indignou-se
D'esta doutrina cruel,
Pois so deseja doçura
Sem nenhum trago de fel.
Eis ergue a voz exclamando;
«Vinde a mim, meus filhos, quando
Um dos meus vos offendeu!
Vinde a mim, pois em verdade,
Sem a vossa santidade
Ninguem entrará no ceu.

Vinde a mim. Eu abençou-o
As vossas preces d'amor,
Sois na terra quaes estrellas,
De vivo, puro fulgôr.
Sois as flores d'este deserto,
Á mercê do vento incerto,
Dos homens no tremedal.
Quantas vezes, innocentes,
Não soffreis dôres pungentes
Sem sonhar sequer no mal.

E em vós mulheres abençou-o
O sagrado amôr de mãe,
É perola que vale muito
Na terra e no ceu tambem,
N'esse affecto eu deposito
O allivio do proscripto,
Onde vae rosas colher,
Qne tudo o que è nobre e santo,
Se resume no encanto,
Da creança e da mulher!

A VIRGEM BRANCA

Á noite—por vezes—scismando sosinho,
Vi junto de mim
Passar uma sombra, ligeira, formosa,
Um anjo...Quem sabe?..que vida ditoza
Com anjos assim.

Da pallida fronte despenham libertos,
Quaes ondas do mar,
Compridos cabellos no collo despido,
Depois longo manto de neve tingido
A vem circumdar.

Em tudo revella tão meiga tristeza!
Mais tristes não são,
Meu Deus, essas rozas que planta a saudade,
As preces, os choros da longa orphandade,
Das campas no chão.

E passa tranquilla; ai! quero-lhe muito,
Seu rumo bem sei,
Por trevas cerradas conduz-nos distante
Dizendo: «não temas, que patria brilhante
Alfim te darei.»

Nos bailes, nas festas, do mundo no brilho
Quem visto não tem,
Os entes mais puros, d'amor vehemente,
Quaes flôres buliçosas q'envolve a torrente
Seguirem-n'a além?

Passava nas trevas—nas trevas caladas
Seu manto reluz;
Feliz namorada!—que longa cohorte...
Por ella se trocam riquezas da sorte
E cinge-se a cruz.

Comtigo verdades, aqui desenganos,
Miserias sem fim;
Na voz d'amizade, nos beijos d'amôres
Que serpes malditas por entre essas flôres
De tanto jardim!

Q'importa o seu nome, seus negros cyprestes
Na c'rôa real?
Rainha d'encantos tão candida virgem,
Offerta repouso de tanta vertigem,
A branca vestal.

Um dia lhe disse:—«teu reino formosa
Quão lindo será!
Consentes que parta?—Sorrio e de leve
Nas minhas pousando a dextra de neve
Murmura:—Pois já?!..

Após affastou-se, mas eu não m'engano,
No riso infantil
Julguei divisar-lhe promessas infindas,
São quaes borbolêtas mimosas e lindas
N'um prado gentil.

Estrellas da noite guiai os seus passos
Na vassa amplidão;
Banhai-a nas ondas de luz cristalina,
—Os braços da morte Jesus illumina
De paz, redempção.—

Por isso de noite, por vêzes scismando,
Vem junto de mim
Passar uma sombra ligeira, formosa,
Um anjo...Quem sabe?...que vida ditosa
Com anjos assim.

A COROA DE ESPINHOS

Salve! emblema glorioso,
Florente crença d'amor,
Cingida na fronte augusta
Do Christo!—do Redemptor.
C'rôa d'espinhos sagrada
Quem podéra bem chegada
Apertar-te ao coração,
E sentir como sentiram
Os apostolos que te viram
N'estes dias da paixão.

Que de preceitos ensinas
Debruçada n'essa cruz!
Que perfumes não exalas
Em ondas d'etherea luz?!..
Nas horas do soffrimento,
Tu volves negro tormento
Em meigas canções do ceu;
Ès a nuvem matutina,
Ès estrella peregrina
Que d'além té nós desceu.

—Ai! diz-nos—diz-nos formosa,
Que somos todos eguaes,
Que a humildade na terra
Tem nos ceus fóros reaes;
Que em vez de torva vingança
Sublime perdão nos lança
Esse Deus que te sagrou,
Perdão d'amor e doçura
Que da morte na tortura
Ao mundo Christo legou.

Tu brilharás n'esse dia
Do julgamento final,
Não espectro vacillante
Mas luzeiro divinal;
Immersos nos teus fulgores
Entre palmas, entre flôres
Adejarão cherubins,
Quebrando o somno da morte,
Té dos que lançára a sorte
Nos mais remotos confins.

E todos serão remidos,
Todos os filhos da fé,
Por esse tão puro sangue
Que em torno de ti se vê;
Bem vinda—ó c'rôa d'espinhos!
Tu nos abres os caminhos
Que vão bem longe guiar. . .
E branco, formoso lirio,
Vens findar este martirio,
Vens nova patria nos dar.

MARIANNA

Que valem as juras que lêdas se trocam
D'um baile ao fulgôr?
Na gaze entr'aberta d'um peito formoso,
Que ardente palpita da valsa no goso,
Não ha sempre amor.

Alli a vaidade tem falas q' enganam,
Miragens sem fim;
O tedio s'esconde na fronte ridente,
Fingindo candura, feliz, innocente,
D'algum cherubim.

Aquelles que passam não vêem essas magoas
P'ra elles que são?
Q'importa esse gêlo se galas ostenta,
Na louca vertigem de gôso sedenta,
Q'importa a traição?

Ai! não foi á luz dos bailes
Que te vi a vez primeira,
Tu que fostes a palmeira
Do deserto em que vivi.
Foi n'uma tarde, ao sol posto,
Foi no campo entre verdores,
Foi n'essa quadra das flores,
Que meigamente sorri.

E como vinha saudoso
O scintillar das estrellas,
A beijar-te as formas bellas
Da noite no denso veu.
Que pallidez n'essa fronte,
Que magia em teus olhares,
Como a Virgem dos altares,
Botão de rosa do ceu.

A meu lado eras a vida
Recendente de harmonias,
Tu na mente m'encendias
Torrentes, d'inspiração...
Por noites de lua cheia
Dormiria em teu regaço,
Como o filho em longo abraço,
Da mãe junto ao coração.

Com que pezar me recordo
D'esse teu longo cabello,
Quando solto, com desvelo,
O vinha a brisa beijar?
Que louras tranças cahidas!
E tu querias, feiticeira,

Que de flores de larangeira
Te fosse as tranças ornar!..

Creança para que fugiste
D'entre os meus braços tão cêdo,
Sem me dizeres o segredo
D'este longo padecer?
Donzella p'ra que manchas-te
A tua c'rôa de virgem
D'esses festins na vertigem
P'ra nunca mais florecer?

Quando passas radiante
A luz d'um baile festivo,
Eu dos teus olhos m'esquivo
Como d'um quadro fatal.
Então solitario, triste,
Vou buscar outra paragem,
Evocando a meiga imagem
Perdida no tremedal.

Embora;—conservo a crença
Do tempo da juventude,
Saudosa voz d'alaùde
Que vem na serra findar.
Tu p'ra mim és sempre casta,
És a creança innocente
Adormecida, indolente,
Sem saber ainda sonhar.

O MONGE DE PEDRA [a]

Pescadores, sustai os remos,
Que linda noite que temos
N'este mar;
A nossa tão branca vela
Ao luar é qual donzella,
Faz scismar.

Dizem lá na nossa ilha
Que d'aqui mais d'ua milha
Inda alem,
Jaz erguido negro frade,
Dizem lá, valha a verdade,
Sem ninguem.

---

[a] Rochedo no baixo das—Formigas—nos mares de S. Miguel, que visto de certa posição semelha um vulto humano.

Pescadores vamos avante,
Eil-o o monge, n'um instante
Ides vêr,
Que vae n'um brado profundo,
Qual gigante prezo ao mundo,
Proromper.

—«Eis-me só, só n'estas agoas,
Colosso firme de pé,
A contar as minhas magoas,
Magoas que ninguem vê;
Passo sec'los de tormento
Immensos qual firmamento,
Sem que da morte o alento
Um refrigerio me dê.

Ás vezes ruge a procella,
Fusilam raios no ceu,
Negra vaga s'encapella
Mas quebra n'este escarceu!
Sorri após a bonança,
E a minha vista alcança
Destroço que a noite lança,
Que quisera fosse meu.

Ó Deus foi grande o meu crime,
Mas é grande a punição,
O teu braço quando opprime,
Opprime mais que um grilhão.
Eu outr'ora respeitado
Era um ministro sagrado,
Pelo seu sangue chamado
Á obra da redempção.

Parti...queria de Roma
O sacro lenho beijar,
Arv're excelsa cuja côma
Vae da terra aos seus tocar;
Mas na galé navegando
Fui negros olhos fitando,
Que minha alma allucinando
Me fizeram aqui lançar.

Ai! quão bem me recordo
D'essa noite a limpidez...
Dormitava tudo abordo
No tolda cahi-lhe aos pés;
Enlacei-a nos meus braços,
Eram de ferro esses laços,
Eram protestos devassos
Proferidos muita vez.

Ella emfim desfalecida
Deixou o collo pender,
Sorvi-lhe n'um beijo a vida,
Senti-lhe o seio tremer;
Mas de subito a tormenta
Desperta com a voz sedenta,
Pesada vaga rebenta
E o convez vem varrer.

O resto foi um mysterio
Só reservado ao Senhor,
Senti queimar-me um cauterio
Despertei...mas que pavôr!
Aqui estava firmado,

N'este rochedo encravado,
Negra estatua do peccado,
Sentindo o seu amargor.

A vista lancei ao longe
E nada ao longe avistei,
Tinha uns habitos d'um monge,
Cilicios feros contei!
Desde então aqui existo,
Mil procellas tenho visto,
E sempre firme resisto,
Resisto que é minha lei!

ANHELOS

Se Deus me concedera viver junto
Da virgem q'eu sonhei n'um lêdo sonho,
Talvez que d'esse encanto na magia
O sol que me doirasse o novo dia
Ai! fosse mais risonho.

Talvez que n'este peito despertasse
Das creanças infantis dôce lembrança,
E das noites no seio inda eu soubesse
As notas esquecidas d'uma prece
De quando era creança.

Tornará-se o deserto d'esta vida
Campina revestida de mil flôres
Como o nauta n'um lago cristalino
Descuidoso eu soltára alegre um hymno
Um hymno só d'amores.

Eu quero uma outra vida, novas crenças
Despertadas no sorrir da tua fronte,
Vem tu ser do proscripto a doce estrella,
Que nas trevas no manto surge bella
No longinquo horisonte.

A quem soffre e soffre muito n'este exilio
Vem donzella findar-lhe a sorte dura,
No despontar gentil da primavera,
Enlaça-te ao meu seio qual verde hera
Da selva na espessura.

Se as ondas tem mysterios que s'occultam
Do seu leito no fundo mais distante,
Assim dos teus olhares a luz divina
Tem mysterios d'amor que nos ensina
De Deus a luz brilhante.

Olha, o ceu tem mil nuvens caprichosas
Mil visões no luar, loucas, frementes,
Vem tornal-as de sombras em verdade
Dá-me a vida, poesia, mocidade
Nos teus labios ardentes.

Mas debalde a minha alma entristecida
Procura reviver tão dôce quadra,
Pobre flôr que a torrente vae levando
Sem ver, sequer de longe vir raiando
A luz da madrugada!

Cresce a noite sombria que s'estende
Na triste solidão, na minha vida,
E no ceu eu te procuro—ó meus amores,
Innocente, n'um leito todo flôres,
Sorrindo adormecida.

A DESPEDIDA

—«Escuta, Julia, não ouves
Lá nas quebradas da serra,
O clarim do mouro ousado
Soando toques de guerra?

—«Aquelles lumes que brilham
Toda a noite, quaes estrellas,
É o logar da bandeira
Velado por sentinellas.

—Eis-nos cercados dos mouros
Por numerosa cohorte,
Cinge a espada ao meu lado,
Que eu nunca temi a morte.

—«Tu descoras—meus encantos—
Não temas assim, por Christo!
Mais d'uma vez na pelêja
Já vencedor me tens visto,

—Dá-me os teus labios...que fogo
Essa fronte te devora!
Ai! Julia, tu ès um anjo,
Um anjo ri, mas não chora.

—«Inda a noite vae em meio,
Une-te aqui no meu peito,
Como o lyrio das campinas
Nas folhas que tem por leito.

«Vem do ceu—astro d'amores—
O meigo clarão da lua,
Illuminar-te, beijando,
Esse collo e fronte nua.

—Por Deus, sim, que bem me custa
Apartar-me dos teus braços,
Ir pelejar contra mouros
Rompendo tão doces laços...

—«Porém, lá sôa de novo
O clarim chamando á guerra;
Passam fileiras dos nossos
Eis o combate na serra.

—Adeus Julia, sobe ás torres,
Do teu mais alto mirante,
Pede á Virgem que nos guarde
Do rei mouro triumphante.

—E se negra nuvem vires
Alem, passar pela lua,
E a minha alma—querida—
A despedir se da tua.

LEMBRAS-TE?

Quando tu me perguntaste
Qual a flôr que por modêlo
Seguir deves com desvelo
Nos encantos que contem?
—Respondi—A violeta;
Pois alem de ser singella,
È emblema da donzella,
Que da flôr purêsa tem.

—Ha outras, sim, mais risonhas,
Que nos deslumbram vistosas,
Dahlias, milhares de rosas,
Que se dão a quem as quer.

O mundo chama-lhe lindas,
Mas repara—Margarida—
Nem tudo que luz na vida,
É o mais puro;—mulher!

—Eu não trocára de certo
A humilde violeta,
Que tão occulta vegeta
Das campinas no frescôr.
Pelas folhas já fanadas,
D'outras flôres em desalinho,
Que não tem meigo carinho,
Nem tão velado pudôr.

—Formosura, é realesa;
N'isso concordo comtigo,
Mas um conselho d'amigo,
Não te escudes n'ella sò.
P'ra que não vejas em breve,
Nas trevas da soledade,
O teu veu de virgindade,
Todo manchado no pó.

—Porèm, diz-me quando resas
Aos pés de Nossa Senhora,
Não te lembras n'essa hora,
Que tão humilde viveu?
E ves tu, ella é estrella,
È toda luz e caudura,
E das lagrimas n'amargura,
Foi que tão alta se ergueu.

—Não maldigas pois a sorte,
Que a trabalhar te convida,

O trabalho—Margarida—
Nos pobres tem mais valor,
E na fronte da donzella,
O diadema mais lindo
É a virtude entr'abrindo,
Os seus thesouros d'amor.

Sê pois como a violeta
No seu profume innocente,
Não te creste o mundo ardente
Nas insanias d'um festim.
Embora humilde, sem brilho,
Vejas outras radiantes,
Deixal-as passar ovantes,
Mas não lhe queiras o fim.

MARGARIDA

I

Corria tristemente o inverno de 1812, a noite estava tenebrosa, e as solitarias ruas da então villa da Horta, completamente desertas, eram a presa das trevas e de um forte vendaval.

As enormes vagas que vinham desfazer-se no extenso areal que circunda a Horta, assimilhavam no seu rebentar constante o estampido de longinqua artilharia, ou então, a espaços, o rumor que se eleva d'uma grande agglomeração de povo, intercortado por gritos confusos e indefiniveis.

Poucas eram as habitações que se viam ainda com luz; os pacificos fayalenses de ha muito entregues ao somno, a pesar de sómente terem acabado de soar dez horas, esperavam tranquillamente nos seus leitos a alvorada seguinte para recomeçarem a trabalhar nas suas occupações diarias, n'esse estreito circulo que a natureza lhes assignalou.

E não será realmente um prazer, ainda que um pouco egoista, quando no clima inconstante d'estas ilhas, sentimos lá fóra as iras da tempestade, e nos vemos n'um aposento bem *confortavel*, resguardado e tepido, em quanto nos lembramos por contraste, que desenas de navios cruzam n'aquella mesma hora o oceano que nos rodeia, tendo somente por segurança a pericia e o debil luctar dos homens contra a impetuosidade dos elementos!

Na rua de São Francisco, n'esta noute, apenas n' uma casa de modesta apparencia, se via brilhar, illuminada, uma janella, guarnecida de alvas cortinas hermeticamente cerradas.

Com as prerogativas de romancista, seja-nos permettido introduzir o leitor n'essa mesma habitação e contemplarmos por alguns momentos o que alli se passa.

N'um quarto adornado com singeleza, e cuja mobilia apezar de pobre demonstra o mais rigoroso aceio, acha-se costurando, junto de uma meza, uma rapariga de uns vinte dois annos de edade.

Não era de certo a mulher formosa, na verdadeira accepção da palavra, possuia porém um corpo bastante delicado e flexivel, e no rosto sobre o oval e legeiramente descorado uma expressão de bondade que nos atrahia invencivelmente.

Os seus olhos castanhos e bastante rasgados, tinham fogo e animação, o cabello simplesmente atado com uma fita encarnada e levantado, como hoje se diria, á Maria Stuart, deixava-lhe descoberta uma espaçosa fronte, indicio de intelligencia, em quanto que na extremidade do seu vestido de côr escura, a ponta desinquieta de uma botina á hespanhola, mostrava-se por vezes com pequenez encantadora.

Por algum tempo continuou Margarida, que assim

se chamava a minha heroina, completamente entregue ao seu bordado, até que olhando para um relogio de mesa, traste então ainda raro, que aquelle aposento possuia, e vendo já serem dez e meia da noite, levantou-se, dobrou a obra de costura que tinha entre as mãos, e depois affastando as cortinas da janella veio collocar a fronte contra o frio dos vidros.

—Meu Deus!..já tão tarde e Pedro sem chegar ainda: onde poderá estar elle a similhantes horas? dizia a rapariga, tratando de enxergar algum vulto na escuridão da noute, e escutando se sentia passos.

N'este momento, como se respondesse à interjeição que ella acabava de fazer, a bulha de uma chave girando n'uma fechadura se fez ouvir e alguem subio a escada.

Margarida reconhecendo um andar que lhe era bastante familiar, correu immediatamente a abrir a porta do quarto em que se achava, dando passagem a um mancebo rebuçado em larga capa, d'estatura elevada e porte elegante.

—Como vens hoje tarde, Pedro! disse ella, lançando-lhe os braços ao pescoço e apresentando-lhe uns labios de coral.

—Que queres, Margarida, só agora mesmo me pude desembaraçar de algumas visitas que estiveram lá em casa; sahir mais cedo poderia ter sido notado, e bem sabes que meu pae é bastante severo.

—Sim, sim; respondeu ella, passando-lhe pela fronte uma sombra de tristeza, mas quem sabe tambem se te demorarias por tua propria vontade; podiam ser pessoas em cuja companhia muito prazer encontrasses...

—Ai! ainda? perguntou Pedro, com ar um pouco enfadado.

—Ainda e sempre, respondeu tranquillamente Margarida; olha, não sei porque é, mas o coração adivinha-me que de ha tempos a esta parte ja me não amas como d'antes, tens o quer que seja que me occultas, e esta noite estou certissima que esteve em tua casa a familia do Lemos.

—E mesmo que assim fosse, respondeu enleado o mancebo, que tinha isso, louca?

—Para ti, nada, mas para mim muito; de que podem valer as lagrimas d'uma filha do povo, d'uma mulher perdida, quando o seu amante rico e nobre se acha ao lado d'aquella com quem um dia talvez partilhe a felicidade? A que vem essa aventureira metter-se de permeio n'essa união, ella que deshonrada, com a vergonha nas faces e a amargura no coração, foi um dia expulsa da casa dos seus, gente pobre mas honrada? Que importa que fosse esse homem que a transviasse do caminho da honra, quando a sociedade absolve sempre similhantes faltas, fazendo somente recair sobre a mulher todo o seu justissimo desprezo? Fazes bem, Pedro, tens feito mais do que eu te merecia, apoz um capricho passageiro, podias ter-me atirado ao rosto uma bolsa com algum dinheiro. Ha trez annos, porém, que me sustentas, frequentando esta casa, trez annos, uma eternidade em amor, deves necessariamente estar aborrecido...

E exausta de quanto acabava de dizer, Margarida deixou-se cahir sobre uma cadeira, occultando com as mãos o rosto sulcado então por ardentes lagrimas.

Pedro respondeu-lhe alguma d'essas banalidades uzadas em similhantes casos, as quaes apezar do colorido da phrase não conseguem, comtudo, socegar o coração de quem apaixonadamente ama e sente o gelo da indifferença atravez d'essas fallas.

Ligai um cadaver esqualido e livido ao desabrochar d'uma existencia esperançosa e fresca, e ahi tereis um espectaculo mais trevial do que julgamos, e que muitas vezes passa desapercebido, qual o d'um amor que se extingue.

Imaginai o sol que se occulta em dourado horisonte, deixando, porèm, no lado opposto as trevas a entristecerem a terra, e as nuvens a se accumularem ameaçadoras ao som do vento que geme nos pinheiraes...

Imaginai para o naufrago a vasta solidão do oceano, e ao longe, muito ao longe, a sumir-se lentamente nas nevoas da tarde uma vela, sem que o veja, nem lhe dê soccorro...

Ou então nas margens floridas e perfumadas d'um tranquillo riacho, orladas de formosas arvores, ao som de suavissimas canções, na luz da manhã, a triste soledade da avesinha que ferida pelo caçador e cahida nas agoas, vae de vagar, á mercê da corrente, expirar longe dos seus.

São assim os amores que acabam, ou amor que deixa de ser correspondido, e quando virdes em rostos ainda juvenis essa eterna melancolia nascida do sulcar das lagrimas, essas leves rugas prematuras, como um signal de morte aonde a primavera desponta ainda explendida, adivinhai alli um calix de amargura, ainda que muitas vezes occulto cuidadosamente:—foi uma roseira d'encantos que cultivador descuidoso ferio na estação das flores; desfalleceu a pobre planta e nem ja o sol fecundo d'abril lhe pode dar vida e calor.

E tu, Margarida, será tambem assim a tua sorte?

II

Um dos melhores e mais veridicos romancistas da actualidade, um dos homens que depois de Balzac sondou mais profundamente com o escalpello do genio os mysterios do coração humano, escreveu um dia=*C'est toujours la femme qui perd une autre femme*=e nem assim este salutar aviso de Octave Feuillet conseguio ainda estabelecer todo o cuidado que em certas idades deveria haver com as intimas relações que tão facilmente ligam as raparigas, especialmente das classes mais elevadas da sociedade.

Da mesma maneira que, em geral, os homens para julgarem pura como os anjos uma mulher, só lhe impõem a prohibição d'um acto physico, sem olhar se a sua alma tem descido, muitas vezes, até ao mais baixo nivel do recato, assim tambem são a miudo permittidas no seio das familias certas amisades que mais tarde produzirão um effeito pernicioso para aquellas que de perto as trataram, porque então nem a voz

autorisada e doce do amor materno, nem os mais sabios conselhos tem poder de destruir a fascinação a que cede uma mulher, quando uma amiga intima e a quem ella confia todos os seus pequenos segredos, lhe diz:—segue esta verêda, eu é que te fallo a verdade, tua mãe não quer a tua ventura!

E muitas vezes a victima, toucada de flores, com a innocencia nos labios, e delirante de prazer, deixa o remanso sagrado da familia pelos acasos inconstantes d'uma paixão, e vê n'um dia perdido para sempre o seu futuro.

Note-se tambem que as mulheres são entre si inexoraveis, e que essa mesma amiga que antes a induzia para se transviar, será depois a primeira que lhe lançará em face a enormidade da sua culpa.

Vieram-nos a pêllo estas observações ao termos de esboçar o viver que na Horta tinha uma das mais abastadas familias de então, de quem no capitulo antecedente ouvimos Margarida fallar com receio de que fosse ella a causa de lhe ser roubado o seu amante.

Compunha-se a familia Lemos de trez individuos, para os quaes reclamamos alguma attenção.

Jorge de Lemos, era um d'esses folgazões e alentados morgados, senhor d'uma boa casa, sem instrucção alguma, e habituado desde a infancia a ver correrem-lhe os negocios ás mil maravilhas, porque, em abono da verdade, devemos confessar que, ao envez de quasi todos os seus igüaes, não era elle um mau administrador dos seus haveres.

Entregando-se, porém, especialmente á gerencia da sua casa e á cobrança dos seus rendimentos, estava firmemente convencido que mais obrigação alguma tinha a cumprir na sociedade.

Aos trinta e cinco annos casára com uma rica her-

deira, á qual deixou todo o cuidado da familia, tendo somente uma filha d'este consorcio.

Andava agora á roda dos seus sessenta e cinco annos o nosso morgado, e promettia viver uma eternidade.

Luiza de Lemos, sua consorte, era uma senhora algum tanto mais nova do que o marido, magra bastante e de debil compleição, trajava habitualmente de côres sombrias, e gastava a maior parte do dia passando as contas de um rosario, e com os seus olhos azues e limpidos, que outr'ora deviam ter sido encantadores, voltados para o ceo.

Era senhora de muita devoção, confessava se mensalmente, e sendo na realidade uma excellente creatura, teria sido uma exemplar freira, em quanto que era uma má dona de casa.

Foi ao lado d'este pae todo entregue ás materialidades da vida, e d'esta mãe que sò cuidava nas coisas celestes, que a pequena Ignez, sua filha, foi crescendo e adquirindo alguma escassa illustração, mais devida ao seu genio sagaz e esperto, do que aos auctores de seus dias.

Ignez era uma d'estas meninas junto das quaes lhes perdoamos o não serem muito formosas em compensação da alegria que possuem.

Espirito voluvel, qual borboleta que adeja entre flores, caracter talvez um pouco cynico, propenso sempre a travessuras e a diversões, douda pela dança, e possuidora d'uma voz sonora, ainda que um tanto forte, era uma rapariga em torno da qual muito se agglomeravam os *leões* d'então.

Junte-se ainda a isto o ser filha unica, e a perspectiva da abundosa herança do morgado, porque finalmente nós todos somos mortaes.

Apontavam-se até áquella data varios namoros á interessante morgadinha, inclinações comtudo sem importancia alguma, por isso que a maior parte nascidos na primavera, nem sequer chegavam ao inverno, a estação dos desenganos.

E talvez pensasse ella que para uma menina elegante é tão necessario um apaixonado como um leque ou como um vistoso collar, e que pela razão de ser objecto da moda, e esta extremamente variavel, devia por conseguinte soffrer tambem as prescripções da caprichosa deusa da phantasia.

Haveria um anno, porém, a esta parte, que um feliz mortal começava a causar alguma inquietação aos numerosos pertendentes da dourada mão da morgadinha.

Viam elles com bem fundado receio estreitarem-se as relações da familia de Pedro com a do abastado morgado, e aquelle, que de ha muito entregue ao amor d'uma filha do povo, raras vezes frequentava os saraus, era agora effectivo em toda a parte aonde Ignez apparecia.

Ainda mais, trez velhas beatas que moravam fronteiras á casa do senhor Lemos, e que a existencia em *ocio sancto* consumiam continuamente por dentro das rotulas, espreitando a vida dos visinhos, começavam a resmungar contra um vulto que á bocca da noite era visto, como sentinella á sua casa.

Uma d'ellas não pôde uma vez deixar de dizer ás suas irmãs:

—Vêde, manas, qual a prevaricação do seculo, nem a nòs, com estas idade que temos, deixam estes homens de vir rondar a porta; lá vem o vulto da noite passada...

—Vade retro, Satanaz, accescentaram em côro as

outras duas, benzendo-se e soltando a final um suspiro...

Ora, para entendimentos mais perspicazes, esta circumstancia notada pelas beatas, era atterradora com relação a Ignez, porque de certo se esse homem alli vinha, se passava a uma determinada hora, é porque sabia que o esperavam.

Como nos grandes perigos da governação do estado todos os cidadãos se unem, seja qual for a sua côr politica, para o salvaterio do paiz, assim tambem esses homens que ainda ha pouco a rivalidade affastava reuniram-se todos para fazerem uma caçada ao feliz amante, e saberem o que havia de positivo n'este negocio.

Era um muito judicioso pensamento.

Com pasmo, porém, geral, o vulto não appareceu mais, os desnorteados inquisidores olharam-se ao principio desconfiados, ficando um d'elles de consultar no dia seguinte um frade do seu conhecimento, homem de grande experiencia n'estes negocios, emquanto quasi todos assentaram, que o vulto sabedor de que o espreitavam, ou então attemorisado das suas bellicas figuras, teria desistido completamente da empreza.

Esta idea era-lhes a mais grata e por conseguinte a que mais facilmente accreditaram.

Para intelligencia do nosso benevolo leitor lhe diremos, que Pedro e Ignez tendo percebido a espionagem de que eram alvo, haviam simplesmente mudado de tactica; á bondosa protecção d'uma amiga de Ignez, senhora solteira, vivendo só com uma creada, era a quem a sua apaixonada amiga contava tudo.

Seguio se, pois, que se Pedro menos vezes fallava agora com a sua namorada, tinha porém com ella entrevistas mais duradouras, na casa da complacente a-

miga, aonde se encontravam, e aonde todas as semanas achava Ignez pretexto de ir ao menos uma vez.

Tal era o estado, n'aquella epocha, da casa do senhor Lemos. Este occupava-se exclusivamente a passar quitações e ralhar com os quinteiros; a mãe a resar sem treguas, e a filha a sonhar aventuras.

Que feliz familia aquella!

III

Assim foi decorrendo o tempo, ao gelido sopro do inverno succedeu a festiva estação das flores, retoucaram-se as campinas de perfumadas alfombras, mais limpido se mostrava o ceu, e até o oceano, como gigante cançado de uma grande lucta, adormecera agora profundamente.

Depois veiu a estação calmosa, as formosas noites de julho, o magnifico luar, e a lembrança do campo com os seus mil attractivos e com a sua tão desejada tranquillidade.

N'aquelle tempo, ainda mais do que actualmente, despovoava-se durante o estio a boa villa da Horta, ao menos pelas familias abastadas que na ilha residiam; o Pico, fonte de riquezas para os fayalenses via durante alguns mezes as suas humildes povoações invadidas por centenares de pessoas que lhes levavam a vida e animação, apezar do sombrio aspecto que aquella terra possue e dos nenhuns encantos que a sua aspera estructura encerra.

A familia Lemos escolhera n'este anno, ao envez do que geralmente praticava, uma das freguezias ruraes do Fayal para passar o verão, estabelecendo-se na Praia de Almoxarife, distante alguns kilometros somente da Horta.

A Praia è uma extensa ainda que humilde freguezia, á beira mar, possuidora d'uma bonita egreja fronteira ao mesmo, de agradaveis passeios, muita verdura e mais do que tudo de um bonito areal, formando uma vistosa bahia, sitio realmente encantador, quando os ultimos raios do sol se escondem além nas distantes serras, e que a brisa das aguas traz á natureza exausta pelos ardores do dia, horas de dulcissimo prazer.

Ao sul divisa-se o aspecto um pouco severo da lomba da Espalamaca, prolongando-se pelo mar, em quanto que do lado opposto o terreno mais plano apresenta por entre louras searas as ramas copadas dos arvoredos, que em todo o sentido a recortam.

Em frente o mar e mais alèm a enorme montanha do Pico, elevando o seu negro e agudo cume muito acima das nuvens que cercam o corpo da ingreme ilha.

A lua acabava de elevar-se, derramando doce claridade sobre as campinas, um profundo silencio envolvia a aldeia, so intercortado pelo gemer das vagas desfazendo-se mansamente no areal, em quanto trez pessoas passeavam, ao longo da praia, alegremente conversando.

Eram Ignez, a sua intima amiga Marianna, já conhecida do leitor, e Pedro.

—Acredita Ignez, disse Pedro, apertando n'uma das suas as finas mãos da companheira, o tempo que se passar até á realisação do nosso casamento, será

para mim de verdadeira impaciencia, se eu te amo tanto...

—Mas não obstante isso, respondeu ella, diz-se que ainda conservas relações com essa mulher que tinhas...e que frequentas a sua casa.

—Não o nego, duas ou trez vezes ahi tenho ido, mas simplesmente para evitar um escandalo. Sabes perfeitamente a terra em que vivemos, e tenho querido poupar assim o teu nome de andar envolto n'estas aguas turvas.

—Faz o que melhor te parecer, meu amigo, em quanto não fores meu marido, dou-te completa liberdade.

És um anjo! lhe respondeu Pedro.

Pobre cego, que allucinado pelo amor não via que jamais a uma mulher de sentimentos puros, cabia sustentar diante do seu desposado similhante doutrina.

A este tempo Marianna retrocedera alguns passos tomando tambem parte na conversação.

—Que lindo anoutecer, disse ella, deve ser realmente encantadota a vida campestre; ha oito dias que aqui estou, em casa de Ignez, e tem-me parecido um momento.

—Pois olha, minha amiga, tornou a morgadinha, confesso francamente que não poderia supportar por mais d'um ou dois mezes este isolamento; se eu fosse rica bastante e independente para gosar da vida como entendo, crearia ja n'este mundo um ante gozo do paraizo, mas não seria o logar escolhido n'uma aldeia.

—E o que desejarias?—perguntou Pedro.

—Cercar-me de todos os prazeres que são caros ás mulheres, frequentar theatros, bailes, festividades, em summa todos os pontos de grande concorrencia, onde brilhamos ou pelo rigor da moda, ou então...

—Pela formosura, como a tua, completou Marianna.

—És muito lisonjeira, cala-te.

—Apesar de concordar comtigo, tornou ainda o mancebo, porque em fim os diamantes não foram creados para viver escondidos, mas sim para darem luz e adornarem a sociedade, convenço-me, não obstante, que essas continuadas festas tambem trariam comsigo, em breve, a saciedade.

—A saciedade, louco! replicou ella, e sabes tu se é possivel saciar o coração d'uma mulher quando uma verdadeira paixão a impelle?

Pergunta antes ao ceu immenso o numero de suas estrellas, e a este oceano as gotas d'agoa que contém, mas não tentes medir o impossivel.

—Admira, comtudo, accrescentou sorrindo Marianna, com essa disposição de genio que dizes possuir, com essa sêde de esplendor e riqueza, consentires trocar, em breve, os teus sonhos favoritos, pelos encargos da familia.

—N'essa parte, disse Pedro, pode V. Exc.ª estar descançada. Ignez terá depois de casada comigo toda a liberdade possivel, quero-a para minha esposa e não para minha escrava...

Nos labios de Marianna volteou um leve e quasi imperceptivel sorriso de desdem; conhecia ella bem a sociedade e sabia o quanto valem protestos de namorados.

—Nem eu d'outra maneira acceitaria o teu pedido, continuou a desposada, porque não annuires às minhas inclinações, seria a prova mais evidente que me não amavas deveras.

—De certo, minha amiga, respondeu Pedro.

—Que bello marido d'alli se está talhando! pensou Marianna, se tivesse a certeza d'elles todos serem tão

pacificos, juro que ainda tentaria adornar-me com a grinalda de flores de larangeira. Quem sabe?..

Tinham chegado em frente do portão que do areal dá entrada para a freguezia, e dirigiram se pelas tortuosas ruas até á habitação campezina do pae de Ignez. Estava este á janella, em mangas de camisa, e perguntou para a rua aos que chegavam:

—Digam-me uma cousa, encontraram por ahi alguem da villa?

—Não, senhor, respondeu Pedro, temos estado passeando no areal ha muito tempo, mas não vimos pessoa alguma.

—Nem mesmo do campo, accrescentou Ignez.

—É que haverá uns dez minutos, estando aqui na janella, vi dois sujeitos vestidos de preto, parados algum tempo, parecendo orientarem-se sobre o quer que fosse; gente do campo não eram elles.

—E não os conheceu, meu pae?

—Qual conhecer, estavam um pouco afastados, e além d'isso eu com os meus sessenta janeiros cada vez vou vendo menos; estão porém ahi parados, vamos a entrar.

Depois da ceia, abundantemente servida, e de longa conversação, Pedro despediu-se, para se recolher á villa, esperando em quarenta minutos fazer o caminho no seu excellente cavallo.

Deixou pois alegremente a caso da sua desposada, em quanto esta pouco tempo depois adormecia no mais descuidoso somno.

Não estavam porém acabadas as peripecias d'esta noite.

IV

Duas horas após era acordada em sobresalto toda a familia Lemos. Ao som d'umas fortes pancadas na porta principal da casa campestre correra alli um criado, e tendo aberto a mesma encontrou, banhado em sangue e estendido no chão, um vulto de homem.

Começára o criado a soltar grandes gritos para que acudissem, em quanto que as pessoas, que pareciam alli ter conduzido o ferido, se afastavam jà em distancia e a grandes passos.

Immensa foi a consternação de todos ao reconhecerem na victima d'uma queda, ou talvez d'um crime, o rosto de Pedro, estremamente livido e n'este momento sem sentidos. Examinaram-o attentamente, depois de o haverem recolhido ao interior da habitação, reconhecendo-se ter alguns ferimentos na cabeça, dos quaes derramava sangue em abundancia, e prestando lhes então os soccorros que mais apropriados pareceram, emquanto um criado a toda a pressa partia para a villa a buscar um medico e a dar á familia de Pedro a triste nova do occorrido.

O cavallo em que o ferido ia montado foi encontrado a pouca distancia, preso a uma das arvores que orlam a ladeira da Praia.

O enfermo passou a noite bastante agitado; quando o medico e seu pae chegaram não deu signaes alguns de os reconhecer, e o homem da sciencia, depois de o haver cuidadosamente examinado, declarou que ainda que os ferimentos não lhe pareciam de grande consideração, não podia, comtudo, assegurar por emquanto os resultados que poderiam ter, recommendando o mais profundo repouso e o tratamento a seguir até que elle voltasse.

Perdiam-se todos em conjecturas sobre o que motivára o estado do infeliz mancebo; como geralmente o espirito é mais propenso a encarar as cousas pelo lado peior, attribuia-se aquella desgraça a um crime, a um roubo talvez, ainda que objecto algum parecia faltar dos que Pedro costumava trazer comsigo, encontrando-se-lhe no fato uma carteira com varios papeis, algum dinheiro e o relogio.

Aquelles dois vultos, porém, que o morgado, já noite, tinha visto passar pela freguezia, não se lhe tiravam da idea.

Ignez constituio-se a enfermeira de Pedro, coadjuvada pelos cuidados incessantes de Marianna, emquanto que o pae do ferido regressava para a villa, aonde era anciosamente esperado pela sua idosa e doente consorte, a quem este golpe ia talvez abreviar os poucos dias que lhe restavam.

Soffrem por vezes as mães tribulações na vida, as quaes a penna é impotente para descrever, esta porém de saber um filho em perigo de vida e não o poder velar avantajava-se a todas.

Noite e dia guardavam o enfermo Ignez e Marian-

na, revesando-se simultaneamente e prestando-lhe, com todo o carinho, esses thesouros de ternura que são o segredo das mulheres sempre que ha uma dôr a minorar.

Interrogado mais tarde Pedro sobre a catastrophe que lhe tinha acontecido, explicava-a elle, mas um pouco confusamente, dizendo que ia já quasi no fim da ladeira, quando o seu cavallo tropeçára e elle cahiu, ignorando d'ahi por diante o que acontecera, e bem assim quem fossem esses homens, que duas horas depois da sua partida, como se lhes dizia, alli o haviam conduzido.

Agora que pelas declarações do medico, já o estado do doente não era de eminente perigo, tornavam-se um pouco menos frequentes as visitas do seu velho pae, e a familia do morgado retomava os seus habitos usuaes de vida, encarando mais alegremente cada alvorada que lhe trazia a certeza das melhoras d'aquelle, que em breve faria parte dos seus.

O genio um pouco voluvel de Ignez começára, passada a crise perigosa, a cançar-se algum tanto da sua dedicação de enfermeira, já dera a elegante menina alguns passeios pelo campo em quanto que Marianna sempre com a mesma solicitude que no começo mostrava, parecia o genio do bem que velava sem descanço os minimos desejos de Pedro.

Esta solicitude não passou desapercebida.

Uma vez Ignez havia sahido com seu pae, a tarde ia a findar, as janellas abertas do quarto de Pedro deixavam passar atravez das alvas cortinas um ar tepido e perfumado, o canto sonôro e puro d'uma avesinha poisada n'um ramo fronteiro, despedia-se em suaves gorgeios do radiante monarcha do dia.

Marianna estava n'este momento sentada em frente

do leito de Pedro, a luz dubia da tarde realçava-lhe as elegancias do corpo, de um corpo de mulher no começo do outono da vida, aonde a perfeição tem chegado ao seu auge, e a natureza se apraz em apresentar á vista todos os atrativos que a nossa imaginação apenas sonha n'uma adolescente.

Trajava, n'essa hora, um vestido branco salpicado de pequenos ramos de uma côr sombria, os seus cabellos cahiam lhe em anneis caprichosos, lindos e abundantes, por sobre o collo alvissimo resguardado com tenue romeira de filó, o seu olhar estava scismador, os labios entr'abertos deixavam divisar dois fios de perolas, em quanto que a fronte mollemente se lhe reclinava no espaldar da cadeira, e que os seus braços formosos e nùs estavam abandonados á contemplação do mancebo.

Uma mulher n'aquella edade e n'aquella posição é sempre perigosa, especialmente para um homem em quem o sangue é ainda fogo, e que infelizmente não tem a virtude aferida pela craveira exemplar d'um Joseph do Egypto.

Quaes seriam os pensamentos que n'este momento passavam pela mente de Pedro? O silencio incommodava-o, forçoso foi rompel-o.

—Tem sido, Marianna, disse elle, um anjo bom para mim; sem a sua dedicação e aturados cuidados, quem sabe se eu ainda existiria...

—E então Ignez?! respondeu aquella, não tem tambem velado; se houve aqui algum anjo, foi seguramente ella, nem eu devo permittir que me dê similhante tratamento, que poderia offender a sua desposada.

—É tambem uma sancta creatura aquella menina, continuou o mancebo, toda a minha vida lhe consa-

grarei para satisfazer a grandeza do affecto que lhe devo.

—Demoram se no passeio, disse, talvez com intenção, Marianna, seguramente foram longe.

—Coitada! tão longas horas tem passado em redor do meu leito, que deve estar sequiosa do campo e das flôres.

—Em toda a parte podemos formar um jardim meu amigo, tornou sorrindo Marianna, a grande questão é de no mesmo saber o segredo de fazer brotar as flores.

—É facil obtel-o no meu quarto, respondeu tambem sorrindo Pedro, quando se possue tão lindas jardineiras.

—Lisonjeiro!

—Não sou, não. Mire-se n'aquelle espelho.

—É já tarde, disse Marianna, o sol declina ha muito.

—Mas a noite tem estrellas, e é n'essa hora em que os lirios despertam para o amor...

Pedro extenuado pela conversa e pela animação que na mesma tomára, inclinou um pouco a fronte, encostando a cabeça á tarja do leito, e permanecendo immovel com os olhos cerrados.

Marianna assustou-se d'esta attitude que tomára o mancebo, correu a elle, e aproximou o rosto anciosamente, como estudando a dôr n'aquella phisionomia.

Os seus halitos cruzaram-se, a avesinha cantava ainda no arvoredo fronteiro, o ar estava temperado, a noite avisinhava-se, era de verão, e o susurrar d'um beijo fugitivo e leve juntou as suas harmonias á harmonia que Deus creára.

Felizmente a chegada, quasi n'este momento, do morgado e sua filha, poz termo a qualquer explicação entre os dois criminosos, reuniram-se todos no quarto

do enfermo, aonde habitualmente passavam os serões, e nem o menor indicio revelou aos donos da casa a mais peqnena perturbação nos seus hospedes.

E com tudo uma mulher que ardentemente amasse, Margarida por exemplo, se acaso fosse dado á humilde filha do povo alli penetrar, teria lido no olhar de Pedro e na indifferença apparente de Marianna, o quer que fosse de anormal.

Para as verdadeiras paixões não existem segredos.

V

É tempo, porém, de voltarmos a Margarida, da qual os acontecimentos occorridos nos ultimos capitulos nos tem separado.

Profundo foi o golpe que resentiu a pobre rapariga, quando foi sabedora da catastrophe que havia acontecido a Pedro.

Reuniram-se então duas magoas a lhe retalhar o coração, uma o estado perigoso do seu amante, a outra saber que tinha sido sahindo da casa d'uma rival que aquella desgraça tivera logar, e que foi ainda essa mesma casa que depois o albergara, e que essa mulher, preferida do seu amor, era quem estaria de continuo com o mancebo.

Felizes aquelles que não tem conhecido o ciume, essa vibora que se enrosca ao coração, e que nas longas noites d'insomnia nos morde dolorosamente.

Um veu de pesada tristeza veiu enlutar o rosto animado de Margarida, febrecitante passava ella muitas vezes horas esquecidas da noite n'uma das suas ja-

nellas que deitava sobre o mar, absorta, e escutando o lamentar das vagas do oceano, que desfazendo-se contra a cortina de muralhas que cercava a villa, lhe despertava mil angustiosos pensamentos.

O oceano!—qual o filho d'estas ilhas que não tenha ou nas horas de jubilo ou n'aquellas de amargura, contemplado esse immenso gigante, emblema real da vida, umas vezes sereno e bonançoso para logo despertar sedento de infortunios e terror.

Como o fragil batel que talvez n'aquella hora sossobrava na vastidão dos mares e na profunda escuridade da noite, assim parecia a Marianna a sua infeliz sorte.

Tinha ella abandonado esperançosa o remanso do lar paterno, arriscara-se ao turbilhão das paixões, vogou em busca de um sonho que não teve realidade, porque actualmente despresada do seu amante, achava-se uma mulher perdida e sò antevia a morte no fim de acerba miseria.

O ciume que lhe devorava a alma, parecia havel-a despojado de qualquer outro sentimento que lhe podesse minorar os seus pesares. A sua existencia agora, era a vida essencialmente vegetativa do condemnado que no raiar de cada nova alvorada, sò vê mais alguns passos que o aproximam do termo fatal.

D'onde poderia vir luz ás trevas d'aquelle coração ulcerado?

De quem uma palavra, que similhante a bemfasejo orvalho alentasse a debil planta prostrada na ardencia do sol?

Sua mãe de ha muito que não existia, e sò no regaço de uma mãe é que encontramos o lenitivo para todas as dores, o balsamo sancto do perdão para qualquer falta, por maior que seja.

Eram estes os pensamentos de Margarida n'uma noite em que já bem tarde se recolhera ao seu modesto quarto; viu então n'um vaso de flores uma rosa ja completamente secca e sobranceira á qual se achava um formoso quadro da Virgem, que sua mãe n'outro tempo lhe dera.

Contemplando o rosto angelico da mãe de Deus, cujo olhar volvido para o ceu parecia um conselho aos que soffrem, algumas lagrimas lhe marejaram pela primeira vez, desde ha muito, os olhos. Eram ellas uma esmola divina; instinctivamente Margarida se ajoelhou em frente do quadro, as suas mãos se junctaram, lembrou-se do tempo da infancia, no qual sua mãe lhe ensinava as orações que se dizem á Rainha dos Ceos, e como se essa voz ainda hoje a guiasse, começou a repetir em alta voz uma singella prece.

E quem desconhece a influencia salutar da oração? Como as maguas se dissipam ante o seu prefume de amor! Parece que deixamos ja o involucro que nos liga á humanidade e ao soffrimento, e que a alma liberta e sobranceira ao mundo, escuta os primeiros acordes das mansões divinas.

Foi esta de ha muito a noite mais tranquilla que Margarida logrou. No dia seguinte ergueu-se cedo e foi procurar o padre que a baptisara, velho amigo dos seus cuja vida austera, e longa experiencia do mundo, lhe dava uma veneranda reputação.

A entrevista dos dois foi prolongada, o sacerdote escutou attentamente a culpada, lamentou os seus infortunios, fallou-lhe d'um Deus de misericordia que lê no fundo dos corações e cujo amor infinito não repelle jamais as lagrimas do arrependimento.

—Sinto, filha, lhe disse, que poucos dias me restarão a viver, e em nome d'Aquelle que em breve me

julgará e ante o qual vou comparecer, ouso dar-te a benção do perdão. Porque te affliges pois? a maldição de teu pae já te não pode attingir, o despreso do homem que te perdeu e ao qual foste constantemente fiel, é a corôa da tua santificação. Humilha-te aos decretos da providencia, compára a tua sorte á de outros infelizes, que os ha maiores, ergue a fronte para os ceus, recolhe-te ao tranquillo isolamento de um convento, e resa a Deus por aquelles que te offenderam.

As palavras do ancião foram attentamente escutadas pela rapariga: graças ao valimento d'este, consentiram em acceital-a n'uma casa religiosa, e na vespera do dia da sua entrada para o convento, depois de haver por mais de dois mezes esperado inutilmente que Pedro, já então restabelecido, a procurasse, lhe escreveu a seguinte carta:

«Sr. Pedro.

«Perdo-o-lhe todo o mal que me fez e será esta a «ultima occasião em que o importuno, esperando com «as minhas orações desarmar perante Deus a maldição «que meu pae me lançou no dia que por sua causa a«bandonei, vergonhosamente, a minha honrada, ainda «que pobre familia.

«Seja feliz e Deus lhe poupe sempre as horas do re«morso.

MARGARIDA.»

A esta carta pouca attenção prestou o seu antigo amante, os seus novos amores corriam-lhe agora ás mil maravilhas, amores duplos nos quaes Ignez e Margarida lhe sorriam com desvelado carinho.

Estimou até Pedro esta declaração de Margarida,

que o libertava d'uma ligação, que um capricho occasionára, e lhe poderia acarretar serias consequencias.

Foi, pois, nas melhores disposições de espirito, e com o sorriso nos labios que o elegante mancebo se dirigiu á noite para um esplendido baile, no qual devia encontrar as duas inseparaveis amigas, Ignez, a sua desposada, alegre, doidejante e encantadora, e Marianna cheia d'encantos e affecto.

E ali que o seguiremos.

VI

Era grande a animação que reinava na esplendida casa para a qual Pedro fôra convidado, o baile estava animadissimo e um enxame das mais elegantes meninas fayalenses desdobrava os seus appetecidos encantos ante a fragancia das flores e o brilho das luzes.

Além do salão do baile varios outros aposentos tinham sido preparados para receber os convivas, o tempo estava n'esta noite sereno e o jardim todo illuminado e resguardado do ar por vistosos toldos, tornava-se um sitio encantador, aonde os pares que buscavam uma mais fresca atmosphera, ou porventura mais liberdade, vinham gostosamente descançar.

Acabara-se uma valsa, alguns pares procuravam lenitivo ao calor produzido, nas salas por aquella dança voluptuosa, percorrendo então as ruas do jardim, demorando-se em contemplar as flores, conversando, emquanto os acordes d'uma nova musica os não viesse chamar para o bulicio da dança.

Pedro achava-se, havia alguns momentos, sentado sosinho, junto de um frondoso arbusto que de alguma

maneira o occultava aos que passavam, e seguia descuidadosamente com a vista esses grupos nos quaes porventura o enfado, as ambições, e para alguns individuos talvez o desespero, revestia por um convenio tacito o sorriso, a que muitas vezes somos obrigados em similhantes reuniões.

Dois convivas passaram, porém, juncto d'elle, que mais lhe despertaram a curiosidade, e dos quaes provavelmente não tinha sido visto: era Ignez dando o braço a um seu primo, chamado Augusto, que Pedro frequentes vezes encontrára em casa do morgado, e o qual houve tempo em que se dizia consagrar bastante affeição á encantadora priminha.

Pedro apenas pôde colher estas palavras na passagem do alegre par:

—É como te digo, prima, ainda que oppozesses o universo ao meu amor, dedicar-te-hei sempre egual affecto.

—Louco! disse Ignez, soltando uma sonôra risada, encostando-se docemente ao braço do seu companheiro e recostando-lhe a fronte sobre um dos hombros.

Desesperado o noivo de Ignez ia a erguer-se, dirigindo-se arrebatadamente para os dois que de vagar seguiam na sua doce conversação, quando uma mulher seductoramente trajada, bella e tentadora, como um formoso dia do outono, o deteve segurando-lhe um dos braços: era Marianna.

—Que vae fazer? disse ella, quer dar-se em espectaculo, produzir um escandalo n'uma reunião d'estas!

—E porém uma infamia o que acabo de presencear, respondeu Pedro; Ignez escutava com prazer as declarações d'aquelle homem, e eu não quero, nem posso consentir que...

—Tenha paciencia, meu bom amigo, tornou sorrin-

do Marianna, ha muito d'isso na sociedade, e somente o que me admira é já ha mais tempo não ter notado certa familiaridade entre Ignez e o primo, pouco animadora para um noivo.

—Mas então para que acceitava Ignez a minha mão, quem a isso a obrigava, porque me não dizia francamente que amava outro?!

—Declaro em primeiro logar, respondeu Marianna, que a minha Ignez ama tanto o meu amigo, como ao primo com quem agora passeia, è um caracter leviano que a ninguem se prende, não nasceu para isso, não é culpa sua. Emquanto a acceitar-lhe a mão, era isto uma união muito vantajosa pelo lado pecuniario e bem vê que ao dinheiro è necessario fazerem-se algumas concessões...

—É isso na realidade um bonito comprimento que me diz...

—Mas è a verdade, Pedro, e a verdade devo dizer-lh'a. Tanto mais quando alguem existe que lhe tem dado provas de sincero affecto, e de quem seguramente não poderia esperar o mesmo que agora lhe acontece.

—Tem razão, Marianna, tornou o mancebo, esta ligação que existe entre nós, ligação que ambos consideravamos um crime, e que para sempre ficará em segredo, não lhe deve já causar o remorso que me dizia resentir quando julgava atraiçoar a sua amiga, nem a mim o pezar, permitta-me a expressão, de ser infiel á minha noiva. Terei amanhã uma formal entrevista com Ignez, e ou abandonar para sempre essa leviandade, a qual ainda que sem serias consequencias, como estou convencido, a pode comprometter, ou então ficará para sempre desfeito o nosso projectado casamento.

—E terá muita razão, meu caro Pedro, é uma le-

viandade de caracter que se torna notavel n'aquella menina, ainda que bem certa estou da sua virtude.

N'essa mesma tenção de o avisar que assim praticasse, aconselhando Ignez para mudar de genio, tinha eu aqui trazido algumas cartas que reconheci serem de Augusto, e as quaes roubei á minha amiga esta noite, em quanto ella se vestia para o baile, com o fim somente de ver, pela muita amizade que a Ignez consagrava, se era possivel ao meu amigo reconduzil-a a mais seria conducta. Aqui tem essas cartas, lei-as; que não sei o que ellas contém...

Marianna affastou-se deixando trez cartas nas mãos do mancebo, e quando já ia a entrar para o salão, olhou, maliciosamente sorrindo para Pedro, que vacillante e como ferido de um raio abandonava aquella casa, para á sua vontade ler o que continham aquelles papeis.

—Tudo vae bem, disse mentalmente Marianna, a sorte está lançada, a mina não tardará a rebentar, e sobre as ruinas d'este projectado casamento sabe Deus quem se elevará.

E como encontrasse Ignez, n'este momento as duas amigas, com as mãos enlaçadas, com a alegria nas frontes, foram sentar-se junctas n'um dos angulos da sala.

É por vezes uma sancta virtude, a amisade!

VII

O desengano de Pedro foi formal, cahio-lhe por terra o veu das suas illusões, para que a realidade, na mais repellente nudez, lhe mostrasse em Ignez uma mulher não somente leviana, como elle imaginava, mas tentando sacrificar á sua ambição a honra de um homem. Com grande estupefacção dos curiosos das terras pequenas, foi sabida a noticia de se achar rompida a intimidade da familia Lemos com Pedro, e bem assim desfeito o proximo casamento.

Em consequencia da delicadeza que teve Pedro em occultar cuidadosamente a verdade do que se tinha passado, deram, como de costume, as mais desparatadas explicações a este acontecimento, o qual occupou por uns oito dias quasi toda a sociedade elegante do Fayal, até que o tempo ou porventura algum novo escandalo, fez mudar o curso das ideas, lançando outras victimas á maledicencia ociosa.

As relações de Pedro com Marianna estreitavam-se agora mais, e nem já era segredo que este frequentava amíudadas vezes a casa d'aquella senhora e que

um sentimento mais terno do que a amisade os attrahia mutuamente. As duas amigas continuavam, comtudo, a apparecer junctas na sociedade, como se os acontecimentos anteriores em nada tivessem alterado as suas relações, e soubera sempre affastar Marianna do pensamento de Ignez o menor indicio de ter sido ella a motora do rompimento do seu noivado, não lhe consentindo tambem o seu genio jovial entregar-se a grandes pezares, quando sabia perfeitamente que com os haveres que possuia não lhe faltariam maridos.

Paulo, entregue agora á affeição de Marianna, caminha n'uma perigosa vereda, porque a sua nova amante era uma d'estas mulheres que possuem a sciencia de dominar os homens que a infelicidade lhes collocou aos pés, e que conseguem arrastal-os cegamente até ás maiores torpezas, se para tanto as animar a phantasia.

O prazer è o seu elemento, n'elle vivem similhantes creaturas como a salamandra no fogo, e nos seus abraços ardentes roubam, querendo, toda a dignidade, nobreza e honra d'aquelles que souberam captivar com o seu olhar magnetico.

Marianna participava por toda a parte o seu casamento com Pedro, e este apezar dos risos motejadores dos seus amigos, não desmentia o que a tal respeito constava, ainda que soubesse perfeitamente ter sido no passado pouco exemplar a conducta d'aquella que se dizia sua noiva.

Um domingo estava Pedro no seu quarto, acabando de vestir-se, afim de ir, como habitualmente, visitar Marianna, quando um criado lhe veiu annunciar que o sr. Augusto da Silva o procurava.

Admirado Pedro de similhante visita, visto os antecedentes que haviam, desceu immediatamente á sala,

curioso de saber o motivo que obrigava o homem por causa de quem tinha abandonado Ignez, a vir a sua casa.

Augusto era um bonito rapaz, um pouco estouvado, mas na fronte espaçosa do qual e no seu olhar limpido e franco, se lia bastante intelligencia e honradez.

Á entrada de Pedro dirigiu-lhe aquelle a palavra, dizendo:

—Peço-lhe, sr. Pedro, que me dê a honra de conversarmos alguns instantes inteiramente a sós, e sem que pessoa alguma nos possa ouvir.

—Asseguro a v. s.ª que estamos em perfeita segurança, meu pae sahiu e ninguem nos interromperá.

—Conversêmos pois francamente, tornou Augusto, não como dois inimigos, mas sim como dois rapazes que prezam a sua reputação e para os quaes o aviltamento é desconhecido.

—Não posso comprehender porém..., disse Pedro.

—Tenha um poucochinho de paciencia, que eu já lhe explico o fim com que o procurei.

—Sentemo-nos porém.

—Tem razão, meu caro Pedro, porque a nossa conversação será um pouco longa. Depois do triste desfecho do seu casamento com minha prima, supponho que o meu caro terá feito uma pessima idea de mim, julgando ser eu o author de toda a sua infelicidade, por isso que requestava minha prima, quando esta lhe estava prometida em casamento.

—E não foi acaso essa a verdade? perguntou Pedro, elevando algum tanto a voz?

—Confesso que tem em parte razão, respondeu Augusto, até certo ponto fui culpado, visto que com o meu silencio deixava que desposasse uma menina que lhe não era fiel, mas em fim era minha parenta, temia

um escandalo, e a não ser aquella noite do baile d'onde desconfio que partiu alguma suspeita, declaro francamente que o deixaria casar...

—Admiro-lhe a franqueza! tornou Pedro.

—É porque hoje quero ser homem de bem e porque comprehendi não dever ser a honra de um homem ainda na flôr da edade o joguete de duas intrigantes.

—Uma conheço eu, é sua prima, disse motejando Pedro, emquanto á outra peço-lhe formalmente que me explique quem seja.

—Não se agaste, meu caro, porque custe o que custar, hei-de-lhe dizer francamente o que sinto, depois estarei prompto a dar-lhe qualquer satisfação que de mim exija; Pedro, tenho o direito de lhe fallar assim, por isso que me deve a vida.

—Ao sr.?!

—A mim, certamente. Lembra-se d'aquella noite em que uma queda desastrosa o deixou sem sentidos e quasi moribundo no campo? alguem então velou pelo sr. e lhe prestou soccorros sem os quaes teria succumbido, levando-o posteriormente á habitação em que foi tratado, e quem ahi o conduziu fui eu e um meu criado.

—Mas então, perguntou Pedro, porque se negou depois ao reconhecimento, que lhe devia? disseram-me quando melhorei que se ignorava completamente quem me tinha levado á porta de seu tio...

—Se assim procedi, continuou Augusto, é porque áquellas horas e n'aquelle sitio não podia aparecer sem levantar suspeitas d'um segredo que queria guardar, para não comprometter alguem.

—Sua prima, talvez?

—Engana-se, não era por causa de Ignez que eu alli tinha ido e que andava a rondar a casa, esperan-

do que mais tarde, quando, todos recolhidos uma janella se abrisse; era por causa de Marianna.

—De Marianna! o sr. mente!

—Que feia expressão, sr. Pedro, juro-lhe por alma de minha mãe que fallo verdade. Demorei-me n'essa noite até depois das onze horas na Praia do Almoxarife esperando que se deitassem em casa de meu tio, mas como visse sempre luzes na sala, imaginei que algumas visitas da villa alli estavam, e que seria impracticavel n'essa noite fallar a Marianna; delibrei-me depois a abandonar a aldea e tinha ja subido a ladeira quando senti que alguem a cavallo subia tambem a mesma, occultei-me entre umas arvores para reconhecer quem era e presenciei o accidente que teve logar.

Pedro passeava agitado na sala, entregue a profundo desespero, vendo n'aquelle homem que alli se achava a seu lado como um instrumento invocado pelo inferno para lhe destruir todos os seus sonhos de ventura.

Era a paixão que ainda o cegava.

A conversa dos dois rapazes foi bastante longa; eram dois corações ainda jovens que se confiavam mutuamente todos os seus segredos.

Pedro e Augusto afinal separaram-se como bons amigos, tendo este ultimo conseguido de Pedro o juramento que jamais procuraria Marianna, e que d'aquella hora em diante a votava ao maior desprezo.

VIII

Mais de um anno tem decorrido; as diversões continuadas do circulo elegante em que Pedro vivia, não tem conseguido affastar-lhe do pensamento as disillusões porque passára.

Depois de haver formalmente abandonado Maríanna, como jurára a Augusto, apoderou-se do seu coração o pesado desalento que sempre experimentâmos, quando, em vez dos affectos que loucamente tinhamos sonhado, sò encontramos a hypocrisia e o interesse a contemplar-nos com os seus avidos olhares, como a esphinge dos antigos.

Por vezes, porém, n'essas horas de profunda tristeza, no bulicio mesmo d'um baile, no final desregrado d'uma ceia, quando os galenteios, os risos, o amor, volteavam em redor dos convivas alegres e descuidosos, o seu pensamento affastando-se completamente de essas scenas que se desenrolavam a seus olhos, e que só lhe avivavam penosas recordações, procurava na memoria do passado mais doces lembranças ás quaes não se ligava o travo da traição.

O vulto sereno de uma rapariga, formosa e innocente se lhe apresentava então no pensamento, como uma singella florinha do prado, que elle houvesse colhido ainda em botão para depois lançar no pò das estradas.

Em troca de um affecto que fizera Margarida abandonar por elle os carinhos de familia, e o pão abençoado do trabalho honesto, que lhe tinha elle dado senão lagrimas e desgostos?

O noviciado do convento em breve findaria, e que lhe restava d'essa mulher senão as recordações d'alguns dias de ventura, dos quaes o separaria o branco veu da religiosa, como sudario que lhe roubasse a felicidade?

Uma vez, era já noite, passou casualmente Pedro pelo convento em que estava Margarida, os sons plangentes do orgão acompanhavam o resar das religiosas, e pareciam chamar docemente os christãos ao templo do Senhor.

Entrou na egreja, estava esta quasi vasia e mal allumiada, devisavam-se algumas freiras ajoelhadas, atravez das estreitas grades do côro, e um sentimento de tristeza e de respeito se apoderava de quem via aquellas pobres mulheres, que, abandonando o mundo em que outr'ora tinham vivido, buscavam algumas na religião o balsamo para grandes magoas.

—Estaria Margarida ali ajoelhada tambem? perguntava a si mesmo Pedro, pensaria ella acaso no remorso que o devorava n'aquelle momento? Não seria ainda possivel, um dia, receber dos seus labios o perdão? Teria ella já de todo esquecido aquelle que a abandonára?

Então, como se a vóz de um anjo respondesse ás ardentes perguntas do mancebo, uma voz argentina e

pura elevou-se na vastidão do templo, era um canto á Virgem, canto de esperança e resignação no qual a alma parecia desprender-se da terra para franquear regenerada os umbraes da eternidade.

Pedro estremeceu ao ouvir o som d'aquella voz tão sua conhecida, algumas lagrimas marejaram-lhe os olhos, a sua mocidade toda passou-lhe rapidamente pelo pensamento, nas riquezas só viu vaidades, nas senhoras aristocraticas dos salões falsos sorrisos e desenganos, e na filha d'um operario, na mulher do povo, o amor sem calculo nem ambição.

O cantico findára, o templo retomou a sua imponente mudez e Pedro sahiu mais tranquillo e sem essa apparencia taciturna que ha tempos a esta parte nunca o abandonava.

A lembrança de Margarida nunca mais se lhe varreu da imaginação, e pouco tempo depois escrevia á noviça implorando o perdão do muito que lhe havia feito soffrer, e pedindo-lhe tambem que viesse partilhar a sua sorte, não como sua antiga amante, mas sim como adorada esposa.

Era uma reparação em forma.

O jubilo de Margarida foi extremo, e acreditou ser um milagre da Virgem, a quem todas as noites resava, proporcionar-lhe regenerar-se das suas antigas faltas e poder para o futuro ser o modelo das mulheres virtuosas, apezar de uma tempestuosa mocidade.

Estes exemplos são rarissimos, é pois dever mencional-os.

O casamento fez-se modestamente como deve ser o de uma filha de gente pobre; em vez de lautos banquetes para a nobreza, abençoaram os pobres as muitas esmolas que n'este dia receberam, mandadas destribuir pelo velho pae de Pedro, homem que pelas suas

ideas mais avançadas propendia muito para a democracia, que então como flôr exotica começava a despontar por estas terrinhas de Deus.

Ignez casou mais tarde com um velho riquissimo d' uma outra ilha d'este archipelago, aonde residiu largos annos para constante tormento do marido, que era cioso como um Othelo.

Em quanto a Marianna, entregou-se ao beaterio e a repetir novenas acabou os seus dias, dizem atè que com fama de sanctidade!

Pedro e Margarida gosaram a felicidade possivel n' este mundo, existindo ainda hoje no Fayal alguns dos seus descedentes.

FIM.

INSPIRAÇÃO

Uma vez, era ainda creança
E perdi-me nas serras, distante,
Da montanha sombria, gigante,
Procurava, com susto, descer;
Eis deparo no bosque sentada
Uma virgem toucada de flores,
A visão de innocentes amores
Que mais tarde não pude esquecer.

Ella estava tão triste, tão linda!
E fallou-me com tanta magia,
Que a seu lado viver eu sentia
Tudo quanto era caro para mim.

As estrellas no ceu despontavam,
E nas ondas de luz peregrina
Eu beijei lhe essa fronte divina
Branca, branca, qual branco jasmin.

«Infeliz!—murmurou—p'ra que tentas
«Vir buscar-me n'este ermo onde existo?
«O meu reino semelha ao de Christo
«Mil espinhos no mundo terei;
«Essa chama que vês em meus olhos,
«É do genio a centelha brilhante
«De Petrarcha, Camões e do Dante
«Os suspiros d'amor lhe inspirei.

Branca nuvem que a brisa da noite
Vae levando n'um ceu estrellado,
Vi bem cedo partir do meu lado
Ella, a virgem, p'ra sempre talvez.
Mas ficou-me na mente gravada
Essa imagem tão casta e tão linda,
Eu a vejo mil vezes ainda
Anjo, ou fada, de pallida tez.

Quando triste nas magoas da vida
A minha alma vacilla sombria,
Vem a sombra de meiga poesia
E mil crenças m'inspira por fim.
Foi a fada que um dia bondosa
Me sorriu quando eu era creança,
O luzeiro, o fanal d'esperança,
Flor mimosa d'ethereo jardim.

Eu a sigo na vida, nem sonho
Outro rumo que seja mais nobre;

Orgulhoso não dera, assim pobre,
Seus encantos, por thronos aos mil.
Quero a veiga coberta de flores,
Os perfumes da rubra alvorada,
O luar entre a densa ramada
Da longinqua floresta senil.

Quero o mar que suspira queixumes,
Ou que brame d'encontro aos rochedos,
Quero os loucos, ditosos segredos
D'uma per'la no calix da flor,
O suave brilhar das estrellas,
E das noites a doce harmonia,
Tudo emfim que nos diz—poesia.
Evangelho de Deus, e d'amor!

A FÉ

Rosa d'amor perfumada,
Lirio de tanta brancura,
Doce emblema da ventura
Que nasceste aos pés da cruz.
Do Christo seguiste os passos
Desde o berço ao seu calvario,
E nas dobras d'um sudario
Achastes a vida e a luz!

A Fé surge para todos
Qual a estrella brilhante,
Que ao perdido navegante
Á patria sabe guiar...
É oasis florescente,
É a fonte no deserto,
Da vida no gyro incerto
Onde a sêde mitigar.

Olhai nos sec'los passados,
As trevas pairam no mundo,
Abysmo, tôrvo, profundo,
D'ignotos, vastos confins.
Os povos tremem, gemendo,
De tirannos reis escravos
E o rubro sangue dos bravos,
E o nectar dos seus festins.

Da noite as horas tranquillas
São as horas do tormento,
Que o paganismo sedento
Quer os christãos extinguir.
Dos ricos á vóz potente
S'erguem as chamas da fogueira;
—«Venha uma virgem, a primeira
«Que vós possais conseguir.»

Em breve, toda de branco,
Qual p'ra noivada toucada
Flor mimosa resguardada,
A martyr s'ergue de pé;
Contempla sêrena a turba,
E a vista aos ceus elevando,
Repete de quando em quando,
Feliz morro pela fè!

Era tão nova, tão linda,
Sobre o seu peito de neve,
Até q'expirou conteve
A cruz nos braços gentis,
Já quando o fogo a cercava
Só doces hymnos s'ouviam
Que da terra aos ceus subiam,
Dos seus labios infantis.

Esse valor tão constante
Provado no soffrimento,
Dava vida, novo alento,
Ás ondas da multidão;
Foi do martyrio no sangue,
Do Christo na crença augusta,
Que s'ergue tambem robusta,
Das nações a redempção!

E cada vez que o progresso
Paixões e guerras supplanta,
E que entre os povos levanta,
Um pregão d'amor e paz;
Cada vez que a liberdade
S'enflora toda ridente,
É a mão de Deus clemente
Que as negras trevas desfaz.

Crer em Deus e na virtude,
Em tudo que é nobre e santo,
Dos ceus no lucido manto
Do prado na linda flor;
Pois o sol que nos aguarda
Alem das margens da vida,
Dá-nos a promessa querida,
Que é para todos resplendor.

Na terra, se o homem fraco
Se humilhar n'este caminho,
Descem anjos, com carinho,
A ouvir a sua vóz;
Nas azas da fé bemdita
Sobe a prece qual insenso
Atravez do espaço immenso,
Que Deus separa de nòs.

Do mundo as glorias s'esvaem
Como as nuvens mais ligeiras,
Ou quaes folhas passageiras,
Á mercê da viração;
Mas a verdade resiste,
E a lei de Christo, sagrada,
Tem na virtude firmada
Uma eterna duração.

Sou novo, s'acaso a morte
Me colher na juventude,
Ai! sobre o meu athaùde
Brilhe a cruz que nos diz=Fé!
Será qual arv're frondosa
No furor da tempestade
Abrigo, tranquillidade
De quem lhe dormir ao pè.

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

Eis da vaidosa Castella
Já derribado o pendão,
Livre um povo se alevanta
Qual no deserto o leão,
Sacode a juba eriçada,
E da presa alli prostrada
Sentindo o peito fremir,
Encara o sol prasenteiro,
Ruje altivo e o mundo inteiro
Estremeceu do rugir.

Soai embora distantes,
Ó Andaluzos clarins,
Não vos teme a patria minha,
Nos seus remotos confins.
Não teme, não; q'esta vida
Que julgaveis abatida

Entre nefandos grilhões,
Despertou aos sons da guerra
E truou de serra em serra
O furor dos seus canhões.

Portugal foi um gigante
Que soube o mundo vencer,
A seus pés vinham domadas
Ricas nações a tremer.
A terra, o mar procelloso,
Esse cabo tormentoso
Que da morte era o signal,
Foi-nos vida em vez de espectro,
De rojos deu-nos o sceptro
D'essa India collossal.

Aonde vão tão nobres frotas
Esses guerreiros aos mil?
Levam soltas as bandeiras
Por sobre as ondas d'anil.
É noite, mas vão seguras,
Nas porcellas mais escuras
Santo fanal as conduz
Passagem á luz da verdade!
Vai d'envolta a humanidade,
N'esses soldados da cruz.

As hostes dos nossos bravos
Foram o mundo circumdar,
Desde a India, Ceuta, Euphrates,
Tè onde chegava o mar.
A cada passo a victoria,
E sempre por timbre a gloria,
N'este nome portuguez,

Desde o berço em que nascêra
Onde Roma a côr perdêra
Ante um simples montanhez.

Ao pezo vergada a patria
D'esses louros sem rival,
Vai dormir á luz da chamma
D'um immenso funeral;
Procura os campos da morte
D'Alcacer Kibir a sorte,
Vê exangue o rei cahir,
E no rumor da batalha,
Veste a nação a mortalha
Que a vem de lucto cobrir.

E dormia descuidosa,
Mas o dormir não é fim,
Leis lhe dê embora a Hespanha,
Que um povo não morre assim.
Sessenta annos de vexame
Não esquecem longo enxame.
De tantas glorias d'alem...
Sessenta annos,—um momento
Das nações no movimento
Que os sec'los por dias tem.

Raiou por fim prazenteira,
Aurora excelsa de luz,
Ouviu-se a voz—LIBERDADE!
Um povo surgiu a flaz,
Que n'este paiz dos bravos
Nunca baixezas d'escravos
Nos dobrou quêda a cerviz,
Nem podem, que a nossa terra

Sagradas cinzas encerra
Do Nuno e Mestre d'Aviz.

Cahio desfeita n'uma hora
A estrangeira oppressão,
Qual lava que furibunda
Expelle horrido vulcão.
Da patria no capitolio
Já n'esse doirado solio
Negro pendão se não vê,
Mas sim o luzo estandarte
Se hastêa por toda a parte
Liberto, firme, de pé.

Foi um preito á nossa fama,
Á fé dos nossos avós,
Sobre cujas sepulturas,
Escravos não somos nós.
Restauração portugueza,
Conservaste-nos illésa
A vida d'uma nação,
E os laureis d'essas quinas
Firmadas por mãos divinas
Deveram-te a salvação.

LUA D'AGOSTO

Astro saudoso
Astro da solidão quanto me aprazes.

Soares de Passos.

Como vens pallida lua!
Lua formoza d'agosto,
Quem me dera a sorte tua
Que de certo no meu rosto,
Não viria a sombra triste
D'algum profundo desgosto.

Que te falta n'esse throno
Onde tão alta campeias?
Se despertas do teu somno
Por que jardins não vagueias,
Tu a formosa da noite,
Diz-me, lua, que receias?

Os teus raios vão ousados
Beijar occulto thesouro,
Niveos seios abrasados,
Comprido cabello louro,
Quando a só, em desalinho,
Val a mulher montes d'ouro.

Ao nauta na soledade
As ondas tornas em prata
E d'uma esposa a saudade
O teu pallor lhe relata,
Se a nuvem caprichosa
Em teus plainos se desata.

Da aldeia na pobre egreja
Humilde cruz visitando,
Ou da serra que negreja
Todo o cume illuminando,
És a hostia sacrosanta
Que os anjos vão elevando.

Ès a rainha das agoas
És dos astros a rainha,
Na terra dissipas magoas,
E nos ceus,—quem advinha?..
Chamaram-te os homens deusa,
E as creanças madrinha!

Ai! mas esse teu semblante
Occulto pezar revela,
De longe vens tão distante,
Não te prendeu uma estrella,
Nem do sol o aureo sceptro
Partilhas-te tão singela?

Alem, a sós, em segredo,
Eu bem sei o que te espera,
Circundado d'arvorêdo
De lyrios, jamins e hera,
Lago tranquillo e saudoso
Em verde leito se gera.

És a virgem namorada,
Esse lago os teus amores,
Adormeces, linda fada,
N'aquelle berço de flôres,
E ao caminheiro que passa
Extasiam teus fulgores.

Bemvinda sejas, ó lua!
Dos que soffrem companheira,
Que esse teu manto fluctua
Té da morte á cabeceira,
Como a singela lembrança
Da nossa affeição primeira.

Quando um dia eu fôr na terra
Dormir o somno da morte
Vae ao logar que me encerra
E bem direi minha sorte;
Pois se és dos homens enlêvo,
És da poesia consorte.

A AVESINHA

Perle avant de tomber, et longe après la chute.

V. Hugo.

—«Redobra na serra, destroça as campinas,
Cruel tempestade sedenta d'horror,
Eu gêmo sosinha, passando ligeira,
Abrigo não tenho,—só tenho rigor.

—«Cançada não posso mais tempo voando,
Á tôna das aguas meu rumo seguir,
A noite vae negra, na triste voragem
Privada d'affectos vou prestes cahir.

—«Adeus para sempre querida lembrança
Do ninho formoso que longe deixei,
Adeus ò roseiras cercadas d'encantos,
Onde eu, pequenina, cantando, voei.

—«Um dia, me lembro, por minha desgraça
D'estranha poisada nas ramas dormi,
Depois quiz banhar-me, coberta de pêjo,
E a branca plumagem no lôdo tingi.

—«Os gosos da vida não mais me sorriram,
As flôres encantadas findaram p'ra mim.
Voei, voei tanto, q'um sôpro de morte
No vasto oceano rojou-me por fim.

—«Adeus para sempre querida lembrança
Do ninho formoso que longe deixei,
Adeus ó roseiras cercadas d'encantos,
No gelido leito repouso terei.

DESALENTO

Apres un jour divin tout est sombre.

Lamartine.

Eu amei-te tanto, tanto,
Minha flôr da primavera!
Que doce vida não era
Esse passado scismar?
Essas noites de magia,
Esse luzir d'alvorada,
Quando vinhas adorada,
Junto de mim repousar.

Bem sabes, da vida triste
Passam os gozos n'um momento;
Apóz vem o soffrimento,
Mais a descrença tambem.

Eu debalde hoje procuro,
Da razão á luz tremente,
Esse rezar tão fervente
Que me ensinou minha mãe.

Ai! s'eu de novo podéra
Comtigo viver uma hora,
Sabendo o que sei agora
De pouco que o mundo val;
Eu te diria, formosa,
Que as affeições verdadeiras,
Se as ha,—são as primeiras,
No seu pudico sendal.

Dizem que d'estranho clima
Na região mui distante
O cançado viandante
Soffre uma sêde cruel;
Então, ás vezes, florente,
De fructos bem carregado
Eis lhe sorri, perfumado,
Luxuriante vergel.

—«Que lindos, que lindos fructos
«Que penugem tentadora!
«Tão frescos e dorme agora
«Quem os cultiva talvez...»
E com soffrego desejo,
Á sombra do arvoredo
Vae provar um em segredo,
Mas logo o arroja aos pés.

Porque em vez de mil deleites
Achou cinzas desgostosas,

E nas formas tão airosas,
Do verme o negro signal;
Ao fulgir do sol ardente
Eil o de novo a caminho,
A buscar em vão carinho
No descampado fatal.

Assim tambem quantas vezes
Nos achamos no deserto,
Tendo n'alma bem secreto
Um espinho d'affliçâo?
De tanta flôr esmaltada
Que vimos na juventude,
Eis coberto um ataùde,
Eil-as de rôjo no chão.-

Eram mentidos sorrisos,
Os sorrisos que nos davam,
Por que bem cêdo mostravam
Que não sabiam sentir;
Odaliscas indolentes,
Borboletas inconstantes,
Dais prazer n'alguns instantes,
Mas breves sois no partir.

Então do tempo saudoso
D'esses amores de creança,
Como vem doce lembrança
Das trevas no casto veu.
Alem...alem vaes passando
Toda de branco vestida,
Ai! diz-me visão querida,
Que tu m'aguardas no ceu!

O FIO DE PEROLAS

—«Esse teu collar é lindo,
Eguala na limpidez,
As brancas azas do cysne
D'um lago puro atravez.

—«Olha o lyrio, as açucenas,
A rubra flôr da romã,
Como te invejam—Maria—
Na tua graça louçã.

—«És pobre, mas essas per'las
Sobre o teu seio a pulsar
São mais ricas q'um monarcha
Senhor da terra e do mar.

—És um sonho de poeta,
Ès visão oriental,
És uma gotta d'orvalho
Lá na florinha do val'.

—«És uma fada d'amores
Na doce luz do luar,
És um anjo de candura
Junto da cruz a velar.

—«Talvez q'um dia te peçam
Com lêdas fallas d'amor
Esse collar innocente,
Que te cerca d'esplendor.

—«Ai! conserva-o bem guardado
Sobre o teu peito gentil,
Que tu não sabes—pequena—
O quanto este mundo é vil.

—«E como padece triste
Apóz d'um sonho fatal
A donzella, que no crime
Manchou o veu virginal.

—«È como a pomba ferida
De ramo em ramo a cair...
E além, no fundo abysmo
Ouvindo o mar a bramir.

—É a folha arrebatada
Dos perfumados rosaes,
Vagando n'um cemiterio
Entre espectros sepulchraes.

—É uma estrella cadente
Na vasta amplidão do ceu,
É um ninho sem gorgeios
È uma flôr que morreu.

—Ai! guarda sempre creança
Como um thesouro d'além...
O teu collar d'innocencia
Bem junto de tua mãe.

STABAT MATER

> Quem é esta que apparece como a alva do dia? formosa como a lua, lustrosa como o sol, formidavel como as bandeiras dos exercitos?
>
> L. de Cantares, VI, 10.

Ó mães, que tendes n'alma bem firmada
A luz da nova fé,
Contemplae essa Virgem sacrosanta
No Golgotha de pé.
É estatua de dôr,—flôr desmaiada,
Immersa n'amargura, sem alento,
Excede o seu pezar augustia immensa
De Agar ou de Rachel no soffrimento.

Chorava o filho caro que contempla,
A expirar na cruz,
Tem as roupas e o seio salpichadas
Do sangue de Jesus!

Jerusalem, ao longe, ri ditosa,
Em quanto Ella a gemer, quasi sem vida,
Ouve os silvos das serpes na montanha
E as injurias da turba enfurecida.

Em fim o justo expira...as trevas descem
De todo o vasto ceu,
A terra dos sepulchros arremessa
Finados que escondeu,
Os anjos velam as frontes no empyreo,
Estremece a rugir o mar profundo,
E somente na collina solitaria
S'eleva sobranceira a cruz ao mundo.

Alli então sosinha, ao desamparo,
Uma mulher ficou,
Buscando ainda no seio do seu filho
A vida que findou.
Um funebre silencio tudo envolve...
Em prantos d'afflição jaz abatida,
De joelhos Ella pede ao Deus clemente
A morte que prefere á negra vida.

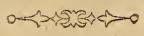
Ó mães, ninho d'amor onde s'abriga
A fronte dos mortaes,
Vós sò podeis saber o quanto custam
Assim, angustias taes.
Vós—santas—que talvez nos braços puros
Já um filho tivesteis idolatrado,
E nas ancias do soffrer o abraçastes
Semi-morto, archejante, já gelado.

Mas tu Virgem do ceu,—estrella d'alva,
Ó perfumada flôr!

Desde então o universo illuminaste
Na luz do teu amor,
E por cada martyrio que soffreste
Nos recebes no teu seio caridosa,
Ès nuvem de bonança, toda encantos,
Apóz da noite d'alma tenebrosa.

A terra—vêde, Mãe!—è templo vasto
Ai! seja o teu altar,
Um preito universal te prestem todos
Da vida no luctar.
Caminheiros d'um sò dia confiêmos
N'essa estrella que despende luz divina,
É a flôr decantada dos prophetas,
Esposa, Mãe e Virgem peregrina!

A DAMA DOS CORAES



I

No mar

As relações que ha vinte annos antes entretinha o archipelago dos Açores com a capital do reino, eram muito menos frequentes e regulares do que hoje, não existiam ainda carreiras a vapor, figurando-se-nos esta pequena excursão de trezentas legoas, que geralmente se fazia uma vez na vida, com as mesmas difficuldades e perigos d'uma viagem á China.

Não era isto, seguramente, devido á pouca navegação que anteriormente tivesse tido o Fayal, ao contrario, não ia ainda muito longe o tempo em que numerosas e fortes embarcações sahiam amiudadas vezes da bahia da Horta, em arrojadas emprezas, conduzindo para longinquos climas, especialmente para o Baltico, milhares de pipas de excellentes vinhos, emquanto que se reservava para as viagens de Lisboa, que poucas eram no decurso do anno, os navios de peiores

condições e menor lotação, visto que d'aquella paragem minguados interesses nos advinham.

Ao descahir, pois, de uma tarde de outono de 1853, a *Thetis* pequena e pesada escuna, specimen ainda das antigas construcções navaes, pertencente a uma casa commercial da Horta, largando a espaçosa bahia d'esta praça, ganhava o largo, demandando vagarosamente o alto mar.

Alem dos oito homens de tripulação, conduzia apenas este navio trez passageiros, para os quaes pedimos por um momento a attenção do leitor.

Pedro de Andrade era um homem de sessenta annos de edade, baixo, magro, de maneiras delicadissimas e alegres, possuindo o quer que fosse de afeminado no pretencioso modo de trajar, augmentado ainda pelas diversas cambiantes que se lhe devisavam na barba, exposta ás compromettedoras revelações de uma tintura pouco esmerada, fructo, comtudo, das antigas locubrações d'um boticario da sua localidade.

Possuidor de largos haveres que lhe trouxera uma rica herdeira que desposara, achava-se, não obstante, n'aquella epocha, com a casa bastante empenhada e viuvo. A fortuna tinha-se-lhe ido em jantares e bailes.

Izabel, sua unica filha, era então uma menina de vinte e trez annos, esvelta, branca como um lirio e de formosura não vulgar. Creada no seio de uma sociedade escolhida e havendo recebido esmerada educação, possuia apreciaveis dotes d'alma, realçados por extrema candura.

Perdoava-se facilmente ao pae os seus insignificantes ridiculos, quando olhavamos para a fronte serena e immaculada da filha.

O terceiro personagem, Gabriel Ferreira, mancebo de fino trato, alentado, de côres sadias e elegante tra-

jo, era ha muito tempo o promettido esposo de Izabel, e n'uma viagem de recreio acompanhava à capital o seu futuro sogro e a noiva.

A noite começou lentamente a baixar do ceu, apenas se devisava já no occidente um disco mais escuro, que a nevoa dos mares pouco a pouco tornava menos perceptivel, e para o qual muitas vezes se voltavam com saudade os olhares dos passageiros, sentados na pequena tolda do navio.

Era a patria, a sua formosa ilha, da qual por algum tempo elles se despediam.

A brisa fria da noite fel-os, em breve, descer para a camara, a *Thetis* seguia pesadamente o rumo de leste, o mar estava bonançoso e alem das vozes necessarias á manobra, apenas se ouvia o deslisar d'agua contra o costado da embarcação.

Na manhã seguinte achavam-se no alto mar, na solidão immensa das ondas, nenhuma vela se divisava ao largo, o tempo estava nublado, e um esperto vento do sul encrespava a superficie do oceano, sibilando por vezes nas enxarcias e fazendo com que um encommodo balanço viesse substituir a doce quietação da vespera.

É geralmente pouco agradavel o segundo dia de viagem, para pessoas não habituadas á vida maritima, apparece o enjôo e a prostração, e desfazem-se, de momento, as suaves illusões com que haviamos embarcado.

Augmenta porém, ainda este mau estar, quando ao envez das commodidades que hoje se encontram em excellentes paquetes, tinhamos ante a vista o desnudado aspecto de um pessimo navio.

Decorreram algumas horas, a atmosphera tornava-se mais sombria á proporção que avançava o dia, pe-

sadas nuvens foram pouco a pouco toldando o espaço e fazendo desapparecer o azul do ceu, o mar por vezes semelhava rugir, arremeçando uma onda mais atrevida contra o costado da *Thetis*, a qual depois de haver batido d'encontro á prôa da embarcação, atirava para o convez alguns flocos d'escuma.

O navio seguia porém, regularmente o seu caminho, em quanto o capitão encostado á pôpa conversava a meia voz com um dos marinheiros, rapaz de vinte a vinte e cinco annos, de feições expressivas e intelligentes, vestido um pouco mais esmeradamente que os seus companheiros de trabalho.

—O tempo refresca, capitão, o mar está de mau aspecto e esta noite havemos dançar um bom bocado.

—E com forte orchestra, não tenhas duvida, José.

—Lá vae o sr. piloto mandar diminuir o panno, achava que já era tempo, os passageiros, nem um instante subiram hoje ca para acima.

—Assim è melhor, porque este quadro não é realmente dos mais animadores.

—Arria a majarrona, carrega o velacho e vela grande nos rizes! gritou do meio da embarcação o official que se achava de quarto.

Uma enorme vaga, como se desafiasse esta manobra, galgou pelo castello de prôa, alagando o convez e fazendo estremecer a pequena embarcação, que por alguns momentos pareceu estacar na sua derrota.

—Ferra o velacho e vela grande, gritou então o capitão, chegando-se com presteza para junto do homem do leme, até que vendo fielmente executadas estas ordens, voltou impassivel para o seu posto.

—Maldicta escuna, disse elle, com mar e vento semelhante, nem no decurso de um mez chegaremos a Lisboa.

José depois de haver coadjuvado a manobra retomou a interrompida conversação:

—O tempo que está cahindo faz-me lembrar uma das minhas viagens à America, aquella costa é a mãe dos temporaes, eu andava então n'um patacho michaelense e já de ha muito nos julgavam perdidos quando tiveram noticias nossas.

—Aonde nasceste tu, Josè, não és das ilhas pelo teu fallar?

E' o meu segredo, capitão, talvez que um dia lhe conte ainda a minha vida e asseguro-lhe que tem algumas peripecias curiosas...

—Possues, na realidade, conhecimentos superiores aos da tua classe, e estou convencido que tiveste mais elevado destino do que ser marinheiro; que eu, por exemplo, filho d'um maritimo, acompanhando desde creança meu pae, abraçasse esta vida, comprehende-se, mas tu podendo empregar-te vantajosamente em terra vires metter-te n'este inferno, é o que admira.

—São sortes! respondeu o merinheiro, como querendo atalhar aquella palestra, ao tempo que o mar ainda mais indomito se desfazia com furia contra o costado.

A noite crescia escurissima, accenderam-se as luzes do navio e o temporal, um verdadeiro temporal, começou a enrugar as faces da companha, cada vez que consideravam a pouca segurança do navio, que ora rangia lugubremente a cada empuchão das vagas.

Pela meia noite sahiu a lua, as cataractas do ceu pareceram romper-se ante o baço clarão da pallida rainha da noite, a escuna corria em arvore sêcca, ao tempo que uma chuva torrencial vinha açoital-a com força.

A tempestade, porém, decrescia sensivelmente, essa bulha do mar, semelhante ao uivar esfomeado de gi-

gantescas matilhas de tigres parecia afastar-se n'outro rumo, e as caliginosas nuvens que toldavam o ceu passando ainda com vertiginosa rapidez, deixavam comtudo, a espaços, mostrar-se o astro da noite.

A *Thetis*, como a ronceira cavalgadura do nosso Boileau portuguez, mostrava de novo as suas tendencias para a inercia, desde o momento em que ia sentindo modificar-se o esporear da tormenta.

Raiou finalmente a manhã, noite de horrores havia sido a antecedente para os passageiros, mas o primeiro clarão do sol, reanimando-os, semelhava vir tambem conter os elementos em furia.

Serenou o tempo com a mudança do vento para um quadrante opposto, em quanto immensas vagas, quaes gigantescos cylindros, faziam jogar desmesuradamente o navio.

Esta vaga redonda, como lhe chamava o capitão, não tinha porém perigo imminente

—Subâmos a tolda, disse o pae de Izabel, aqui na camara abafa-se, que noite a que acabamos de passar, julguei que era a ultima.

—Esta escuna é uma segunda arca de Noé, acrescentou o noivo, e escapou d'um segundo diluvio.

—Vejamos se de futuro com a apparição da terra, alguma pomba nos vem trazer o almejado ramo d'oliveira, respondeu Izabel, dirigindo-se para a escada da camara.

—Ainda estamos bem longe d'esse afortunado dia, respondeu o velho.

—E comtudo não é elle por mim muito desejado, retorquio Gabriel.

—Sim! e porque? perguntou, sorrindo, a rapariga.

—Por que esse dia, respondeu-lhe aquella em voz baixa, marcaria para nós a impossibilidade de estar-

mos quasi sempre junctos, bem vê que em chegando a Lisboa, haverá mil conveniencias a guardar, em quanto que no mar é isso differente.

—Subam cá para cima, gritou da escotilha o sr. Andrade, venham gosar do espectaculo das nuvens que fogem ante o esplendor do sol.

Alguns momentos haviam que os passageiros se achavam no convez, o capitão mandou soltar o panno e alguns marinheiros subiram pelas enxarcias para executar esta ordem.

O balanço era horrivel, a escuna por vezes parecia tocar com as pontas das vergas nas ondas, ou então sumir-se nos abysmos do mar.

N'um d'estes immensos baldões, um velho marinheiro, affeito *lobo do mar*, que se achava abraçado á verga grande, faltando-lhe, não sabemos como, o necessario ponto de apoio, cahiu d'aquella altura nas ondas.

Ouviu-se um grito angustioso repetido por todos os espectadores d'esta scena, em quanto o capitão correndo apressadamente á pôpa da embarcação arrojava ao mar a boia de salvação.

Baldado intento, o naufrago distanciava-se visivelmente do navio, envolvido n'um turbilhão d'escuma.

—Salvem-o, salvem-o, por amor de Deus, gritou Izabel, dou toda a minha fortuna a quem o soccorrer.

Os marinheiros chegavam se á amurada, alguns pareciam por momentos vacillar ante a possibilidade de luctar com as vagas, depois affastavam-se cabisbaixos.

—Que vergonha! tornou Izabel, como sois pusilamines.. oh! não ser eu homem.

Em distancia viam-se, por vezes, as mãos hirtas do maritimo elevarem-se d'entre a agua.

N'esta occasião sentiram um corpo arremeçar-se ao mar, todos voltaram os olhos n'aquella direcção, e Jo-

sé, o nosso já conhecido rapaz, luctava difficilmente com as vagas, nadando em busca do naufrago.

Foram alguns instantes de cruel anciedade, desaparecia por vezes o corajoso mancebo, mas um momento depois lá o divisavam ainda luctando nobremente.

Alcançou afinal o seu companheiro, e como da escuna lançassem ao mar alguns barris presos em cordas conseguio felizmente afferrar-se a um que lhe passava proximo.

O regresso para o navio tornou-se assim mais facil e momentos depois estava no convez, conjunctamente com o homem que acabava de salvar, o qual lentamente tornava á vida.

Foi José o heroe d'aquelle dia, todos o abraçavam e até Izabel apertou com effusão nas suas as mãos do joven marinheiro.

Ao jantar, a pedido dos passageiros, consentiu o capitão, como recompensa da sua elevada coragem, que José tomasse assento a seu lado, e ao terminar da refeição apparecêra o velho que fôra salvo, pedindo licença para agradecer ao seu companheiro a vida que lhe devia, pobre existencia d'aqual, não obstante, dependia o sustento de seus filhos que em terra deixara, dizia entre lagrimas de reconhecimento o homem do mar.

Izabel fitava a fronte varonil do rapaz, com olhar profundo e com um doce sorriso a voltear-lhe nos labios.

Gabriel e o sr. Andrade, que a algum tempo fallavam entre si, levantaram-se da mesa e indo cada um ao seu beliche, voltaram pouco depois e chegando-se ao rapaz, pediram-lhe, em lembrança da sua boa acção, que lhes acceitasse aquella pequena offerta.

Eram dois embrulhos contendo ouro.

Um sorriso de despreso, sorriso só notado por Izabel, passou rapidamente pelo rosto do marujo.

—Agradeço, respondeu elle, a generosa offrenda de vossas senhorias, não a acceito, porem; salvei n'um momento de perigo um meu companheiro, um irmão de trabalho, nada mais fiz do que o meu dever.

Se alguma recompensa mereci, essa já a recebi, e a tenho bem gravada n'alma.

Ao terminar estas pallavras fitou com amor o rosto sereno da fayalense, e esta, digamol-o aqui á puridade, corou pudicamente, em quanto o coração lhe pulsava alvoraçado.

—Tem-me mais ares de fidalgo do que de marinheiro! disse mentalmente o sr. Andrade.

—É orgulhoso! repetiu Gabriel.

—É uma nobre alma! segredou um anjo ou quem sabe se o demonio aos ouvidos de Izabel.

II

A' luz das estrellas

Mysterio insondavel é por certo o coração da mulher, eterna esfinge, indefinivel problema, que zomba das mais serias combinações, que nos assombra muitas vezes pela sua abnegação e sacrificio, e que não obstante uma nuvem que passa, um sorriso, um olhar, é capaz de o transformar completamente.

Fonte de cristalina e vivida torrente ou astro escuro e tenebroso, tem o magico condão do ignoto.

Candida virgem a conduzir nos, como ao Dante, na estancia do soffrimento, ou visão ensaguentada como um phantasma de Hoffmann, sentimos todos o seu poder e beijamos essa fronte formosa, ainda que como o anjo precito, possua atravez da sua belleza um infernal sorriso.

Se lançarmos um rapido golpe de vista em redor de nós, se encararmos respeitosamente a virgem pudica e innocente que parece viver n'uma atmosphera embalsamada e santa, cuja vida tem sido tão pura

como a lympha no calix das flores, e cujo olhar sereno e tranquillo tem alguns reflexos do fulgôr dos anjos, difficilmente acreditamos que essa perola d'Ophir, esse diamante de inestimavel valor, em poucos momentos se possa transformar na mulher arrebatada, louca de paixão, refervendo-lhe no seio a dôr, a vingança, a morte, quando se lhe deparar uma nova existencia, ao sentir requeimar-lhe o seio um fogo até então para ella desconhecido.

Acceitemos pois, a mulher, anjo ou demonio, tal qual a natureza a formou, nem nos admire por vezes a sua imperfeição, sendo ella constituida d'uma parte d'esta fragil argilla de que, no dizer da Escriptura, fomos creados.

Perdoe-nos, tambem o leitor esta breve desertação e prosigâmos na nossa despretenciosa narrativa de viagem.

A acção corajosa praticadá pelo marinheiro José, ganhara-lhe as boas graças dos passageiros e muitas vezes na tolda, ao descahir da tarde, ouviam lhe com prazer as descripções dos paizes que visitara, o viver de longinquos povos, os usos de differentes nações.

Uma coisa porem os admirava, a linguagem e o modo de narrar não correspondia de maneira alguma com a proverbial rudeza d'aquella vida, as imagens sahiam-lhe da mente puras e graciosas, e por vezes uma suave melancolia dava ainda mais realce a esses quadros que elle apresentava moldurados em termos selectos e delicados.

Não passara despercebida semelhante occorrencia, especialmente a Izabel, cuja curiosidade feminil estava vivamente excitada.

Uma serena noite em quanto seu pae e o futuro noivo, conversavam a meio do navio, Izabel aproximou-

se, como por acaso de José que então fazia o quarto de leme.

—Está uma linda noite para fallar com as estrellas aquella doce linguagem que hontem nos sustentou que lhe ouvia, disse a rapariga.

—E ainda melhor para escutar os anjos, lhe respondeu José.

—Ah! tambem tem relação com suas senhorias, retorquio rindo a alegre menina.

—É verdade, minha senhora, e começaram n'esta viagem.

—Que feliz acaso! e logo na viagem em que eu vim, já vejo que chegaremos a salvamento...

—E se eu lhe dissesse ainda, continuou o marinheiro, que desejaria que ella fosse eterna, que cada hora que passa, cada madrugada que desponta, sinto pouco a pouco, a tristeza a invadir-me a alma, sombrias nuvens a toldarem o meu provir...

—Como està poetico!..è a maravilha dos maritimos, um Lamartine desconhecido.

—Não ria vossa excellencia das palavras que lhe acabo de dizer. A immensidade d'este mar, ou a vastidão do firmamento seria pequeno para conter o que sinto n'alma. Estamos longe da terra, aqui acabam as aristocraticas selecções da sociedade, somos hoje dois irmãos caminhando na mesma estrada para em breve nos separarmos talvez para sempre, por que se zangaria, pois, se eu lhe dissesse que a adoro, que a amo, como a um anjo tutelar.

—Advinhei! pensou mentalmente a fayalense, corando e encostando se á amurada do navio, depois como se despertasse de uma allucinação fatal, endireitou-se altiva, volteando-lhe nos labios um sorriso de despreso, olhou sobranceiramente o rapaz e começan-

do a dirigir-se para o lado em que estava seu pae, murmurou, alto bastante, para ser ouvida do seu interluctor.

—Tem graça...um marinheiro!..

—Por Deus não parta, continuou este ainda, é isto um segredo que morrerá entre nós ambos, mas diga-me que me não quer mal pelas fallas que me atrevi a dizer-lhe.

Havia tal vehemencia na voz de José, partiam tanto d'alma aquellas palavras, que a seu pezar Izabel sentiu-se commovida.

—Perdôo-lhe, respondeu ella, perdôo-lhe, mas esqueça-me para sempre, não sonhe com o impossivel, tudo nos affasta no mundo, a sua vida, a minha posição...esqueça-me, repito.

—Nunca, nunca! accrescentou com fogo o marinheiro, e apossando-se de uma das alvas mãos da rapariga, beijou-a ardentemente.

Soaram, muito a proposito, n'este momento as badaladas do pequeno sino do navio, era a mudança do quarto, alguns marinheiros atravessaram silenciosamente o convez e Izabel tremendo, como a pomba ferida por despiedoso caçador, foi collocar-se junto de seu pae, de Gabriel e do capitão do navio, que se achavam então empenhados em larga palestra a respeito da decadencia da mãe patria!

Devemos aqui notar, como entre parenthesis, que Gabriel, com aspirações a um dia vir a ser deputado, esquecia tudo em se lhe fallando de politica.

Ceci tue celá—diz o adagio francez.

Um deputado em embryão é geralmente um desgraçado amante, repetiremos nós.

III

Homem a ferros

O termo da viagem avisinhava-se sensivelmente, haviam decorrido alguns dias, e o ceu, aquelle incomparavel ceu de Lisboa, fundo, lindo e azul, começava a mostrar os seus encantadores sorrisos.

Na manhã em que nos achamos varios navios tinham passado a distancia da *Thetis;* uma barca franceza içou o seu pavilhão a barlavento da escuna, sentia-se já no ar esse perfume tão conhecido dos maritimos, que lhes denota a visinhança da terra, apezar de, como agora, esta não se avistar ainda no horisonte.

O capitão, ao jantar, dera a boa nova aos seus passageiros de que na madrugada seguinte esperava estar com terra á vista; todos os desgostos de uma incommoda viagem eram esquecidos, e até a cançada escuna teve os seus comprimentos relativamente á sua solidez, ao menos, já que não podia ostentar outras boas condições nauticas.

Uma unica fronte estava na camara com uma sombra de melancolia, era a de Izabel.

—Como deve ficar encantada de ver Lisboa, disse-lhe Gabriel, é um espectaculo realmente soberbo a entrada no Tejo; a primeira vez que alli desembarquei, confesso que fiz a mesma figura d'um provinciano recentemente chegado, admirando a estatua de D. José.

—Desgraçadamente, como tenho ouvido contar, fazem ainda uma bem triste idea dos açorianos, os nossos irmãos do continente.

—Tem V. Exc.ª milhares de razões...eu que o diga, o nome de ilheo, como elles nos chamam, significa para muita gente, até das classes mais elevadas, um synonimo que nos é pouco favoravel.

—Muitas vezes assim é, accrescentou o capitão; n' uma occasião um padre de S. Miguel, meu amigo, o o qual tem em casa uma afilhada linda como os amores, pedio-me que lhe comprasse na côrte, para a rapariga, um chapeu da ultima moda.

Quando alli cheguei quiz-me desempenhar dignamente da commissão, e fui, por conseguinte, em procura de uma loja de modas no Chiado.

Disse á modista que estava incumbido de comprar a moldura para o mais lindo rosto de rapariga que conhecia e que desejava um chapeu bem da moda e bem gentil.

Trouxeram-me sortimento do genero e apezar de os achar elegantes e bem feitos queria, comtudo, cousa ainda melhor.

Afinal estava em ajuste com um que era mesmo uma maravilha.

—Ora lá na ilha, disse eu, espero que não tenham que dizer a isto, hein?

—Ah! é para a ilha! respondeu admirada a modista, então espere, meu senhor, espere, temos muita obra propria para essa terra de Christo...que eu cá não

sei bem se fica para alem do Minho, nem por onde se vae....mas espere que eu já o sirvo.

Voltou instantes depois, trazendo-me uma arca de Noé, um chapeu grutesco, uma verdadeira capoeira, e ficou muito admirada de eu não acceitar aquelle *primor d'arte*.

Todos se riram.

—Isso só demonstra, acrescentou sensatamente o senhor Andrade, a ignorancia de muita gente da capital de quasi tudo o que se acha de seus muros a fora. Ha com tudo numerosas excepções. Esse pequeno exemplo reflete-se porém, por vezes em negocios de grande importancia e alcance, parecendo que muitos portuguezes desconhecem a civilisação açoriana e como os portos das ilhas entretendo constantemente, pela sua posição no oceano, grande communicação com centenas de embarcações de todas as partes do mundo, estão, pode-se dizer, diariamente ao facto dos usos e arroteamentos civilisadores das grandes nações.

—E quem sabe, disse ainda o capitão, o futuro que está reservado aos Açores, rico emporio entre o velho e o novo mundo, cada vez mais promettedor e conhecido?

—Assim o governo olhasse com mais desvelo para essas abençoadas terras.

—Quando eu for deputado..., ia começando Gabriel, ao tempo que um marinheiro veiu avisar o capitão que estava á vista um grande navio movido a vapor.

Parecia a vóz do futuro a indicar uma das maiores necessidades de que então ainda careciam os açorianos.

O jantar estava terminado e todos subiram para o convez afim de ver passar a magestosa embarcação,

que vomitando ondas de fumo deslisava velozmente sobre a face tranquilla das ondas.

Desceram n'aquella noite cedo para a camara os passageiros, á aproximação da terra queriam ser madrugadores no dia seguinte, e era preciso aproveitar as horas de descanço.

A camara da *Thetis* achava-se dividida em duas partes, uma de cada lado do navio, fechadas por tabiques que formavam dois soffriveis camarins, um destinado a Pedro de Andrade e Gabriel, o outro á formosa passageira.

O espaço que ficava entre estas duas divisões, aonde se achava a mesa do navio, servia de sala commum, por isso que o capitão para maior commodidade dos passageiros, dormia no convez, n'um beliche de vento.

A noite estava tepida, o mar murmurava suavemente contra o costado da escuna, que se balouçava de leve impellida por favoravel brisa, não havia luar e as trevas escureciam tudo, deixando somente fulgir na esteira da embarcação esses circulos luminosos que mão ignota parece caprichosamente phantasiar.

Izabel recolhida ao seu camarim abrio a espaçosa janella que deitava sobre o már, e pela qual salhio um jorro de luz proveniente do candieiro suspenso do tecto, debruçou-se alguns momentos pensativa a ver deslisar as vagas e depois recolhendo-se, abrio um livro que andava lendo durante a viagem e sentada junto de uma pequena banca folheou algumas paginas.

Este livro era o *D. Juan*, de Byron!

Anjos do casto amor, vós que vellaveis com as azas as niveas frontes quando o apaixonado filho de Albion soltava aquellas palavras divinas, resguardai tambem agora este debil lyrio, esta fragil creatura, que abre

com mão descuidosa aquellas paginas sublimes, aquella febre de amor e de paixão!

Ai! mas embebida n'esses sonôros hymnos, na voluptuosidade d'aquellas canções, vêde como ella sorri, como está bella e que estranha animação lhe faz pulsar ardentemente o seio.

Anjos do casto amor, velai as frontes innocentes!

O veneno d'aquelle livro produziu afinal o seu effeito, como o aroma deleterio de algumas flôres, embriaga determinas compleicções.

Um doce scismar, vago, indiffinivel, languido, se apoderou de Izabel, a imaginação divagava-lhe por encantadas regiões, ouvia palavras de suave magia, até então para ella desconhecidas, e uma fada toda risonha e festiva, coroada de luz, parecia vir beijal-a com meiguice.

Perdeu quasi o conhecimento do mundo positivo e real para vagar n'outros climas, rescendentes de harmonias e encantos.

São frequentes n'aquellas edades semelhantes arrobamentos, frequentes e perigosos, dizia-me uma vez um velho padre que eu conheci o qual tinha larga pratica do mundo e do coração humano.

—É a hora do demonio, accrescentava, bezendo-se o pobre franciscano.

Uma sombra se projectou então na claridade da janella, avançou a cabeça para o anterior do camarim, a mêdo, como a symbolica serpente que tentou nossa primeira mãe, animou seguramente este vulto o silencio que a fayalense continuava a guardar, avançou mais ainda e em breve José achava-se aos pés d'aquella que amava.

Sò n'aquelle momento pareceu a rapariga despertar da lethargia em que estava envolvida, ergueu-se de su-

bito e dirigindo-se para o lado da porta do camarim, disse severamente: Saia, saia immediatamente d'aqui, ou quando não grito por soccorro.

—Que mal lhe fiz eu, para assim me querer perder, respondeu o rapaz, è hoje a derradeira noite que passamos juntos, vae-nos separar o mundo, a sua posição, tudo, por que não dá ao pobre marinheiro uma alegria sequer? uma palavra de conforto que o anime nas horas do seu penar...se soubesse a minha vida, os meus sonhos de ventura...

—Mas não vê o perigo a que me expõe, tornou ainda a tremer, Izabel, não concebe que d'um momento para outro podem dar pela sua falta, podemos ser ouvidos, e que isso causaria um escandalo a bordo...

—Causaria, sim, oh! mas muito mais exporia eu o meu futuro não podendo ter com vossa excellencia uma entrevista n'esta ultima noite. Supponha que por acaso, a minha posição mudava, que o pobre marinheiro que hoje vê ante si lhe apparecia na sociedade, sob um outro aspecto, admittido na sociedade elegante, bem quisto de todos, dispondo em fim d'alguns rendimentos, e diga-me Izabel, diga-me, por alma de sua mãe, se não me acceitaria como esposo?

—Para que está a zombar da minha credulidade? respondeu a fayalense, está a sonhar impossiveis, phantasia um romance, uma chimera...

—Seja embora uma chimera, mas diga-me se n'essas circunstancias recusaria o meu pedido.

—Parece ignorar, José, que uma ligação formada por meu pae desde a minha infancia me destina a um outro homem, é publico na minha terra que em breve casarei com Gabriel Silveira, e a sua presença n'este navio sobejamente lhe deve ter provado a verdade do que estou dizendo.

—Mas ama-o, Izabel? isso ainda é para mim um problema, tenho estudado a sua vida aqui a bordo, os seus minimos movimentos e ainda bem que acredito que a complaecencia mais do que o amor a conduziria aos altares.

—Parece-me, porem, que ainda não lhe dei a liberdade de interpretar os meus sentimentos.

—Tomei-a eu, por que a adoro, por que será sempre o sol da minha vida, porque a tudo me exporei para granjear o seu affecto.

A este tempo porem ouviram-se umas fortes pancadas na porta do camarim e a voz do senhor Andrade e a de Gabriel, diziam que a rapariga abrisse o mais depressa possivel.

—Fuja, fuja, em quanto é tempo, segredou-lhe Izabel.

—Sem uma promessa sua, sem um penhor da sua amisade, nunca, nunca, respondeu José.

—Pois bem, amo o, é esta a verdade, amo-o muito, mas esqueça-me para sempre, disse Izabel, e soltando do pescoço um lindo fio de coraes depol-o nas mãos do mancebo.

As pancadas na porta continuavam e este apenas teve tempo de saltar para a portilhola e desaparecer, ao tempo que Izabel com o maior sangue frio ia abrir a porta.

—Santo Deus! exclamou ella, que barulho é este! acordaram-me tão sobresaltada, o que aconteceu?!...

—Ouvimos distinctamente bulha n'este camarim, pareceu-nos ouvír fallar...tem-se dado por vezes, no mar estranhos acontecimentos e corremos em teu soccorro.

—Foi um engano perfeito, respondeu rindo a rapariga, havia adormecido tranquillamente no meu beli-

che, esquecêra-me a janella aberta, mas não senti cousa alguma.

Pedro de Andrade e Gabriel olharam-se admirados.

A este tempo, porem, havia grande barulho no convez, por isso que no momento em que José trepava pelo costado, agarrando-se a uma corda da enxarcia, o capitão infelizmente, havia subido á tolda, debruçou-se para o mar, vio a portinhola aberta, por onde sahia luz e presenceou a arriscada ascenção do marinheiro.

—Donde vens?! lhe perguntou este bruscamente.

O rapaz titubeava, ao tempo que o velho maritimo o havia já agarrado pelo pescoço. Donde vens maroto?..não me respondes?

—Perdôe, capitão...

—Dize já o que tinhas ido fazer áquelle camarote ou mato-te.

Uma idea subita passou pela mente de José, salvar a honra de Izabel era o seu maior desejo, embora ficasse sacrificado, e n'este intento respondeu.

—Bem sei que fiz uma pessima acção, capitão. Sou muito culpado, mas foi uma tentação do inferno; introduzi-me no camarim d'aquella senhora, aproveitei o seu somno e roubei de cima da mesa este collar.

O capitão, homem rude, pouco affeito a empenhos amorosos, pareceu, ou fingio parecer, accreditar este embuste, arrancou-lhe o fio de coraes e gritou para a companha:

—Este homem a ferros!

Trez vigorosos marinheiros executaram immediatamente esta ordem levando o condemnado para a prôa.

Pedro de Andrade e Gabriel haviam acudido tambem, e viram aprehensivos esta scena, que de maneira alguma podiam explicar.

O capitão praguejava como um damnado.

Felizmente a aurora em breve despontou, divisava-se no horisonte a terra, a *Thetis* vogava com a possivel rapidez e os preparativos do desembarque vieram, d'alguma maneira, distrahir os pensamentos.

IV

Em Lisboa

Quinze dias depois dos acontecimentos que acabamos de narrar, a *Thetis* descarregada e prompta, estava em vesperas de sahir a barra de Lisboa, com destino a São Miguel.

A familia açoriana havia-se hospedado n'um hotel do Caes de Sodré, o soberbo espectaculo das bellezas que encerra Lisboa, os passeios, as visitas aos edificios mais notaveis e as mil pequenas diversões que sempre offerece, a quem pela primeira vez a percorre, uma populosa cidade, occupavam quasi todo o tempo de Pedro de Andrade e de sua filha.

Gabriel tambem os acompanhava frequentes vezes, havia já travado relações com alguns janotas, aquelle typo especial de Lisboa, pagava algumas ceias a antigos amigos da sua primeira visita á capital, frequentava o Marrare e até para cumulo de felicidade achava-se nas boas graças de um deputado, que se indigitava como futuro ministro.

Um dia os açorianos encontraram o capitão da escuna, almoçaram juntos, e perguntaram-lhe noticias do marinheiro José.

—O rapaz foi finorio, respondeu-lhe este, estava para o entregar ás auctoridades, como ladrão, quando n'uma bella noite, não sei se ajudado por alguns dos companheiros, conseguio evadir-se de bordo. Afinal de contas estimei este desenlace; elle até áquella tolice que fez tinha sido um bom rapaz e todos nós estamos sujeitos a uma fraqueza...

—Olhe, quando eu for deputado, disse Gabriel, heide forjar um rigoroso projecto de lei contra os roubos a bordo, no qual darei uma maior latitude de poder ao commandante de qualquer embarcação.

—Leis é o que temos de sobejo, retroquio o maritimo, assim ellas se cumprissem...

Terminado o almoço o capitão despedio-se, as palavras que soltára relativamente a José tinham alvoraçado o coração da fayalense, elle está em Lisboa, disse ella mentalmente, talvez escondido em quanto o navio não parte. Será effectivamente um marinheiro?..que loucura me obriga a pensar ainda n'aquelle homem, sempre, sempre...

Representava-se então em São Carlos, a *Norma*, essa immortal, e como a natureza, sempre nova inspiração do divino Rossini, aquellas sublimes e sentidas harmonias atrahiam ao theatro uma escolhida platea e a familia açoriana recebeu um convite de uma baroneza assaz rica a quem havia sido recommendada para assistir d'um camarote de primeira ordem ao espectaculo.

Izabel estava esplendida de formusura n'aquella noite, uma das principaes modistas da capital realçara-lhe os encantos por esmerada *toilette* e á sua apparição no camarote, centenares de binoculos dirigiram se em breve para o seu lado.

As sublimidades da musica pareciam derramar-lhe mais fogo no olhar, uma doce melancolia no rosto, em-

bebia-se n'aquellas notas do ceu que mais tarde Alfred de Musset traduziria em mimosas estrophes:

Fille de la douleur, Harmonie, Harmonie!
Langue que pour l'amour inventa le génie!

Pedro d'Andrade e Gabriel, pareciam pouca attenção prestar ao espectaculo, o primeiro bocejava frequentes vezes e o segundo só esperava anciosamente o entre acto no qual uma bailarina de fama, que elle desvanecidamente dizia conhecer, exhibiria ao publico os atractivos dos saltos em que era insigne.

N'um intervallo em que os dois filhos das ilhas tinham vindo passear para o salão, aonde com alguns politicos se achavam embrulhados em longa discussão, um cavalheiro se apresentou a visitar, no camarote, a baronesa de * * *

—Bravo! que feliz surpresa, o senhor José Tavares! exclamou ella offerecendo-lhe a mão, logo que o vio, Julgava-o a mil legoas da capital, nas suas eternas viagens...

—Os filhos prodigos sempre voltam, minha senhora, respondeu sorrindo o mancebo, e entrando no camarote comprimentou as duas senhoras.

Izabel esteve prestes a desmaiar, n'aquelle elegante cavalheiro, de maneiras delicadas, de casaca e luva branca, encontrava o seu conhecido d'outr'ora, José, o marinheiro da escuna *Thetis*.

—Mas então diga-me que paizes visitou... que loucura foi essa de ha tanto tempo nos abandonar? a sua familia tem estado inquieta.

—Foi uma pequena digressão, minha senhora, percorri em pouco mais de um anno algumas longinquas regiões. Ultimamente achava-me na America, estive no Canadá, admirei a grande cataracta do Niagara, de

pois passei-me n'um navio de contrabandistas até aos Açores e d'alli para Lisboa. Tem vossa excellencia recebido novas de meu pae?

—Acha-se actualmente nas suas propriedades do Minho, triste sempre com a sua auzencia e arrependido d'aquelles rigores que causaram as suas desintelligencias.

—Pobre pae! accrescentou o rapaz, estou porem mais adiantado do que vossa excellencia, escrevi-lhe logo que cheguei, espero-o em breve na capital e as nossas pazes estão feitas.

Izabel estava atonita de quanto via e ouvia, porem nem o minimo olhar de Josè, nem a mais leve palavra que lhe dirigisse denotava á baroneza haverem anteriores relações entre os dois.

A orchestra annunciava a proxima subida do panno.

José Tavares despedio-se promptamente, encontrando no corredor o pae e o desposado de Izabel, que não tiveram a menor suspeita do que se acabava de passar.

Obriga-nos, porem, o nosso dever de romancista de explicar ao leitor que no momento em que o elegante mancebo se despedia das duas damas, um perfumado e fino bilhete fora cautelosamente deposto na mão da fayalense.

Esta apenas teve tempo de o esconder entre as dobras do seu alvo lenço, ao tempo que a baroneza olhava para um camarote visinho.

O primeiro cuidado de Izabel, assim que regressou á hospedaria foi ler anciosamente aquelle papel, o qual continha as seguintes linhas:

«Minha senhora

«Permitta que o pobre marinheiro da escuna *The-*

tis lhe repita mais uma vez que ardentemente a ama, e ao mesmo tempo venha cumprir uma promessa.

«Lembra-se, n'aquella noite em que fui prezo, ha-«ver-lhe dito que era possivel um dia chegar a uma «outra posição na sociedade. Era esta a verdade.

«Malfadadas desintelligencias haviam-me affastado «do lar paterno e falto de recursos divaguei algum «tempo em terras estranhas, achei-me afinal atacado «da nostalgia, quiz voltar à patria que de longe me «sorria, e á falta absoluta de dinheiro fiz me marinhei-«ro.

«Logo que cheguei a Lisboa um velho amigo de meu «pae informou-me de que elle estava disposto a tudo «perdoar, facilitando-me meios de viver honradamen-«te.

«Não sou rico, possuo, porem, uma honesta media-«nia.

«O que me falta presentemente para ser ditoso é «um anjo que venha doirar a minha regeneração futu-«ra, é uma esposa terna e virtuosa que me rehabili-«te perante a sociedade de alguns peccados anterio-«res.

«Amo-a mais do que a minha vida e acaso serei «tão infeliz que vossa excellencia recuze ainda parti-«lha a minha sorte?

Seu

JOSÉ, O MARINHEIRO.»

D'alli a alguns dias um verdadeiro namoro estava entabolado entre a açoriana e o filho da capital e as cartas, graças a complacente intervenção d'uma creada cruzavam-se amiudadas vezes.

Uma manhã vieram dizer ao senhor Andrade que estava na salla um cavalheiro que lhe desejava fallar.

A entrevista não foi de longa duração, José deu-se immediatamente a conhecer, pedindo logo a mão de Izabel.

O velho açoriano, no começo abriu muito os olhos, passeou agitadamente na salla, endireitou o chinò, foi tomar ar a uma janella e afinal exclamou:

—Pode vossa senhoria ser muito capaz, ter meios de fortuna e pertencer a uma familia distincta, minha filha, porem, já está compromettida com um seu patricio, o senhor Gabriel, e julgo que a este dedica extremado affecto.

—É ahi que o pae se engana, disse risonhamente a rapariga abrindo uma porta, d'onde occultamente escutava a conversação, o escolhido do meu coração é José, o nosso valoroso maritimo.

—Eu endoudeço com tanta embrulhada, acrescentou o bom do velho, tu é que escolhes, mas lembra te d'aquelle velho adagio=*antes que cazes vê bem o que fazes.*

—E o pae abordo, tornou Izabel, tambem se devia lembrar, com relação ao marinheiro posto a ferros, d' aquelle não menos conceituoso ditado=*Ninguem se fie de apparencias.*

A noticia d'este inesperado desenlace, do abandono da sua promettida noiva, não deu grande abalo a Gabriel Ferreira, encarou philosophicamente a *questão,* como se diz nas camaras.

Esqueceu-se d'aquelle *incidente* nos braços da sua dançarina favorita e como esperava em breve ser indigitado deputado pelo circulo da Horta e não queria a compromettedora opposição do senhor Andrade, aquiesceu até a ser um dos padrinhos do noivo.

Feliz organisação!

V

Um ninho entre folhas

Passaram-se alguns annos.

Estamos nos Açores, na ilha de * * *, magnifica parcella d'esse verdadeiro Eden terrestre, como ainda ha pouco foram estas terras denominadas pelo insigne naturalista Mr. Fouquet.

A natureza esplendida e fecunda retoucava-se brilhantemente ao sopro da estação festiva de variada alluvião de flores, por toda a parte a rosa, o rosmaninho, os junquilhos derramavam ondas de perfumes, que se elevavam até ao cimo alpestre das montanhas rasgando as nuvens das quaes a discripção offereceria quadros tão arrebatadores, scenas tão pittorescas que poderiam affoitamente comparar-se ás tão apreciaveis decantadas prespectivas da Suissa.

No seio de uma elevada serra, sobranceira ao mar e toda coroada de alteroso e denso pinheiral, via se perdida entre a verdura, como um passaro descançando na vastidão do oceano, a alva frontaria d'uma elegante habitação campesina.

Tão longe do povoado, cercada de roseiraes, alegre e aceada, denotava aquella habitação um socego e felicidade que brandamente nos atrahia, como as portas abertas de um templo atrahem, com prazer, o peregrino apoz as escabrosidades do seu longo jornadear.

A par de um regato que despenhando-se de elevada rocha fronteira, formava aos raios do sol uma linda cascata, viamos brilhar por entre o verde escuro das folhas de um cuidadoso pomar a côr vermelha dos fructos, as macieiras em flôr, as bagas rubras da romã.

Na hora saudosissima do pôr do sol, quando as sombras começavam a entristecer a terra, muitas vezes vinham sentar-se no eirado, para gosar do magnifico espectaculo do oceano, um dos mais felizes casaes de que ha memoria.

Eram os nossos conhecidos José Tavares e Izabel.

O marido havia nutrido alguma coisa, tornara-se um homem serio, ella sempre graciosa e fresca aconchega ao seio e revia-se louca de alegria n'uma filhinha de faces rosadas e cabellos louros, um verdadeiro anjo que lhe sorria.

Gosavam a maxima ventura, compativel com a nossa triste fraqueza humana, um amor puro sem nuvens nem remorsos.

Josè Tavares obtivera do governo elevadas funcções publicas nos Açores, emprego que exercia com illibada honra, grangeando um nome respeitavel que o decorrer do tempo ainda não destruio.

Izabel a seu lado era a fada do lar domestico, minorando-lhe os espinhos que sempre, infelizmente, encontra quem na vida procura seguir as leis sagradas do dever.

Os mezes de verão, passavam-os habitualmente n' esta pequena habitação, e eram os mais desejados de todo o anno.

Duas sombras vem apenas escurecer este quadro, a morte de Pedro de Andrade, n'uma já avançada edade e os esforços inauditos de Gabriel, que ainda não conseguio ser deputado.

Julgo, porem, que devido á influencia do seu antigo rival e principalmente ás instancias de Izabel para com seu marido, vae agora em bom caminho e conseguirá em breve satisfazer esta sua monomania, o que muito concorrerá para o salvaterio do paiz.

O que não conseguem mulheres!

FIM.

O ROMEIRO

I

—«De longes vens, bom romeiro,
Diz-me as terras que tens visto,
Talvez que tu visitasses
A sepultura de Christo.

—«Foi n'essa terra sagrada,
Lá, n'essas terras distantes,
Que a fronte se me cobrio
De rugas tão penetrantes.

—«Algum voto que compriste?
Quem sabe, magoas da vida,
P'ra tão longe te levaram,
Romeiro, da patria querida?

—Levou-me a negra tristeza
Mais negra que a propria morte,
Martyrios que Deus envia
P'ra vêr se nossa alma é forte.

—«Ora diz-me bom romeiro,
Diz á castellã, em breve,
Se os segredos da tua alma
São puros, qual pura neve?

—«No mosteiro dobra o sino,
Já não tarda a luz da lua,
Guardas e pagens repousam
Tens toda a noite por tua.

—«Segue-me á torre mais alta
D'este tão alto castello,
Aprumada sobre as ondas,
Coberta toda de gelo.

—«Não temas que tudo dorme
E a noite já vae bem alta,
Té as aias que me velam
Nem deram por minha falta.

—«Vem contarme as tuas penas
N'aquella torre sombria,
Onde em baixo o mar fremente
Ruge contra a penedia.

E nas arcadas mais negras
D'aquella vasto aposento,
Sumiram-se as duas sombras
Ao triste carpir do vento.

II

—«Não tremas, Maria, de joelhos te rogo
Perdôa esta fraude, só filha d'amor,
Amava-te louco, sem ter esperanças...
Teu pae era nobre, possante senhor.

—«As noites passava, febris, sem descanço,
Eu filho do povo,—sentença fatal!
Luctei, mas não pude vencer-me na lucta,
Cingi estas vestas, és minha afinal.

—És minha, não podem nem ceus nem inferno
Roubar-te a meus braços, não tremas, bem vês,
Viessem cohortes, phalanges inteiras,
Prostradas seriam de rojo a meus pés.

—«Que torre sombria!—no mar espumante
Eu tenho uma barca, qual ninho gentil,
Vem tu ser rainha d'aquelle que affronta
Medonhas tromentas, combates aos mil.

—«A minha bandeira, terror d'estes mares,
Altiva campeia, sem nunca baixar,
Serás uma estrella que guia e conforta,
O rude corsario nas lides do mar.

—«Descança, não tremas, que as ondas bravias,
Arredam suspeitas, soldados d'aqui.
A noite vae negra, recresce a tormenta
Descança, que um anjo d'amor nos sorri.

. . . . . .

Em breve, qual nuvem que passa ligeira
Em louca vertigem por sobre esse mar,
Assim uma barca, fugia apressada
Do branco castello, phantasma a velar.

No dia seguinte foi tudo benzido,
Solar e fidalgo, mais pagens tambem,
Corria por certo haver o demonio
Levado uma virgem nas garras que tem.

RECORDAÇÃO

A noite formosa, repleta d'encantos
Vês tu?—meus amores—descendo já vem,
Avulta a meus olhos, no fundo horisonte,
A sombra gigante das serras d'alem.

Abriste a janella, fronteira das ondas,
E a branca cortina de leve tremeu,
A brisa do norte beijou-te essa fronte
Mimosa, innocente, qual mimo do ceu.

Depois tu scismas-te com o rosto encostado,
Á dextra tão fina, qual fino setim,
Mulher pensativa, desperta ridente,
Os anjos que soffrem são tristes assim.

A lua lá surge das serras distantes,
As nuvens cercando de mistica luz,
Ai! dá-me um sorriso, visão encantada,
Enflora esta vida, qual rosa na cruz.

A longa descrença q'envolve minha alma
É vasto sepulchro batido do mar,
Mas podes, donzella, com doces carinhos
Em risos as sombras da noite trocar.

Busquei-te do mundo nos gozos mentidos,
Nas festas, nos bailes—imagem louçã,
Julgava encontrar-te, mas louco sonhava
Um sonho desfeito na luz da manhã.

Qual prodigo filho, cançado, sem norte,
Vaguei pelos ermos da vasta soidão,
E longo o deserto, q'importa? eu dizia,
As trevas da morte mais longas serão.

Tu fostes a pomba que finda a tormenta
Voltaste trazendo prenuncios de paz,
O sol mais festivo resurge das agoas
E as nevoas tão densas da noite desfaz.

Vem, pois, meus encantos, se queres ensinar-me
A fé que nos salva do mundo nos veus,
Creança, a meu lado, recorda-me sempre
A prece sentida que dizes a Deus.

Á ILHA DE S. MIGUEL

No vasto deserto do mar sem limites,
Das ondas cercada no louco furor,
Existe uma terra de lêda magia,
Um berço de rosas—um leito d'amor!

Jamais das estrellas a luz scintillante
N'um prado mimoso mais linda poisou;
Jamais das montanhas o sol que desponta
Alfombras ridentes tão meigas formou.

Nos lagos, nas rochas do mar sobranceiras,
Nas selvas, nas fontes de puro crystal,
A mente delira com doce harmonia
Ao ver essa per'la que luz sem rival.

É grande nas obras que intenta soberba,
De nobres virtudes constante sorri;
Escreve seus fastos com mão generosa
Diz sempre aos que soffrem—«coragem, pedi».

E o anjo que véla seus sonhos d'encantos
Mais linda a encontra da tarde á manhã,
Qual noiva formosa toucada de branco,
A fronte nas vagas mirando louçã.

Se dado me fora, quizera offertar-te
Esplendidos cantos—ó ilha gentil;
Mas pobre só posso, na lyra que treme,
Sagrar-te saudades, aos centos, ás mil.

Eu fui peregrino passando nas trevas,
E tu me acolheste nos braços tambem,
Por isso eu te quero, qual filho ditoso,
O meigo sorriso d'uns labios de mãe.

A ESTRELLA D'ALVA

Como és linda minha estrella!
Quão suave a tua luz!
Ai! mas tu ficas tão longe,
Tão longe da minha cruz...

Bem podias com teus raios
Da noite as trevas findar...
Dar-me abrigo no teu seio,
Aos ceus atè me guiar.

Ès a virgem pensativa,
Ès a essencia da flôr,
Tu és a nuvem doirada
Ès estrella o meu amor.

Virgem do ceu piedosa,
Dos anjos formosa mãe,
Encaminhai-a—Senhora!
N'esses espaços d'alem.

Não a deixeis tão singela,
Baixar em turbido veu,
Não podem brilhar na terra
As per'las que são do ceu.

Quando a tormenta bravêja
Quem sabe as ondas vencer,
Se não tiver caridoso
Um anjo p'ra lhe valer?

Pois a minha estrella é linda,
È dos ceus a flôr louçã,
Vae sorrindo adormecida,
N'argentea luz da manhã.

O REGRESSO

Com a filhinha nos braços
Á luz do triste luar,
Eil-a na praia deserta
Fitando as ondas do mar.

A brisa do frio outono
Lhe faz o seio tremer,
Onde dorme a innocente
Ai! sem outro abrigo ter.

—«O mar geme lamentoso
D'escuma nos vem cobrir,
Minha filha é já tão tarde
E teu pae ainda sem vir!

—«Pobre creança não sabes
As magoas q' a vida tem,
Pois adormeces tranquilla
No collo de tua mãe.

—«Em que sonhas meu anjinho?
Ris agora aos pés de Deus?
Ou segues alguma estrella
No vasto espaço dos ceus?

—«Olha essa nuvem tão negra
Que pelo luar passou,
Vê as ondas como bramem,
Porem teu pae não voltou!

—«Pede á Virgem caridosa
Que lhe dê monção feliz,
Coitado! tantas fadigas,
Mas se Deus assim o quiz.

—«Filha, filha, despertaste,
Fitas o mar a sorrir,
Não vês por entre essa nevoa
Um ponto negro surgir?!..

—«Espera, senti ao largo
D'um pescador a canção...
Nuvens do ceu dissipaivos,
Dai-me da lua o clarão.

—Eil-a a barca desejada,
Eis o repouso por fim,
Já nos avistam na praia...
Lá chamou teu pae por mim.

—«Bemdita seja tal hora,
Toda risonha d'amor,
No luctar sempre constante
Da vida do pescador!

A VIRGEM DO MAR

Na quadra das sombras, no livido outono
Eu via sentada nas praias do mar,
Estatua de neve, firmada em rochedos,
Mas linda, qual anjo tranquillo a scismar.

A lua, por vezes, rompendo os espaços
Beijava-lhe a fronte, mimosa, de flôr,
E a virgem singela semelha uma rosa,
Ou pallido lyrio n'um beijo d'amor.

Eu disse:—«Não temes cruel soledade,
Que buscas das ondas na triste soidão?
Repara, não sentes, que a noite vae alta,
Mais negras, cerradas, as nuvens já são!

—«Regressa, formosa, na tua varanda
A brisa é mais doce; na luz da manhã
Serás odalisca repleta d'encantos,
Em loucos folguedos sorrindo louçã.

—«A vida é qual taça que brilha e transborda
Nos calidos beijos d'uns labios gentis,
A noite segreda mil sonhos fagueiros,
Tem sylphos, tem per'las, tem flores e rubis.

—«Porem n'esta praia batida das ondas,
Sem luz adormeces n'um somno fatal,
A vaga revolta n'um leito de escuma
Te cerca e t'envolve com voz sepulchral.—»

Erguida na rocha, do mar sobranceira,
Buscou n'outros climas mais limpido ceu...
Já fria, sem vida, debalde a chamava
Que a flôr da minha alma p'ra sempre morreu.

Na quadra das nuvens, no livido outono,
Eu sempre a diviso mil vezes assim,
Um dia me disse: Vem sob os cyprestes,
Porque me não segues, que esperas por fim?

Irei, talvez breve, aguarda-me um pouco,
As trevas já descem na vasta amplidão,
Ensina-me, virgem, no seio da noite,
As portas sagradas da tua mansão.

TRISTEZA

Ás vezes,—Maria—na praia deserta
Do sol que declina no triste pallôr,
Minha alma gemente do mundo liberta
Escuta das ondas o vago rumôr.

A vòz tão sentida d'algum gondoleiro,
Na meiga Venêsa cantando ao luar,
Não diz o que dizem no som derradeiro
As aves cançadas poisando no mar.

Depois tudo finda...n'areia calada
Redobram mil sombras na vasta soidão;
E a brisa correndo d'amor perfumada,
Levanta das trevas saudosa visão.

Eu vejo de novo teu meigo sorriso,
Da fronte innocente na pallida têz;
Nas brancas roupagens bater eu diviso
Teu seio de neve,—de fogo talvez.

Ai! tanto sonhámos, recordas, Maria?
Que triste destino tivemos por fim!
A tua grinalda fôi rôta n'um dia,
Os gosos da vida fugiram de mim.

A morte esperemos,—quem sabe?..distante
Talvez nos resurja mais lêda manhã;
Apóz da tormenta, veloz, delirante,
Palmeira d'encantos sorrindo louçã.

A CRUZ PERDIDA

—«Onde perdeste Maria,
A pequena cruz doirada,
Que pela festa passada
No teu peito vi brilhar?
Disias ser uma offerta
Que t'eu pae te dera um dia,
Onde perdeste, Maria,
Esse emblema salutar?

—«N'esse tempo eras tão linda,
Com o teu cabello cahido,
Sobre o mais branco vestido,
Qual do lyrio a nitidez.
Contavas então quinze annos,
E nunca o anjo da guarda

T'encontrara descuidada,
Em loucos sonhos talvez.

—«Vê, que vergonha se em breve,
Teu pae voltar e não veja,
Tão pura como deseja
A pura flôr que deixou!
E contemplando-te triste
Te perguntar magoado:
Ai! filha quem te ha roubado
A cruz que Deus nos legou?

Tu choras, a vida é triste
É como o clarão da lua,
Que á meia noite fluctua
D'uma egreja na mudez;
Alli sem beijos d'amores,
Nem melodias suaves,
Vae quebrar-se pelas naves
Coberto de pallidez.

Resa, Maria, na terra
Os nossos dias são dores,
E quem pode colher flores
Senão quem resa, mulher?
Acaso de Magdalena
Não perdoou Deus os peccados,
E nos seus braços sagrados
Não se foi ella acolher?

Bemdita seja a doutrina
Por Deus no mundo firmada,
Uma flôr que jaz fanada
Pode ainda renascer...

Deixando p'ra sempre o lôdo
Que lhe roubava a frescura,
Deus lhe dá meiga ventura,
Tendo novo amanhecer.

Resurge, pois, minha filha,
Vem brilhando a luz do dia,
O sol de novo te guia,
Volta a fronte para o ceu...
E deixa a vida passada
Sumir-se longe, distante,
Qual vago fantasma errante,
Que nas trevas s'escondeu.

NO LEITO

Ninon, Ninon, que fais tu de la nuit?

A. de Musset.

—«Eil a a dormir descuidosa,
Rosa,
No seu leito de marfim.
Louros cabellos revoltos,
Soltos,
Por sobre a têz de setim.

—«Se um raio meigo da lua,
Nua,
Lhe fosse a fronte beijar,
Ai! Quem soubera os segrêdos,
lêdos,
Do seu ridente sonhar.

—«O mais ascetico monge,
Longe,
De fugir d'esta visão,
Abrazado em rubro fogo,
Logo,
Cahiria em tentação.

—«Deixava um moiro o turbante,
Ante,
Dois ou trez beijos dos seus;
Um turco dera Mafôma,
Rôma...
Rôma, um padre, e mais os ceus.

—«No seio da branca neve,
Deve,
A luz do sol ser gentil,
Mas o teu olhar d'amores,
Flores,
Fàz nascer ás cem, ás mil.

—«Por entre os negros cyprestes,
Vestes,
Formas d'anjo, que seduz...
Q'importa a vida, em morrendo,
Tendo?
A resar-te junto á cruz?

—«Sim, és tu, vestal sagrada,
Fada,
A quem cercarei d'amor.
Toda envolta na candura,
Pura,
D'um archanjo do Senhor!

GALATHEA

—«Ès um sonho d'artista, és flôr divina
Na luz da madrugada,
Anima-te, mulher, dá-me os teus labios,
A tua têz nevada.
Nem Apelles, nem Phidias portentoso
Com magico cinzel soube egualar-te,
O teu collo de cysne è tão formoso
Que a teus pés prostaria o proprio Marte.

—«Estatua inanimáda, s'eu podera
N'um beijo dar-te a vida,
Dera mais do meu peito ardente lava
A refrevêr sentida.
Que noites de prazer!—por entre flôres
As filhas d'Amathonte em doce enleio
Ouviriam os [illegible] antiços d'amores,
E o brando palpitar d'este teu seio.

—«De joelhos, n'este chão, venho implorar-te,
Que vivas virgem linda,
Innocente vestal vem nos meus braços
Gozar paixão infinda.
Desperta ainda que seja um breve instante
E immersa n'esta chama que devora,
Seja a vida qual sonho deslumbrante
Que dure um só momento muito embora.

—«E tu filha dos ceus, Venus formosa,
Á minha dôr attende,
Empresta-me o teu cinto que aos amantes
Ingratos peitos rende.
Como tu resurgiste assim tão pura
Da crystallina espuma d'esses mares,
Permitte que esta flôr de tanta alvura,
Animada, dê fins aos meus pesares.

—«Mas que vejo?!..desperta docemente
Com magico sorriso!
O seu peito palpita e a côr do pejo
Nas faces lhe diviso.
N'um languido olhar ella m'envolve
Qual doce inspiração d'esta minha alma...
Artista, a tua sorte o ceu resolve,
Vem sempre apoz da lide dôce palma.

VISÃO

Eis que sôa a meia noite,
Vem—ò doce companheira,
Surge da campa ligeira,
Que tão cedo te escondeu...

Nem uma estrella no ceu,
Que possa guiar teu passo;
Mas és flôr, vem no regaço
D'algum meigo cherubim,

E não me deixes a mim
A viver no soffrimento,
Sem ti a vida é tormento
P'ra que não tenho valor.

Porem chegas,—meu amor,
Como tens as mãos geladas!..
São longas horas passadas,
Bem junto da tua cruz.

Embora, s'eu n'ella puz
A minha fé mais ardente,
E se tudo aqui nos mente,
Eu espero esse arrebol.

Como o nauta espera o sol
Da tempestade no seio,
Assim quero sem receio
No seu regaço dormir.

Por que te vejo sorrir?!
Este mundo alfim q'encerra?
São sete palmos de terra,
Herança que todos tem.

Mas a crença que nos vem
D'um outro clima distante,
É formoso diamante,
Festiva luz da manhã.

Tu que fostes tão louçã,
Quando no mundo habitavas,
Diz-me se hoje trocavas
Pelo nosso o teu viver?

Ai! longe, longe has-de ter
Um jardim d'ethereas flôres,
Resguardado dos rigores,
Descanço para quem morreu...

Rasga-me, pois, este veu,
Leva-me a viver comtigo,
No deserto ha um abrigo,
E esse abrigo é o ceu.

A VIGIA DOS MORTOS

I

Ha sitios naturalmente tristes, parecendo d'antemão talhados pela Providencia como moldura para sombrios quadros, correspondem á forma e folhagem das arvores dos cemiterios ou ao canto lastimoso de certas aves. São eguaes á violeta ao pé da bonina, aquecidas pelo mesmo sol, banhadas pela mesma luz, uma porem vistosa e alegre a outra humilde e sentida.

A estrada do sul n'esta pequena ilha do Fayal produz-nos geralmente melancolica sensação;—alem das ultimas casas da cidade começa uma costa baixa, negra e uniforme a acompanhar o caminho que segue quasi sempre á beira mar, nem arvores que se debrucem por cima dos negros muros do lado da terra, nem um accidente do terreno que nos permitta alargar a vista pelos variegados campos;—somente a nossos pès essa extenção immensa do oceano e esse lamentar incessante das vagas desfazendo-se nas penedias.

Por vezes a branca vela de um navio se avista ao longe, sulcando a custo as ondas e afastando-se silenciosa.

Quasi a meio caminho, porem, entre a cidade e a freguezia da Feteira um ponto mais elevado se encontra ao lado da estrada, mostrando ainda os restos de uma antiga fortificação e coroado por uma casa de abebada, aberta de noite e dia, denominada a Vigia dos Mortos. D'alli olhamos mais desassombradamente para os campos visinhos, para o mar a que fica sobranceira e para a estrada que similhante a uma enorme serpente se estende a perder de vista.

Em 1830, epocha em que começa esta singela historia, a pequena distancia da Vigia e um pouco a oeste do caminho havia uma pequena habitação de pescadores, de aspecto humilde, mal resguardada dos temporaes, e denotando aquelle todo mais do que pobreza, quasi miseria. Era alli que desde muitos annos morava o tio André Ganhôa, como era vulgarmente conhecido, velho d'uns sessenta annos d'edade, alto, ainda vigoroso, de côr bronzeada pelos raios do sol e de aspecto sombrio. Fallava pouco o tio André, ou fosse que o isolamento no mar, a que a sua ardua vida o obrigava, lhe tivesse feito adquirir aquelle habito, ou então que algum pezar occulto lhe pungisse de continuo a consciencia.

A par do velho pescador é nos preciso esboçar tambem duas outras creaturas que alli viviam juntas e que lhe deviam o nascimento.

A primeira era Manuel, uma creança ainda, de dez annos já feitos, vivo, de feição intelligente, corado e robusto. Apezar dos andrajos com que andava vestido, sympathisava-se geralmente com o rapasinho, o qual creado desde que nascera junto do mar, era já um soffrivel pescador, affeito e sempre alegre.

A outra era uma rapariga de quinze annos, denominada Conceição, bastante morena, com uns olhos

rasgados que valiam dois diamantes, e dos quaes a negra côr sò tinha rival nas abundantissimas messes de finos cabellos que lhe circundavam a fronte. Uma suave melancolia vinha por vezes tornal-a ainda mais bella, abria então a pequena janella do seu aposento que ficava fronteira ao mar, e alli permanecia longo tempo a contemplar o sempre magestoso quadro d'um bello occaso do sol;—tingia-se n'essa hora o oceano dos mais lindos cambiantes, incendia-se o occidente do clarão de um incendio, respirava a natureza como exhausta de forças, as primeiras sombras da noite vinham já entristecer a terra, e a claridade meiga e pura das estrellas ainda alli a vinha encontrar engolphada n'aquelle scismar.

—Que linda pequena! diziam os da cidade, se acaso então passavam.

—Adeus, Conceição, gritavam-lhe as raparigas da visinhança, que alegremente se dirigiam, á noitinha, a buscar agua do poço proximo. E então ella, como se aquelles risos e folgares mais lhe toldassem o coração, cahia insensivelmente de joelhos, elevava aos ceus os formosissimos olhos, e com uma voz fresca e apaixonada dizia:

—Protegeio-o, meu Deus.

É porem tempo de anteciparmos alguns mezes esta narrativa, afim de que o leitor mais a fundo conheça quem seja o mortal que merece a Deus a intercessão d'uma tão perfeita rapariga.

II

Seria longo o martyrologio que teriamos a descrever se acaso nos proposessemos debuxar, ainda que muito de leve, a historia da emigração n'esta ilha e as suas consequencias, de tão longe vem ella e tão fundos tem sido os seus golpes. Deixa se a familia, os affectos, os amigos, os campos incultos e ao desamparo, a casa que nos abrigou na infancia, para seguirmos essa voz tentadora que nos chama, esse illusorio sonho que nos fascina, e cujo despertar, o mais das vezes, só traz desenganos, remorsos, ou um pouco de oiro comprado a peso da honra e da dignidade.

Na epocha a que nos referimos, e pouco tempo antes de travarmos conhecimento com a elegante filha do pescador, a escuna *Flor do Fayal* deixara esta ilha com destino ao Rio de Janeiro, conduzindo grande numero de passageiros. Foi n'esta leva que Francisco o filho unico d'um abastado lavrador da Feteira embarcára, disendo-se no logar que depois de serios desgostos com o pae por causa d'uns certos amores em que Francisco andava embedido, resolvera este mandar o rapaz para terra aonde lhe passasse a paixão e ao mesmo tempo podesse ganhar muitas patacas.

Ora, que a auzencia para os negocios do coração è

peior do que a morte jà dizia com bastante propriedade o nosso padre Antonio Vieira:—Se esquecemos tão depressa os finados de que apenas nos separam alguns palmos de terra, com quanta mais facilidade esqueceremos os vivos de quem ficamos apartados por milhares de legoas?

Andára pois, no juizo do vulgo, ajuizadamente o lavrador.

Francisco robusto e guapo como era, tendo alem d'isso cursado, na cidade, os *estudos*, estava apto para se engrandecer e voltar regenera do darasteira affeição a que se devotara.

Lagrimas da primeira separação, primeiras folhas arrancadas da arvore ainda juvenil da vida, primeiro desengano a toldar o limpido ceu da mocidade, feliz de quem vos não houver provado.

As nuvens que levantais no coração do homem, não são como as nuvens que Deus semêa atravez do espaço, estas leva-as o vento de corrida, ou tinge-as o sol d'alegres cores, aquellas entristecem para sempre a alma, e enluctam persistentemente a existencia.

Foi uma triste despedida a dos dois amantes. Conceição estreitára pela primeira vez nos braços a Francisco, e este lhe jurára um amor eterno e que jámais casaria com outra mulher.

A varanda de Julieta com todas as suas suaves variantes, reproduzia-se mais uma vez, e os reflexos d' um amor immenso, nobre e puro parecia illuminar as frontes dos dois adolescentes.

Na manhã seguinte a *Flor do Fayal*, como um passaro voando apressado á tona d'agua, afastava-se d' estas praias, seguiram-na muito tempo com a vista as familias dos que haviam embarcado, até que perdida no horisonte, ganhava a sós o seu longo caminho.

III

Foi por este tempo que conhecemos a nossa heroina e assim foram decorrendo muitos mezes. As primeiras noticias vindas do Brazil davam o navio chegado a salvo e todos os passageiros de saude, sendo lenitivo ás saudades de Conceição uma extensa carta de Francisco, cheia de frases affectuosas e sentidas.

Empregara se, dizia elle, n'uma fabrica de charutos, esperando que em pouco tempo podesse adquirir por si os parcos meios que ambicionava, para regressando á patria, poder effectuar o seu casamento, ao qual a sordida teima do pae tinha posto embaraços.

Raio de luz n'aquelle coração singelo foi para Conceição uma tal noticia; e cada dia que passava mais um bago cahido da morosa ampulheta da vida que tão longa lhe parecia.

Um anno mais tarde uma nova carta foi recebida na pobre morada do pescador, abrio-a Conceição, como a antecedente, ás occultas do pae, e recolhida no seu aposento leu o que se segue:

«Rio de Janeiro=Março de 1833

«Minha querida Conceição.

«Ao abrires esta é possivel que já eu demandando «essa ilha tenha para sempre abandonado esta terra

«que me è madrasta e aonde sò trabalhos e enfermi-
«dades vim encontrar. O sonho ridente em que nos
«haviamos embalado quem sabe a sorte que o espera?
«Pobre florinha nascida tanto d'alma não fenecerá a-
«caso ao sopro da desventura?—Ha tempos que me
«sinto gravemente doente, um aturado trabalho, supe-
«rior ás minhas forças, alterou a robusta seiva que na
«minha terra fruia. E depois este clima, sempre ca-
«lido, sempre o mesmo. . .Soffro horrivelmente do pei-
«to, aconselham-me os medicos os ares patrios e para
«ahi seguirei na primeira opportunidade

«Não sei porem que presentimento me enlucta o co-
«ração, dizem-me as longas vigilias das minhas noites,
«que a patria que me espera é o ceu, a verdadeira pa-
«tria dos infelizes.

«Seja porem como fôr, acredita Conceição que na
«vida e na morte só teu serei.

FRANCISCO.»

Tremeu a rapariga ao terminar a leitura d'esta carta, sem uma amiga a quem confiasse as suas magoas, sem mãe no seio da qual derramasse as lagrimas que lhe marejavam a vista, só, entre aquellas quatro paredes, e por companhia o aspecto sombrio de seu pae, ou então ainda o mais custoso estouvamento do irmão.

Soffreu muito como todos aquelles que soffrem sosinhos, anciosa e vacillante tinha comtudo fé no Deus de misericordia que nunca abandona a pobre creatura; ás vezes uma esperança de goso, de felicidade e amor vinha por momentos illuminar lhe a alma, fugitiva porem, como o fusilar do relampago para depois nos deixar envolto em trevas.

Uma manhã o sol erguera-se esplendido, o marulho do mar nos rochedos tinha não sei que meiguice suspirosa, dir-se-hia que este immenso gigante requestava a terra, o ar fresco da madrugada estava perfumado como o halito de uma creança, a primavera em fim com todas as suas louçanias e encantos desdobrava o seu regaço de flores e sorria alegremente.

A casa de Conceição banhada n'aquella luz parecia até não ter um ar tão taciturno, e emquanto o tio André concertava, ao sol, as malhas d'uma rêde, o pequeno Manuel que havia bocado fitava o horisonte, lhe disse:

—Não me engano, meu pae, ora veja, é um navio lá muito ao longe e parece demandar a terra...

O velho levantou silenciosamente a cabeça, chegando uma das mãos aos olhos por causa dos raios do so e murmurou:

—Que te importa a ti com os navios?..anda, vae trabalhar, ainda hoje não aguaste a lancha, vamos, vamos, *sôr* mandrião.

—Já lá vou, pae; mas é que isto de navios é tão bonito, olhe em eu tendo mais dois annos embarcome de certo.

—É o que vocês todos fazem, respondeu com mau modo o velho, os paes que fiquem para ahi ao desamparo, a morrer de fome...

—E se acaso, atalhou Manuel, não fosse o dinheiro que de fóra vem para esta ilha não seria muito peor? É de mais o pae não vê como voltam alguns rapazes remediados e muito remediados, e então todas as raparigas do logar *meu santo Antonino aonde te porei?*.

—Ó sôr brejeiro pois você tambem já?..disse o velho lançando a mão a um bartidoiro que estava proximo.

O rapaz vendo aquelle movimento e para evitar as graças um pouco asperas do pae, largou a correr em direcção da lancha, cantando em alta voz na tão popular toada da *Chamarita*:

«Ai! adeus, meu pae, adeus
«Que já me vou pr'o Brazil
«Não ha terra como aquella
«Heide ter escravos mil.

A conversa dos dois não tinha sido perdida por Conceição, e em todo o dia aquella embarcação que lentamente se aproximava foi o cuidado do seu pensamento.

IV

Perto da noite já o navio estava proximo, era uma galera, o vento e a maré tinham-n'a trazido a umas duas milhas da terra distinguindo-se perfeitamente as côres da bandeira brasileira.

Foi uma noite de cruel incerteza para Conceição a que se seguio, d'aquelle navio dependia talvez a sua sorte, n'aquelle navio estava a sua alma, a sua vida, a realisação de todos os seus sonhos, ou quem sabe? o terrivel desengano de negros presentimentos.

Os primeiros alvores da manhã vieram-n'a achar ainda erguida, aprontou o mais depressa possivel o almoço da familia e apenas o pae e o irmão sahiram para o mar, cobrio apressadamente um chale, alisou os negros cabellos, lançou um rapido golpe de vista para o pequeno espelho suspenso da parede e dirigio-se para o caes.

Alli, como sempre, em taes occasiões, a concorrencia era immensa, cada passageiro que da galera brasileira tinha desembarcado era logo cercado d'uma alluvião de pessoas perguntando-lhe noticias dos seus e muito pesarosos quando lh'as não davam, como se nas vastas terras de Santa Cruz, todos se devessem conhecer, ao menos de nome.

A um barqueiro de Porto-Pim, que andava na sua pequena lancha conduzindo bagagens para terra ousou a rapariga perguntar que por esmola lhe dissesse se n'aquelle navio vinha o Francisco da Feteira?

—Olé, respondeu o homem, e pelos modos não se deu mal por lá, vem que é um fidalgo...

—Louvado sejais, meu Deus! disse mentalmente Conceição, e como um escaler se aproximasse com passageiros, chegou-se mais ao parapeito do caes a ver se n'aquelle numero viria o amante.

Não se enganava. Esmeradamente vestido, de mala a tiracollo, com o classico chapeu de palma dos que vem d'aquellas regiões, pallido pelo effeito do clima que habitara, Francisco achava-se encostado a um dos lados do escaler, tendo junto de si uma mulher bastante magra, possuidora d'uma feição grosseira, feia, e vestida com luxo. Dirigia-lhe esta a palavra a que elle respondia sorrindo.

O coração da filha do pescador pulsou-lhe fortemente no seio, quem seria aquella desconhecida?

Desembarcaram, acercaram-se todos dos recem-chegados, abraçou o pae de Francisco estreitamente o filho, apertando depois a mão da mulher que o acompanhava e dirigiam-se então para o lado da terra.

N'este momento Conceição a quem uma suspeita terrivel já alvoraçava o espirito conseguio romper o circulo que ainda rodeava os dois passageiros e chegando-se tremendo ao amante, disse-lhe:

—Bem vindo, Francisco;

O rapaz, voltou-se, encarou a pobre rapariga, franzio de leve as sobrancelhas como se tentasse avivar a recordação de quem lhe estava fallando, e depois respondeu-lhe desdenhosamente:

—Adeus, pequena, estimo encontrarte de saude, e

unindo-se mais da brazileira, inclinou-se-lhe ao ouvido dizendo o quer que fosse a que ella sorrio.

—Oh! pelo amor de Deus, digam me quem é esta mulher? perguntou em alta voz a açoriana.

—Mais respeito, sevandija!..respondeu irado o pae de Francisco, esta senhora é a esposa de meu filho.

O sangue todo da rapariga refluio-lhe ao coração, sentio que a terra lhe faltava debaixo dos pès, e que um deslumbramento medonho a fazia oscillar, soltou um grito agudo e foi cahir de encontro á proxima muralha do castello.

Horas depois recobrando os sentidos só vio junto de si uma velha sua visinha, que por caridade lhe havia prestado alguns soccorros.

—Que desgraça a minha, tia Marianna, disse ella debulhada em lagrimas, e para que me deixou Deus viver até este dia?!

—Tem paciencia, rapariga, respondeu a velha, nós os pobres só vivemos para padecer, o rapaz segundo ouvi casou muito rico e bem vês que...

—Mas então para que me enganava?...e aquellas suas cartas?..oh! isto é incrivel...

—Olha Conceição quando atè agora tu desmaiaste, chegou-se o Francisco a mim e disse-me que só se isso era por causa de uma correspondencia que existia entre ti e sua mulher...

—Pois não era elle que me escrevia?!

—Parece que não e que essas cartas não passavam d'uma brincadeira da brazileira, que segundo elle diz, é muito divertida.

—Que Deus lhes pague o mal que me fizeram, respondeu tristemente Conceição, mas é cruel, tia Marianna, divertirem-se assim, e ludibriar elle quem tanto amor lhe consagrava.

A velha amparou, como poude, Conceição e aquelles dois simulacros, uma da morte da alma, outra da velhice, a morte do corpo, foram lentamente seguindo o caminho das suas humildes moradas.

V

Algum tempo depois Conceição estava quasi doida, immersa n'uma melancolia profunda e resignada, passava horas e horas sentada na elevação da Vigia, e nem a chuva ou as fortes ventanias do mar a faziam d'alli mover

Fitava sempre as buliçosas ondas do oceano, os cabellos soltos e desgrenhados volteavam-lhe á mercê do vento, e o sol ardentissimo do verão tinha-lhe requeimado o rosto e os braços, dir-se-hia por vezes uma estatua, tal era a immobilidade que conservava, e tão arredada parecia estar da vida e de tudo que se passava em seu redor.

A casa do pescador estava agora em verdadeiro desamparo, o rapaz fugira n'um navio baleiro e o velho a custo podia ganhar o necessario para a propria sustentação e da filha.

Teimava, porém, que lhe tinham enfeitiçado a pequena e andava de rixa com a supposta feiticeira do logar, de quem jurára dar cabo.

Francisco logo que chegou comprára muitas terras, vivia abastadamente, e dispunha-se a uma lauta festa em louvor do Espirito Santo, promessa feita no Brazil se acaso realisasse a ambição que tinha de voltar rico e feliz á sua patria.

Diziam, porém, na freguezia que elle não era casado, e até mesmo segredavam d'um certo roubo em que andara envolvida, quando estava no Brazil, uma concubina do seu patrão, com quem Francisco depois fugira.

Isto, comtudo, não passava de um boato. Não tinha Francisco bastante oiro para fazer calar a bocca ás más lingoas?

Uma vez chegou o pescador a casa e Conceição ainda não tinha entrado, era já noite, e foi procural-a ao poiso do costume, mas a Vigia estava deserta. Inquieto com o desaparecimento da filha buscou-a em vão por toda a parte sem que pessoa alguma d'ella lhe desse razão.

Na manhã seguinte o mar arrojou um cadaver á praia, era o da infeliz Conceição.

Poucas horas depois estava enterrada no cemiterio geral d'esta cidade.

A sepultura da filha do pescador foi por muitos annos um logar de respeito para as pessoas conhecedoras d'esta humilde historia.

Deu-lhe alli o Deus bondoso, o Deus dos infelizes o descanço que não lográra em vida;—á sombra da pequena cruz do cemiterio, sem grinaldas nem pomposos disticos dorme em paz aquelle coração que tanto soube amar.

Vem os raios do sol innundar de luz o seu innocente leito, e beijar amorosamente o musgo que a recobre, as flôres da primavera debruçam-se perfumada e viçosas sobre aquelles palmos de terra e as avesinhas do ceu alli vem cantar os seus amores.

A justiça de Deus que sempre vela, ainda que por vezes a nós fracos mortaes pareça dormitar, está entregue a sua vingança.

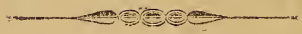
Mas se um dia os golpes inevitaveis da justiça do Eterno, vierem ferir a familia do abastado Francisco, haverá no ceu uma santa que ainda interceda por elle, será o vulto sereno e triste da pobre rapariga do povo sacrificada ao demonio da ambição.

FIM.

INDICE

Introducção	PAGINA	7
Como acabam vaidades.	«	9
Mãe.	«	45
Canção da primavera	«	47
Adeus	«	49
A um cedro	«	51
Scena intima.	«	53
Job.	«	55
Canção do barqueiro.	«	58
A Francisco de Sá Noronha. . .	«	62
O noivado	«	65
A costureira	«	67
Novembro	«	70
As creanças	«	73
A virgem branca	«	77
A corôa d'espinhos.	«	80
Marianna	«	83
O monge de pedra.	«	86
Anhelos	«	90
A despedida	«	92
Lembras-te?	«	94
Margarida	«	97
Inspiração	«	137
A fé	«	140
1.º de dezembro de 1640. . . .	«	144
Lua d'agosto	«	148
A avesinha.	«	151
Desalento	«	153
O fio de perolas.	«	156
Stabat Mater	«	159
A dama dos coraes.	«	163
O romeiro	«	195
Recordação.	«	199
Á ilha de S. Miguel.	«	201

A estrella d'alva . . . . . PAGINA 203
O regresso. . . . . « 205
A virgem do mar . . . . . « 207
Tristeza . . . . . « 209
A cruz perdida . . . . . « 211
No leito . . . . . « 214
Galathea. . . . . « 216
Visão . . . . . « 218
A vigia dos mortos . . . . . « 221



ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
32	12	prorogativas	prerogativas
«	34	retrocendo	retrocedendo
38	13	entetanto	entretanto
41	5	a esse	a esses
76	1	abençou-o	abençôo
79	7	vassa	vasta
96	8	profume	perfume
112	27	a caso	a casa
115	11	lhes	lhe
129	18	Perdo-o-lhe	Perdôo-lhe
168	33	aquella	aquelle
171	4	offrenda	offerenda
172	11	ensaguentada	ensanguentada
180	10	determinas	determinadas
182	4	complaecencia	complacencia
189	24	partilha	partilhar
218	9	a mim	assim

Contem mais alguns erros, que o leitor facilmente corrigirá, os quaes por serem insignificantes não foram apontados para emendas.

1 F Ja'33

Preço d'este volume. . . . . 600 réis

Para fóra da ilha accresce o custo da estampilha. Remette-se a quem enviar o seu custo em vales do correio ou estampilhas.

Vende-se n'esta cidade na loja do sr. Magalhães, em frente do Collegio, e no estabelecimento do sr. Cabral, rua do Mercado.

Obras que se vendem no escriptorio da Typografia Hortense, rua de São Francisco, N.º 4, Horta.

DICCIONARIOS, portuguezes, grandes e pequenos, com synonymos, francezes e inglezes, encadernados.
HISTORIA INSULANA, pelo padre Cordeiro, encadernada.
CODIGO CIVIL PORTUGUEZ, edição official, com reportorio alphabetico regulamento do conselho da tutela e outras disposições publicadas na folha official.
CODIGO PENAL, edição official [ultima], brochura.
HISTORIA DOS GIRONDINOS, por Lamartine, traducção de Francisco Duarte d'Almeida e Araujo, brochura.
HISTORIA DO CERCO DO PORTO, por S. J. da Luz Soriano, 2 volumes, brochura.
FLOS SANCTORUM, ou a vida de todos os Santos, 12 volumes encadernados a 6,
LIVROS CLASSICOS, para o curso dos lyceus.
LIVROS DE MISSA, de diversas qualidades, edições modernas, com boas encadernações e com capa de veludo.
LIVROS, proprios para instrucção moral e religiosa da mocidade, e outros para diversas devoções.
ROMANCES, de bons auctores portuguezes e estrangeiros.
DIALOGOS de conversação em francez, inglez, allemão, italiano, hespanhol e portuguez.
MANUAL DO PROCESSO ELEITORAL, ultima edição, brochura.
NOVO SECRETARIO PORTUGUEZ, ou methodo de escrever toda a especie de cartas, ultima edição.
NOVO MANUAL DE CIVILIDADE, ou regras para qualquer pessoa frequentar a boa sociedade.
BIOGRAPHIA, do Summo Pontifice Pio IX, Papa.
BIOGRAPHIA, do actual bispo dos Açores, D. João Maria do Amaral e Pimentel, com o retrato do mesmo.

Recebem-se no mesmo escriptorio assignaturas para diversas publicações litterarias, e allugam-se livros para leitura.

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 331 297 8